



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Nº 488 | Ano XVI
04/07/2016

ISSN 1981-8769
(impresso)
ISSN 1981-8793
(online)

A memória do Ser em plena civilização científico-tecnológica *‘Antropologia Filosófica’ de H.C. de Lima Vaz, 25 anos depois*

Marcelo Fernandes de Aquino: *Uma Antropologia Filosófica
que se eleva à Metafísica*

Cláudia Oliveira: *Mergulho na natureza humana pelo
reconhecimento do outro*

Marly Carvalho Soares: *Os saberes de uma Antropologia Integral*

Roberto Romano:
“O imperativo categórico
kantiano serviu como
guilhotina intelectual
para cortar o divino
misericordioso”

Ricardo Rabenschlag:
A tensão entre a
ciência e a religião:
Uma disputa pela
verdade ou pelo poder?

Ivone Benedetti:
O cabo de guerra da
sociedade brasileira
ontem e hoje

A memória do Ser em plena civilização científico-tecnológica. ‘Antropologia Filosófica’ de H.C. de Lima Vaz, 25 anos depois

Há 25 anos, Henrique Cláudio de Lima Vaz publicava o primeiro volume da sua obra *Antropologia Filosófica*. O segundo volume foi publicado no ano seguinte, ou seja, em 1992.

Segundo um dos pesquisadores entrevistados, “contrariamente ao modo de fazer Filosofia consagrado no Brasil, caracterizado por um conhecimento verticalizado de um determinado autor, Lima Vaz desenvolveu um pensamento filosófico com abrangência sistêmica”. Para a revista *IHU On-Line*, “a celebração dos 25 anos de publicação da sua *Antropologia Filosófica* serve para fazer a memória desse insigne cristão e democrata que amava profundamente o Brasil”.

A cultura contemporânea, resultante da transformação da razão greco-cristã em cálculo raciocinante e que engendra o mito da práxis absoluta na Modernidade tardia, “mostra-se avessa a experimentar os dilemas metafísicos fundamentais – o ser e o nada, o uno e o múltiplo, o ser e o poder-ser, o ser e o dever-ser, o ser e o devir – como dilemas existenciais que acompanham nosso modo de ser-no-mundo-com-os-outros na mediação da linguagem e abertos à plenitude de inteligibilidade do próton noetón”, argumenta **Marcelo Fernandes de Aquino**, jesuíta, professor e pesquisador do PPG em Filosofia e reitor da Unisinos. Segundo ele “a *Antropologia Filosófica* vaziana se eleva à *Metafísica*”.

Para **Carlos Drawin**, docente da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, pode-se falar em uma intersecção entre metafísica e ética em seus escritos. A *Antropologia Filosófica* expressa essa condensação.

Um mergulho na natureza humana pelo reconhecimento do Outro é a perspectiva abordada por **Cláudia Maria Rocha de Oliveira**, professora e pesquisadora na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Faje, em Belo Horizonte. Ela destaca que, para Vaz, o humano se constitui como ser a partir do reconhecimento de si mesmo, que se dá através da relação com o Outro e do transcendente.

Delmar Cardoso, diretor do Departamento de Filosofia e Coordenador da Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Faje, reporta-se a um pensamento conjugado com a ação a partir do legado vaziano. Ele acredita que o maior desafio de um filósofo é articular o pensamento teórico com a ação concreta de refletir sobre o seu tempo. Para ele, essa foi sempre a busca de Vaz.

“Uma *Antropologia Filosófica* para compreender o “nosso tempo”. Assim o filósofo **Marcelo Perine**, docente na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, analisa o legado da obra filosófica de Lima Vaz.

Para a filósofa **Marly Carvalho Soares**, da Universidade Estadual do Ceará - UECE, é preciso reconhecer a importância da obra de Lima Vaz no seu exercício de apresentar a complexidade dos saberes para o que ela entende como uma *Antropologia Integral*.

Por ocasião do **Ano Jubilar da Misericórdia**, instituída pelo papa **Francisco**, publicamos a reflexão que o filósofo **Roberto Romano**, professor na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp tece na entrevista “Justiça e misericórdia: ‘O imperativo categórico kantiano serviu como guilhotina intelectual para cortar o divino misericordioso’”.

Também podem ser lidas as entrevistas com **Ivone Benedetti**, autora do livro **Cabo de Guerra** (São Paulo: Boitempo, 2016) e com **Ricardo Rabenschlag**, graduado, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, acerca das tensões entre ciência e religião.

Por sua vez, **Diego Pautasso** e **Bruno Lima Rocha**, professores de Relações Internacionais da UNISINOS, analisam o **Brexit**, observando o que emerge, nos âmbitos políticos, econômicos e sociais, a partir do resultado do recente plebiscito realizado na Grã-Bretanha.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!

Imagem da capa: Wikipédia

IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado - MTB 15.598/RS (ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS (joavvs@unisinos.br)

Leslie Chaves - MTB 12.415/RS (leslies@unisinos.br)

Márcia Junges - MTB 9.447/RS (mjunges@unisinos.br)

Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS (prfachin@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Alves.

Colaboração

Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, de Curitiba-PR.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128

e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling

Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 10 **Castor Bartolomé Ruiz:** Que democracia temos e qual queremos? Uma genealogia das técnicas de governo contemporâneas
- 11 **Francisco Suárez 400 anos depois**
- 12 **Ricardo Rabenschlag:** A tensão entre a ciência e a religião: Uma disputa pela verdade ou pelo poder?

Tema de Capa

- 18 **Biografia de Henrique Cláudio de Lima Vaz**
- 19 **Baú da IHU On-Line**
- 20 **Marcelo Fernandes de Aquino:** Uma Antropologia Filosófica que se eleva à Metafísica
- 27 **Carlos Roberto Drawin:** Intersecção entre metafísica e ética em Lima Vaz
- 33 **Cláudia Maria Rocha de Oliveira:** Mergulho na natureza humana pelo reconhecimento do outro
- 37 **Delmar Cardoso:** O pensamento conjugado com ação
- 40 **Marcelo Perine:** Uma Antropologia Filosófica para compreender o “nosso tempo”
- 46 **Marly Carvalho Soares:** Os saberes de uma Antropologia Integral

IHU em Revista

- 54 **Agenda de Eventos**
- 56 **#Crítica Internacional - Diego Pautasso e Bruno Lima Rocha:** A vitória do Brexit: interpretando cenários complexos e incertos
- 59 **Roberto Romano:** Justiça e misericórdia: “O imperativo categórico kantiano serviu como guilhotina intelectual para cortar o divino misericordioso”
- 70 **Publicações**
- 71 **Retrovisor**



MS Pedro Henrique Gomes Jatobá

**Oficina – Gestão colaborativa de
bancos comunitários: moeda social e
software livre de gestão**

14 de julho (quinta-feira)

Programação

10h – Acolhimento e apresentação dos participantes

10h30min às 13h – Bancos comunitários, moeda social e software livre – referências e experiências

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

13h – Intervalo

14 às 17h – Construindo experiências colaborativas

Local: Sala de Informática

Ministrante: MS Pedro Henrique Gomes Jatobá – Instituto Intercidadania – ITEIA

Saiba mais

Pedro Henrique Gomes Jatobá é mestre em Gestão e Desenvolvimento Social pela Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (**UFBA**) e Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Católica de Pernambuco (**UNICAP**). Atualmente é Diretor de Ações Culturais do Instituto Intercidadania, Coordenador de Formação e Articulação da Rede Colaborativa **ITEIA**, integrante da **Produtora Colabor@tiva.PE** sediada na **Universidade Federal de Pernambuco** e da **Cooperativa E.I.T.A.**

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Destques da Semana

Destques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 27-06-2016 e 01-07-2016 no sítio do IHU.

‘Pensar que o ajuste fiscal exige a redução dos programas sociais é um erro’.

Entrevista com Rodolfo Hoffmann, graduado em Agronomia, mestre em Ciências Sociais Rurais e doutor em Economia Agrária. É professor da Universidade de São Paulo - USP.

Publicada em 01-07-2016

Disponível em <http://bit.ly/29hwwq1>

O aumento do desemprego no Brasil não é mais “apenas” um “risco” a ser evitado, ao contrário, o “aumento do desemprego, a redução da renda média, aumento da pobreza e da desigualdade já são fatos observados”, adverte Rodolfo Hoffmann à IHU On-Line, ao comentar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE em relação ao aumento de desocupações no país.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

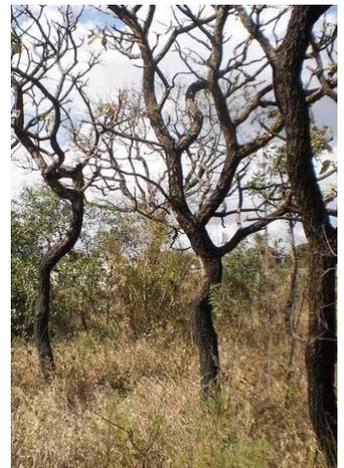
Vegetação de Cerrado de 7 mil anos corre risco de extinção.

Entrevista com Mauro Parolin, professor da Universidade Estadual do Paraná e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá.

Publicada em 30-06-2016

Disponível em <http://bit.ly/295ENy8>

Os 102 quilômetros quadrados de vegetação de Cerrado registrados no município de Campo Mourão, no Paraná, em 1940, já foram reduzidos a 13 mil metros quadrados e continuam sendo “paulatinamente reduzidos”, de tal modo que hoje a região tem a “menor área de Cerrado preservada no Brasil”, totalizando a extensão de uma quadra, e no município como um todo existem apenas 32 espécies de barbatimão, uma planta usada para fins medicinais, e 250 de butiá, diz Mauro Parolin à IHU On-Line. Coordenador do Laboratório de Estudos Paleoambientais da Fecilcam - Lepafe, da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão - Fecilcam, o geógrafo desenvolve um estudo que demonstra a existência, no passado, de uma grande extensão de Cerrado no Paraná.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Erosão marinha na costa brasileira: depois da falta de prioridade, busca-se às pressas fazer qualquer tipo de intervenção na falésia do Cabo Branco

Entrevista com Williams Guimarães, mestre em Geodinâmica pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e professor da Faculdade Internacional da Paraíba.

Publicada em 29-06-2016

Disponível em <http://bit.ly/29ugxGQ>

No último século, o nível do mar subiu entre 10 e 20 cm, o que caracteriza cerca de 1 a 2 mm por ano. Embora se trate de um “ciclo natural”, a elevação dos últimos anos também está relacionada à “expansão térmica dos oceanos, ocasionada pelo aquecimento global”, e os impactos dessa elevação “variam muito em função da configuração do tipo de cada costa”, diz Williams Guimarães em entrevista por e-mail à IHU On-Line. Segundo o geógrafo, a subida do nível do mar “é uma das várias causas que acelera o processo erosivo costeiro e pode permitir à costa retornar para um cenário semelhante ao fim da última glaciação, que ocorreu há aproximadamente 11.000 anos”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

A reprimarização da economia brasileira e a PEC 65: um retrocesso que nos leva de volta à década de 1970

Entrevista com Eduardo Luis Ruppenthal, biólogo e mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente é professor da rede pública estadual.

Publicada em 28-06-2016

Disponível em <http://bit.ly/297WU8h>

Se aprovada, a Proposta de Emenda à Constituição - PEC 65 irá “afetar” a atual legislação de licenciamento ambiental brasileira, ao permitir que obras sejam realizadas “apenas com a apresentação de estudos iniciais pela própria empresa, sem o cumprimento das demais etapas”, adverte Eduardo Ruppenthal à IHU On-Line. Atualmente, o licenciamento ambiental é determinado em três etapas: a Licença Prévia - PL, a Licença de Instalação - LI e, por fim, a Licença de Operação - OP, mas “a PEC 65 propõe a extinção das duas últimas etapas, eliminando uma série de prerrogativas fundamentais e importantes no que diz respeito a direitos ambientais e sociais, principalmente daqueles que são atingidos pela obra”, explica.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Plano Macri: ajuste econômico com massiva transferência de recursos para setores da economia concentrada

Entrevista com Washington Uranga, jornalista argentino, professor e pesquisador de comunicação e colunista do jornal Pagina 12, de Buenos Aires.

Publicada em 27-06-2016

Disponível em <http://bit.ly/297XAdv>

A divulgação recente do caso de corrupção envolvendo José López, ex-secretário do Governo de Cristina Kirchner, acirrou ainda mais os ânimos e o momento de turbulência política que a Argentina está atravessando. Cenário que é agravado pela crise econômica do país, que já enfrenta um índice de inflação que chega aos 42% e uma massa de desempregados que, segundo dados do governo argentino, está entre 25 e 30 mil pessoas, mas que para as organizações sindicais já alcança os 150 mil. Conforme ressalta, em entrevista por telefone à IHU On-Line, Washington Uranga, a discrepância nos índices é uma das dificuldades de se trabalhar com dados na Argentina, pois “há poucas estatísticas econômicas confiáveis, então cada número que se coloca no debate é passível de questionamento, principalmente político”, explica. A entrevista com Uranga, tem relação direta com a entrevista “A luta de Bergoglio contra a economia que mata e suas tensões na Argentina”, concedida por Eduardo de la Serna à IHU On-Line, publicada nas Notícias do dia de 23-06-2016, disponível em <http://bit.ly/29oiGGo>.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, entre os dias 27-06-2016 e 04-07-2016, relacionadas a assuntos que tiveram repercussão ao longo da semana

Este é o tempo de redescobrir a confissão

“Um mundo justo nunca existiu. A figura geométrica da história não é a reta, nem que ela seja lida para o alto, como um incontestável progresso, nem que ela seja lida para baixo, como incontestável decadência. Também não é o círculo do eterno retorno do igual. É, em vez disso, a espiral de um processo que vai se fazendo, não sem tragédias e contradições. O ponto específico do nosso tempo é outro: é a dificuldade, talvez até a impossibilidade, de confessar o próprio mal, declarando-o publicamente como tal e encontrando percursos de reforma e de expiação”.

A opinião é do teólogo italiano Vito Mancuso, professor da Universidade de Pádua, em artigo publicado no jornal La Repubblica, em 27-06-2016. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Segundo ele, “todos, hoje, denunciam o mal social do qual a humanidade ocidental é presa; poucos indicam os seus possíveis remédios”.

Leia mais em <http://bit.ly/295KThM>

As 70 milhões de crianças que vão morrer e o recall das cômodas assassinas

Relatório do Unicef diz ainda que 750 milhões de mulheres se casarão ainda crianças, até 2030; notícia sobre cômodas assassinas ganhou quase o mesmo espaço. O comentário é de Alceu Luís Castilho, jornalista.

Eis um trecho do texto, publicado por Outras Palavras, em 29-06-2016.

Li as duas notícias ao lado uma da outra, na home do UOL. 1) “70 milhões de crianças morrerão até 2030 se o mundo não agir, diz Unicef”. Antes de completarem 5 anos. 2) “Gigante de móveis Ikea fará recall de 29 milhões de cômodas após mortes”. (Mortes de crianças. Pelo menos seis crianças morreram desde 1989.) E fiz a conexão singela entre elas: em que momento faremos um recall desse sistema? As cômodas estão caindo. Elas vão cair. O sistema que permite 70 milhões de mortes de crianças e é naturalizado diariamente pelos meios de comunicação... precisa mudar.

Leia mais em <http://bit.ly/292tje7>

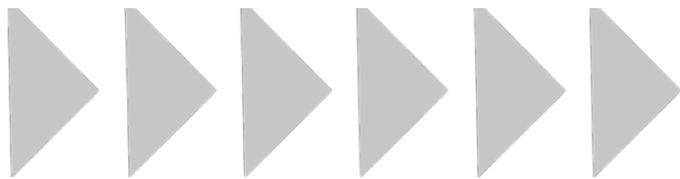
O estupro em grupo não é uma brincadeira

Os estupros continuarão existindo não apenas enquanto não ficar claro a todos que o corpo da mulher não está à disposição de qualquer um, e que todo ato sexual se justifica e se fundamenta sempre e apenas no recíproco consentimento, mas também enquanto houver aqueles que continuem banalizando esses episódios de violência extrema ao falar de “brincadeiras” ou de “momentos de fraqueza”, como infelizmente acontece ainda hoje, justificando, assim, o injustificável. A opinião é da filósofa italiana Michela Marzano, professora da Universidade de Paris V - René Descartes.

Eis um trecho do artigo publicado no jornal La Repubblica, em 28-06-2016.

Quando uma menina é estuproada por um grupo de coetâneos - como aconteceu em Salerno, na Itália -, na França, utiliza-se o termo tournante, que, literalmente, significa “fazer girar”, pois faz-se com que ela “gire” entre amigos como se fosse um cigarro ou uma latinha de cerveja.

Leia mais em <http://bit.ly/293HDmf>



Tribunal dos EUA condena ex-militar chileno pelo assassinato do cantor Víctor Jara em 1973

A Corte Federal de Orlando, na Flórida (EUA), condenou na última segunda-feira, 27-06-2016, o ex-oficial do Exército chileno Pedro Pablo Barrientos Nuñez pela tortura e execução do cantor Víctor Jara em 1973, durante a ditadura militar no país sul-americano. Segundo a decisão, a viúva e a filha de Jara deverão receber uma indenização de US\$ 28 milhões, cerca de R\$ 92 milhões. O veredito contra Nuñez, de 67 anos, foi divulgado após um julgamento que durou duas semanas.

A informação foi publicada por Opera Mundi, em 28-06-2016.

A decisão abre caminho para a extradição do ex-militar ao Chile, onde ele enfrenta acusações de assassinato relacionadas à sua atuação no regime ditatorial (1973-1990) imposto por Augusto Pinochet.

Leia mais em <http://bit.ly/29uup30>

O fantasma da liberdade em tempos de emoticons. Artigo de Ezio Mauro

No seu livro *Psicopolítica*, o filósofo Byung-Chul Han revela os enganos do poder para nos tornar menos cidadãos, em uma era em que os sentimentos substituem as ideologias.

A opinião é do jornalista italiano Ezio Mauro, ex-diretor dos jornais *La Stampa* e *La Repubblica*. O artigo foi publicado no jornal *La Repubblica*, 30-06-2016. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Leia mais em <http://bit.ly/29dg4Ye>

O ódio aos LGBT e um Suicídio Evitado

“Há pais de família que dizem: “prefiro um filho morto a um filho gay”. E muitos pais os expulsam de casa. Entre os palavrões mais ofensivos existentes, estão a referência à condição homossexual e à relação sexual entre pessoas do mesmo sexo. No Brasil são frequentes os homicídios, sobretudo de travestis. Há muitos suicídios, principalmente de adolescentes”, constata Luís Corrêa Lima, padre jesuíta, professor na PUC-RIO, em depoimento que publicamos a seguir.

Segundo ele, “no mundo religioso cristão, muitas vezes se fazem citações descontextualizadas da Bíblia ou simplificações indevidas da doutrina, com extrema rigidez e um terrível ímpeto condenatório dirigido aos LGBT. Algumas vezes, como se viu, eles são considerados endemoninhados a serem exorcizados, ou são submetidos a oração de “cura e libertação” para mudarem a sua condição ou identidade”.

Leia mais em <http://bit.ly/29e9oKb>

REPORTAGEM

Que democracia temos e qual queremos? Uma genealogia das técnicas de governo contemporâneas

Por Leslie Chaves

Nesse cenário de intensa instabilidade política no Brasil e em diversos outros países, torna-se ainda mais importante o esforço para compreender os caminhos que estão tomando as gestões das nações pelo mundo, onde eles irão desembocar e, principalmente, que atitudes temos que tomar para o enfrentamento das adversidades, as quais são de ordens diversas, mas sempre acabam atingindo os mesmos, os mais carentes. Para o professor **Castor Bartolomé Ruiz**, é fundamental voltar à genealogia do poder que hoje governa o Estado moderno. É necessário pensar e problematizar as bases sobre as quais se fundamentaram as técnicas de governo e como elas têm se transformado ao longo do tempo.

“Não podemos entender a política, a economia, o mercado e até mesmo os movimentos sociais, sem voltarmos às raízes do Cristianismo. Os conceitos e práticas não nascem do nada, existe uma genealogia, um referencial que foi sendo desenvolvido ao longo da história e que nos explica muito de nosso presente”, aponta o professor nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia da Unisinos, **Castor Bartolomé Ruiz**, durante o debate **“Foucault e Agamben. Implicações Ético-Políticas do Cristianismo”**, no final da tarde da última quinta-feira, 30-06-2016, na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU.

O Cristianismo enquanto pensamento religioso e narrativa do mundo se expandiu com mais força no ocidente, onde recebeu influência da filosofia grega, que se constituiu como uma chave de interpretação



Foto: Leslie Chaves

da teologia cristã. **Ruiz** destaca três aspectos da relação entre essas duas referências. “A filosofia foi utilizada como ferramenta de interpretação das questões teológicas cristãs. Em um primeiro momento, há uma **perspectiva assimiladora**, que busca fazer do Cristianismo uma filosofia, como podemos ver, por exemplo, no neoplatonismo agostiniano e na escolástica. Outra perspectiva é a **apologética**, na qual a filosofia foi utilizada como apoio para a defesa do Cristianismo. Por outro lado, também temos a **perspectiva aniquiladora**, que se baseia na filosofia para desconstruir

o Cristianismo e afirmar a vivência plena da humanidade. A partir da abordagem filosófica da teologia cristã, Foucault e Agamben se interessam pelo Cristianismo como genealogia da política contemporânea”, explica.

A matéria com a cobertura do evento pode ser conferida na íntegra no site do IHU através do link <http://bit.ly/29gKiiQ>. A conferência do professor Castor Bartolomé Ruiz também está disponível em vídeo no canal IHU Comunica, no Youtube, através do link <http://bit.ly/29j12pl>. ■

REPORTAGEM

Francisco Suárez 400 anos depois

Por Ricardo Machado



Marcelo Aquino, Alfredo Culleton e João Vila-Chã, na sala Ignacio Ellacuría

(Foto: Ricardo Machado)

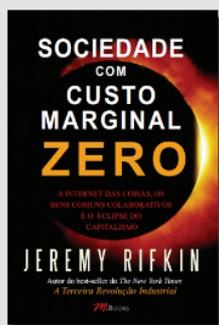
No próximo ano celebram-se os 400 anos de morte de Francisco Suárez. Trazer à tona o pensamento deste jesuíta de origem espanhola, que viveu na aurora da modernidade um momento de transição tão potente em possibilidades quanto pleno de desafios, é um exercício intelectual e ético instigante para nosso tempo. A primeira Guerra Mundial impossibilitou as celebrações dos 300 anos de morte deste pensador, que pode ser considerado o pai do direito internacional, chamado por ele de “direito das gentes”.

Desta forma, ao mesmo tempo que se tenta construir a memória de Suárez e dos demais pensadores da chamada segunda escolástica ou Escola Ibero-americana da Paz, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU lançou, no dia 20-06-2016, o VII Colóquio Internacional IHU. Metafísica e Filosofia Prática. A atualidade do pensamento de Francisco Suárez 400 anos depois.

O evento será realizado na Unisinos entre os dias 25 e 28 de setembro de 2017. O lançamento contou com a presença do Prof.

Dr. João Vila-Chã, da Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG Roma e da Conférence Mondiale des Institutions Universitaires Catholiques de Philosophie - COMIUCAP, do Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, reitor da Unisinos, e do Prof. Dr. Alfredo Culleton, coordenador do PPG em Filosofia da Unisinos.

A reportagem na íntegra pode ser lida no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no link <http://bit.ly/29hy5s0>. ■



Sociedade Com Custo Marginal Zero

A Internet das Coisas, os Bens Comuns Colaborativos e o Eclipse do Capitalismo

Apresentação da obra pelo Prof. MS Gilberto Faggion – UNISINOS e pelo Prof. MS Lucas Henrique da Luz – UNISINOS

25 de agosto | 17h30min

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES – IHU.UNISINOS.BR



ENTREVISTA

A tensão entre a ciência e a religião: Uma disputa pela verdade ou pelo poder?

A discussão entre ciência e religião não está sendo travada na universidade, lugar onde se produz conhecimento teórico, mas nas escolas e na mídia, onde se forma a opinião pública. A razão disso, adverte o filósofo Ricardo Rabenschlag, é que a atual disputa entre ciência e religião “não é uma disputa pela verdade, e sim pelo poder”

Por Patricia Fachin

“**O** debate científico sobre a origem da vida não é teórico pela simples razão de que não existe uma teoria científica que explique a origem da vida”, diz Ricardo Rabenschlag à **IHU On-Line**. Ao contrário, frisa, “tudo que temos são hipóteses que podem ou não servir de base para o desenvolvimento de uma explicação científica sobre a origem da vida em nosso planeta, incluindo a hipótese do design inteligente”. Entretanto, pontua, “motivações políticas” têm determinado a discussão atual entre os novos ateus e os defensores da hipótese do design inteligente, e “o que está em jogo é o papel da ciência na sociedade moderna”.

Na entrevista a seguir, concedida à **IHU On-Line** por e-mail, o filósofo explica que no atual debate entre esses dois grupos, “o que está em questão não é a evolução do homem a partir de espécies não humanas, nem os limites da teoria da evolução para a explicação da origem da vida ou da complexidade inerente à vida, como querem fazer crer ambos os lados da disputa”. Segundo ele, “os protagonistas deste debate têm pouco ou nenhum conhecimento de epistemologia” e repetem “alguns mantras”, como o “critério popperiano de cientificidade, que se fossem levados a sério pelos cientistas provoca-

riam um estrago maior na ciência que todas as perseguições da Igreja, incluindo as do cardeal Belarmino”.

Ricardo Rabenschlag lembra que na Idade Média “havia um intenso e riquíssimo debate teórico sobre todas estas questões que animam o debate atual”, e os filósofos medievais “realmente estavam interessados em buscar a verdade em relação às origens da vida, do homem e do Universo”. Apesar de também ter havido uma “disputa política” nesse período, ressalta, “havia uma separação nítida entre o debate teórico e o embate político”. Nos dias de hoje, diferentemente, constata, a “confusão” “imperava entre o debate teórico e o embate político”.

Ricardo S. Rabenschlag é graduado, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com período sanduíche junto à University of Virginia, EUA. Foi Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação junto à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul e atualmente leciona na Universidade Federal de Alagoas, onde desenvolve pesquisas nas áreas de Epistemologia e História da Ciência. Também está fazendo seu Pós-Doutorado no PPG em Filosofia na Unisinos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as origens da teoria do design inteligente?

Ricardo Rabenschlag - A chamada teoria do design inteligente surge nos EUA no final da década de 1980 como resposta à decisão da Suprema Corte americana de

proibir o ensino do criacionismo nas aulas de biologia ministradas nas escolas públicas americanas. Para fundamentar tal proibição, os magistrados americanos alegaram que em virtude do seu caráter teológico a teoria criacionista estava diretamente vinculada a

uma determinada tradição religiosa e que, portanto, ensiná-la como se fosse uma teoria científica constituiria um atentado contra o estado laico. No intuito de contornar esta restrição legal, os criacionistas decidiram separar o componente teleológico do com-

ponente teológico do criacionismo, criando assim a teoria do design inteligente, que afirma que certos aspectos do mundo natural são fruto de um projeto inteligente, mas não se compromete com a identificação deste misterioso projetista que, a princípio, poderia ser uma entidade natural, o que justificaria a inclusão da teoria do design inteligente nos conteúdos científicos a serem ensinados aos estudantes das escolas públicas americanas.

IHU On-Line - Por que, de modo geral, os cientistas consideram a teoria do design inteligente uma pseudociência?

Ricardo Rabenschlag - Para os críticos da teoria do design inteligente e em especial para os chamados novos ateus como Cristófer Hitchens¹, Daniel Dennett², Richard Dawkins³

1 Christopher Hitchens (1949): jornalista, escritor e crítico literário britânico. Durante a guerra do Iraque, tornou-se um combativo apoiador da decisão de George W. Bush, o que o tornou muito conhecido, impopular, entre uma esquerda que ele acusou de trair os próprios ideais. *Amor, Pobreza e Guerra* (Ediouro: 2006. 370p.), que reúne 34 artigos de sua autoria com críticas à Madre Teresa de Calcutá, fala sobre o 11 de setembro e a Guerra do Iraque, é uma das suas obras. (Nota da IHU On-Line)

2 Daniel Clement Dennett (1942): filósofo norte-americano cujas pesquisas estão direcionadas à filosofia da mente e da biologia. Confira a entrevista concedida por Dennett à edição 300 da **IHU On-Line**, em 13-07-2009, intitulada *Não fomos criados à semelhança de Deus: ele é que foi criado à nossa semelhança*, disponível em <http://bit.ly/ihuon300>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Clinton Richard Dawkins (1941): zoólogo, etólogo, evolucionista e popular escritor de divulgação científica britânico, natural do Quênia, além de professor da Universidade de Oxford. É conhecido principalmente pela sua visão evolucionista centrada no gene, exposta em seu livro *O Gene Egoísta*, publicado em 1976. O livro também introduz o termo “meme”, o que ajudou na criação da memética. Em 1982, ele realizou uma grande contribuição à ciência da evolução com a teoria, apresentada em seu livro *O Fenótipo Estendido*, de que o efeito fenotípico não se limita ao corpo de um organismo, mas sim de que o efeito influencia no ambiente em que vive este organismo. Desde então escreveu outros livros sobre evolução e apareceu em vários programas de televisão e rádio para falar de temas como biologia evolutiva, criacionismo, religião. Ele também defende e divulga correntes como o ateísmo, ceticismo e humanismo. (Nota da **IHU On-Line**)

e Sam Harris⁴, ela não é uma teoria científica por não ser empiricamente falseável. Não creio, contudo, que esta seja uma caracterização adequada do estatuto epistemológico da teoria do design inteligente. Em primeiro lugar, porque não há na literatura especializada nenhum critério amplamente aceito para distinguir ciência de pseudociência, e boa parte dos estudiosos do tema questiona a relevância do chamado problema da demarcação⁵. Em segundo lugar, o falsificacionismo, que é a solução proposta por Karl Popper⁶ e aceita pelos novos ateus para o problema da demarcação, é amplamente descrita pelos estudiosos do tema como sendo apenas mais uma tentativa fracassada de demarcar os limites entre o que é ciência e o que não é ciência, juntamente com o verificacionismo e o confirmacionismo.

Por fim, discordo da caracterização feita pelos novos ateus por acreditar que o problema com a teoria do design inteligente tem menos a ver com a sua suposta cientificidade do que com o seu suposto caráter teórico. Ainda que o nome indique o contrário, a teoria do design inteligente não é uma teoria, e sim uma hipótese acerca de certos aspectos do mundo natural e, como tal, não vejo nenhum problema em considerá-la como legítima.

4 Sam Harris (1967): é um escritor, filósofo, e neurocientista americano. É o autor de *O Fim da Fé* (2004) (no português brasileiro, “A Morte da Fé”), laureado com o prêmio PEN/Martha Albrand em 2005, e de *Carta a Uma Nação Cristã* (2006), uma resposta elaborada às críticas que o livro anterior recebeu. Em 2009, ele completou o seu doutorado em neurociência na Universidade da Califórnia em Los Angeles. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Na filosofia da ciência, problema da demarcação refere-se à distinção, ou seja, à demarcação entre o que caracteriza teorias científicas e teorias não científicas. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Karl Popper (1902-1994): filósofo austríaco-britânico. Destacou-se como filósofo social e político e como defensor da democracia liberal. É conhecido como o criador do conceito de *falseabilidade*, que a coloca como uma característica fundamental para a demarcação científica de uma teoria. De acordo com este pensamento, uma teoria só será científica se puder ser falseada, isto é, colocada à prova diante da experiência. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Filosoficamente, quais são as suas justificativas para aceitar ou pelo menos considerar o design inteligente como sendo uma hipótese científica?

Ricardo Rabenschlag - Em sentido estrito, uma hipótese científica é uma hipótese derivada de uma teoria científica. Nesse sentido, podemos afirmar com absoluta certeza que a hipótese de que a vida na Terra é fruto da ação de um projetista inteligente não é científica pelo simples fato de que, até o momento, não existe nenhuma teoria científica capaz de explicar o surgimento da vida na Terra, a partir da qual se poderia inferir esta hipótese e submetê-la ao crivo experimental. Em sentido lato, contudo, para uma hipótese ser considerada científica é suficiente que ela sirva de estímulo ao desenvolvimento de uma teoria científica. Algo semelhante ocorre na Matemática quando se toma uma conjectura como ponto de partida para a demonstração de um novo teorema. Nesse sentido ampliado do termo, não seria errado considerar a hipótese do design inteligente como uma hipótese científica, contanto que ela fosse utilizada como base para o desenvolvimento de novas linhas de investigação visando à formulação de uma teoria científica sobre a origem da vida em nosso planeta. Infelizmente, este não parece ser o caso. O que não me surpreende, pois, como disse anteriormente, a motivação central por trás da chamada teoria do design inteligente não é teórica, e sim política.

IHU On-Line - O senhor faz críticas aos teóricos do novo ateísmo. Quais são as falhas epistemológicas que identifica na argumentação deles e, de modo geral, quais são os equívocos filosóficos cometidos por esses teóricos?

Ricardo Rabenschlag - Como se depreende da resposta que dei à pergunta anterior, não sou um defensor da teoria do design inteligente; contudo, o ponto central do trabalho que estou desenvolvendo junto ao Curso de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos não é a

crítica aos teóricos do design inteligente e sim aos novos ateus. A teoria do design inteligente me interessa, sobretudo, na medida em que as reações que ela provoca revelam os perigos do ateísmo militante na academia. Assim como ocorre no caso dos teóricos do design inteligente, a motivação fundamental dos novos ateístas é de ordem política e o debate político é eminentemente retórico e não teórico. Sobretudo nos Estados Unidos, a disputa entre ciência e religião não é uma disputa pela verdade, e sim pelo poder, daí que o campo onde é travada esta batalha não seja a universidade, lugar onde se produz conhecimento teórico, e sim a escola pública e a mídia, lugar onde se forma a opinião pública.

IHU On-Line - Quais são as motivações políticas que identifica tanto entre aqueles que defendem a teoria do design inteligente, quanto aos que defendem o novo ateísmo? Pode nos explicar por que esse debate tem tido mais relevância política do que teórica?

Ricardo Rabenschlag - O debate científico sobre a origem da vida não é teórico pela simples razão de que não existe uma teoria científica que explique a origem da vida. Tudo que temos são hipóteses que podem ou não servir de base para o desenvolvimento de uma explicação científica sobre a origem da vida em nosso planeta, incluindo a hipótese do design inteligente.

Quanto às motivações políticas, elas são muito variadas, embora os defensores da teoria do design inteligente sejam, em sua maioria, republicanos, e os novos ateus, democratas. Não posso deixar de mencionar que há muito dinheiro sendo ganho com palestras pagas a peso de ouro, venda de livros com edições gigantescas que se esgotam em poucas semanas e contribuições espontâneas para “a causa”, estimuladas por ambos os lados. Estas particularidades, contudo, não são o foco da minha pesquisa,

que não tem caráter sociológico e sim filosófico.

IHU On-Line - Em palestra recente, o senhor fez menção ao modo como o debate sobre as origens era feito durante a Idade Média. Como esse debate que ocorreu na Idade Média foi sendo abandonado ou substituído por uma disputa entre criacionismo x evolucionismo?

Ricardo Rabenschlag - A diferença fundamental é que na Idade Média havia um intenso e riquíssimo debate teórico sobre todas estas questões que animam o debate atual; eles realmente estavam interessados em buscar a verdade em relação às origens da vida, do homem e do Universo. Obviamente que havia muita disputa política na Idade Média, mas havia também uma separação nítida entre o debate teórico e o embate político e isto porque os medievais disputavam de uma teoria sobre as origens, a teologia.

A teoria da evolução surge na segunda metade do século XIX, com os trabalhos de Darwin⁷, Wallace⁸

7 Charles Darwin (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de Charles Darwin, no evento Abrindo o Livro, do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Sobre o assunto, confira as edições 300 da **IHU On-Line**, de 13-07-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/UsZlrR>, e 306, de 31-08-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/1tABfRH>. De 9 a 12-09-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Alfred Russel Wallace (1823-1913): naturalista, geógrafo, antropólogo e biólogo inglês. Desenvolveu trabalho no campo da Teoria da Evolução e enviou o respectivo manuscrito a Charles Darwin, com quem mantinha correspondência, ao invés de enviar diretamente para um editor. Darwin, apercebendo-se que o trabalho de Wallace tinha similaridades com a teoria que tinha estado a desenvolver nos últimos vinte anos, decidiu terminá-la

e Mendel⁹, e só se consolida como teoria científica no final da década de 30 do século XX, com a chamada Nova Síntese ou Teoria Sintética da Evolução. A teoria da evolução, embora não seja uma teoria sobre a origem da vida e sim das espécies, é uma teoria sobre a origem da espécie humana e isto faz com que o debate entre criacionistas e evolucionistas sobre a origem do homem seja, de fato, um debate teórico. Ocorre que este debate já terminou e foi definitivamente vencido pelos evolucionistas, em 1953, quando Watson e Crick¹⁰ descobriram o DNA, confirmando as bases genéticas da teoria sintética da evolução.

O debate atual entre os novos ateus e os teóricos do design in-

e publicá-la rapidamente. Wallace foi o primeiro a propor uma “geografia” das espécies animais e, como tal, é considerado um dos precursores da ecologia e da biogeografia e, por vezes, chamado de “Pai da Biogeografia”. Confira na edição 306 da revista **IHU On-Line**, 31-08-2009, as entrevistas com Gervásio da Silva Carvalho, *O pensamento biogeográfico em tempos darwinianos*, disponível para download em <http://migre.me/ufJgn> e Charles Smith, *As conexões entre Wallace e Darwin*, disponível para download em <http://migre.me/ufJgA>. Nas Notícias do Dia do site do IHU, em 15-12-2008, leia a entrevista especial concedida por Lillian Al-Chueyr Pereira Martins e Roberto de Andrade Martins, *A ciência antes e depois de Darwin*, disponível para download em <http://migre.me/ufJgR>. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Gregor Johann Mendel (1822-1884): monge agostiniano, botânico e meteorologista austríaco. Desde a infância costumava observar e estudar as plantas. Aos 21 anos ingressa num mosteiro da Ordem de Santo Agostinho na atual República Checa, em Brno. Aí Mendel tinha a seu cargo a supervisão dos jardins do mosteiro. Dedicou-se ao estudo do cruzamento de muitas espécies, como feijões, chicória, bocas-de-dragão, plantas frutíferas, abelhas, camundongos e, principalmente, ervilhas cultivadas na horta do mosteiro onde vivia analisando os resultados matematicamente, durante cerca de sete anos. Gregor Mendel, “o pai da genética”, como é conhecido, foi inspirado tanto pelos professores como pelos colegas do mosteiro que o pressionaram a estudar a variação do aspecto das plantas. Propôs que a existência de características (tais como a cor) das flores é devido à existência de um par de unidades elementares de hereditariedade, agora conhecidas como genes. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Francis Crick [Francis Harry Compton Crick]: (1916-2004): biólogo molecular, biofísico e neurologista inglês, mais conhecido por ser um dos descobridores da estrutura da molécula do DNA em 1953 com James Watson. (Nota da **IHU On-Line**).

teligente não é um debate sobre as origens do homem. O que está em questão não é a evolução do homem a partir de espécies não humanas, nem os limites da teoria da evolução para a explicação da origem da vida ou da complexidade inerente à vida, como querem fazer crer ambos os lados da disputa. Como disse e repito, o debate é político e o que está em jogo é o papel da ciência na sociedade moderna.

IHU On-Line - Que modelo de ciência os defensores do novo ateísmo e do design inteligente querem defender?

Ricardo Rabenschlag - Como já observei anteriormente, os protagonistas deste debate têm pouco ou nenhum conhecimento de epistemologia. O resultado é, obviamente, desanimador, e tentar reconstituir um suposto modelo de ciência a partir da extensa e variada bibliografia sobre o tema seria uma perda de tempo. Contudo, há alguns mantras, repetidos, sobretudo, pelos novos ateus, como o já mencionado critério popperiano de cientificidade, que se fossem levados a sério pelos cientistas provocariam um estrago maior na ciência que todas as perseguições da Igreja, incluindo as do cardeal Belarmino¹¹.

IHU On-Line - O senhor identifica ganhos e perdas na discussão epistemológica nos dias de hoje, fazendo uma comparação com o

¹¹ **São Roberto Francesco Romolo Cardeal Bellarmino S. J.** (1542-1621): cardeal, teólogo católico e Doutor da Igreja. Ingressou na Companhia de Jesus em 1560. Ensinou teologia em Lovaina até ser chamado a Roma por Gregório XII em 1576 para fazer parte do Colégio Romano (futura Universidade Gregoriana). Reitor do Colégio foi depois Provincial dos Jesuítas de Nápoles. De novo em Roma como teólogo de Clemente VIII, foi feito cardeal em 1599. Arcebispo de Cápua em 1602, ocupou também lugares na maior parte das congregações da Igreja. Em 1616, por ordem de Paulo V, Bellarmino convocou Galileu Galilei, notificou-o sobre um decreto da Congregação do Index condenando a doutrina de Nicolau Copérnico de que a terra se movia e que o sol era imóvel, ordenando-o que a esquecesse. (Nota da **IHU On-Line**)

modo como esse debate era feito na Idade Média?

Ricardo Rabenschlag - Do lado das perdas, a maior é sem dúvida a confusão que impera hoje entre o debate teórico e o embate político. Quanto aos ganhos, também não tenho dúvida de que o principal é o enorme avanço em nosso conhecimento do mundo natural, proporcionado, sobretudo, pelo desenvolvimento da Física, da Química e da Biologia modernas, o que nos remete às relações entre ciência e filosofia.

IHU On-Line - Por que, segundo o senhor, a metafísica não deve ser descartada no debate epistemológico, especialmente quando se trata de discutir o naturalismo?

Ricardo Rabenschlag - Na minha opinião, os empiristas modernos estão equivocados em sua rejeição à metafísica e, a exemplo dos antigos e dos medievais, penso que toda discussão epistemológica deve ser precedida de uma discussão metafísica.

IHU On-Line - Por quais razões muitos epistemólogos e inclusive filósofos da ciência recusam a metafísica?

Ricardo Rabenschlag - Há uma grande confusão a respeito disso. Em primeiro lugar, a metafísica pode ser entendida seja como uma teoria acerca do sobrenatural e, nesse sentido, ela se opõe ao naturalismo, seja como uma teoria acerca dos aspectos mais gerais do ser e, neste outro sentido, ela é perfeitamente compatível com uma atitude naturalista. A filosofia moderna se caracterizou pelo gradual abandono da metafísica, no sentido de uma teoria acerca do sobrenatural, e a principal razão deste abandono é o enorme sucesso da ciência e da tecnologia modernas. Os empiristas clássicos e posteriormente os neoempiristas radicalizaram o processo de modernização do pensamento, extirpando qualquer resquício de metafísica tanto na ciência como na filosofia, o que os levou a abando-

nar qualquer tentativa de fundamentação *a priori* do conhecimento. Em minha opinião, e na opinião de muitos outros, esta radicalização do modernismo foi longe demais, e o pós-modernismo, seja na versão francesa ou americana, é a expressão mais óbvia do fracasso deste projeto.

IHU On-Line - Ao que tudo indica, o senhor defende que há possibilidade de conhecimento fora da ciência. Pode justificar sua posição?

Ricardo Rabenschlag - Não vejo como alguém possa seriamente negar que haja conhecimento fora da ciência, do contrário teria que sustentar que antes do surgimento da ciência não havia conhecimento, o que é absurdo. Mais relevante do que a questão de saber se há conhecimento fora da ciência, é a questão de saber se há aspectos do mundo cuja compreensão ultrapassa os limites da investigação científica. Para o naturalista científico, a resposta a essa outra pergunta é negativa. Segundo ele, tudo é natural e a moderna ciência natural é a melhor forma de compreender a natureza. Como se depreende da minha resposta à questão anterior, não creio que esta tese seja defensável. Supondo que ela estivesse correta, a afirmação de que tudo é natural deveria ser considerada uma hipótese científica e, por conseguinte, deveria estar sujeita a uma possível refutação experimental, o que não faria o menor sentido para um naturalista científico. Em resumo, para o naturalista científico, o naturalismo deve ter um sentido puramente metodológico e, neste caso, o naturalismo serve tão somente para circunscrever o domínio da ciência. O que ultrapassa os limites da investigação científica, não pode, por óbvio, ser objeto de conhecimento científico, mas isso não significa que não possa ser objeto de outras formas de conhecimento.

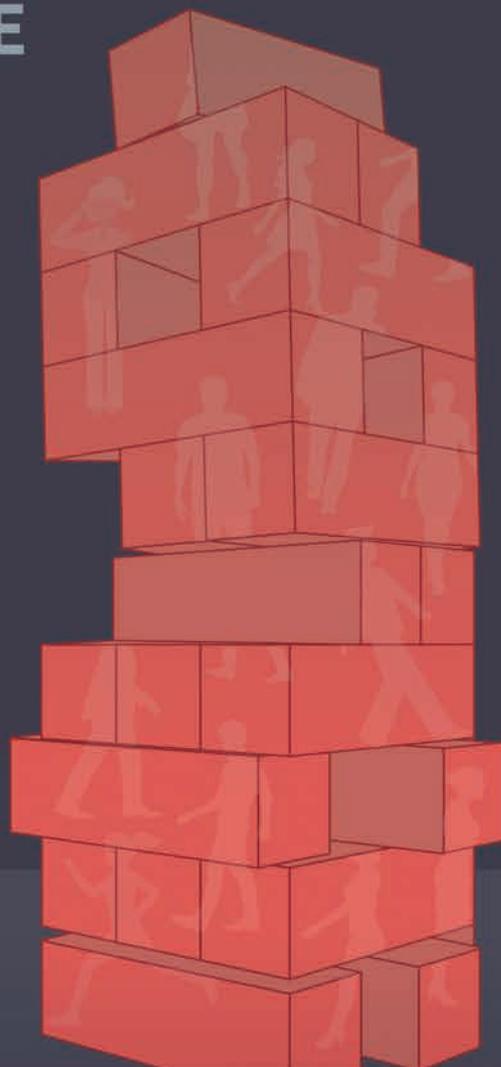
IV Colóquio
Internacional IHU

POLÍTICAS PÚBLICAS, FINANCEIRIZAÇÃO E CRISE SISTÊMICA

13

de setembro
de 2016

Local: Sala Ignacio Ellacuría
e Companheiros – IHU
Campus da Unisinos
São Leopoldo/RS



**Conferencista: Prof. Dr. Yann Moulier Boutang –
Université de Technologie de
Compiègne – UTC – França**

*9h15min às 10h15min – Compreendendo a
financeirização: conceito(s), origens,
impactos e (im)possibilidades*



Informações e inscrições em
ihu.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

 UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

IHU ON-LINE



INSTITUT
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Tema de Capa

Biografia

Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ (Ouro Preto, MG, 24 de agosto de 1921 - Belo Horizonte, 23 de maio de 2002) foi padre jesuíta, professor, filósofo e humanista brasileiro

Juventude e formação inicial

Lima Vaz nasceu em Ouro Preto. Entrou na Companhia de Jesus em 28 de março de 1938. Fez seus estudos filosóficos no antigo escolasticado dos jesuítas em Nova Friburgo, RJ. Em 1945, foi para Roma estudar Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana, onde concluiu o curso de licenciatura com uma dissertação intitulada "O problema da beatitude em Aristóteles e Santo Tomás".

Sua ordenação presbiteral deu-se a 15 de julho de 1948. Completou sua formação religiosa em Gandia, na Espanha. Voltando a Roma, obteve em 1953 o doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana, com a tese *De dialectica et contemplatione in Platonis dialogis*, que versou sobre a dialética e a intuição nos diálogos platônicos da maturidade.

Magistério

Lima Vaz trabalhou no magistério filosófico universitário durante quase 50 anos. Primeiramente na Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus em Nova Friburgo (1953-1963), que depois foi transferida para São Paulo (1963-1974) - período em que Lima Vaz esteve ausente do ensino na faculdade -, e depois para o Rio de Janeiro (1975-1981), e novamente transferida para Belo Horizonte (1982-). Ensi-

nou também em cursos do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais de 1964 a 1986, da qual recebeu em 2001, o título de Professor Emérito.

Ação Popular

Nos anos 60 tornou-se mentor da Juventude Universitária Católica - JUC e da Ação Popular - AP, em sua primeira fase. Num cenário agitado e confuso como o da época, os artigos de Lima Vaz tiveram o impacto de uma lufada de ar puro sobre uma geração cristã, que se sentia asfixiada por uma tradição religiosa alheia aos desafios políticos e culturais do seu tempo. Lima Vaz soube como ninguém oferecer uma análise crítica do pensamento marxiano numa atitude intelectual firme e aberta ao debate, criticando todo reducionismo intra-histórico pelo chamado à transcendência, mas, ao mesmo tempo, questionando a posição tradicional a partir do pensamento dialético.

Fé e razão

A religião e a fé, para Lima Vaz, não eram algo extrínseco com o qual se relacionava: nelas vivia e delas se alimentava espiritualmente. Por isso ele afirmava não experimentar conflitos interiores a respeito da compatibilidade entre suas convicções religiosas e

sua vocação de filósofo. Desde o início deixou-se guiar pela diretriz de Santo Agostinho: "crê para entenderes e entende para creres". Dessa forma, seu trabalho filosófico manteve-se rigorosamente dentro das exigências metódicas e doutrinárias da razão. E, todas as vezes que atingia as fronteiras em que a razão se encontra com a fé, essa linha divisória era explicitamente traçada.

Erudição

Um erudito, Lima Vaz possuía uma sólida e vasta cultura científica e humanística, bem como um amplo conhecimento filosófico de todo o pensamento ocidental. Vinculado fundamentalmente à metafísica clássica, possuía um vivo interesse pelo pensamento moderno e seus principais representantes, deixando-se seriamente questionar pela modernidade. Grande destaque deve ser dado, também, ao seu profundo conhecimento da obra de Hegel.

Nos seus últimos trabalhos, buscou analisar a realidade sociocultural contemporânea e a crise da modernidade sob os aspectos filosóficos, éticos, políticos e religiosos. Nestas suas investigações, tomou posição no debate de ideias a respeito do sentido transcendente da existência humana e dos rumos de nossa civilização.

Síntese filosófica

Sua síntese filosófica pessoal apoiava-se em três grandes influências: Platão, Tomás de Aquino e Hegel. Mas seu autor predileto é, sem dúvida, Tomás de Aquino. Lima Vaz via na obra de Tomás de Aquino, especialmente na sua metafísica, tal profundidade, lucidez e equilíbrio nas questões fundamentais que, ainda hoje, suas intuições são, segundo Lima Vaz, capazes de fecundar a reflexão. E, nesta união fecunda de elementos antigos, como a metafísica de Tomás de Aquino, e perspectivas renovadoras, como a ênfase na dialética hegeliana, Lima Vaz colocava-se em busca de uma vida ética, onde fosse possível a realização da humanidade na liberdade, na verdade, na beleza e na justiça.

Nos seus últimos escritos, Lima Vaz busca recuperar a ideia de sistema no sentido da articulação ordenada do pensamento, sem a

qual não há leitura coerente da realidade, e a filosofia se esvai em gratuitos jogos de linguagem. A partir desta ideia de sistema, Lima Vaz constrói principalmente sua antropologia filosófica e sua ética filosófica. Seu último livro, *Raízes da Modernidade* (São Paulo: Loyola, 2002), propõe para o nosso tempo, tempo de incertezas e de renovadas articulações, o humanismo teocêntrico como itinerário para a realização plena do ser humano em sua existência pessoal e social.

Cultivou uma vida recolhida, simples, sem ostentação, impondo-se um ritmo de trabalho disciplinado e austero. Lima Vaz veio a falecer em Belo Horizonte no dia 23 de maio de 2002, devido a complicações pós-operatórias.

Bibliografia

Obras de Lima Vaz

Escritos de filosofia I: Problemas de fronteira. São Paulo: Loyola, 1986

Escritos de filosofia II: Ética e cultura. São Paulo: Loyola, 1988.

Escritos de filosofia III: Filosofia e cultura. São Paulo, 1997.

Escritos de filosofia IV: Introdução à ética Filosófica I. São Paulo: Loyola, 1999.

Escritos de filosofia V: Introdução à ética Filosófica II. São Paulo: Loyola, 2000.

Escritos de filosofia VI: Ontologia e história (2. ed.). São Paulo: Loyola, 2001.

Escritos de filosofia VII: Raízes da Modernidade. São Paulo: Loyola, 2002.

Antropologia filosófica I. São Paulo: Loyola, 1991.

Antropologia filosófica II. São Paulo: Loyola, 1992.

Experiência mística e filosófica da tradição ocidental. São Paulo: Loyola, 2000.

Fonte: Wikipédia

Baú da IHU On-Line

Confira algumas publicações do IHU com temas relacionados à obra de Henrique Cláudio de Lima Vaz

- *Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao niilismo ético*, Revista **IHU On-Line** número 374, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/294kv9M>
- *Uma obra basilar na reflexão de Lima Vaz*. Entrevista com Elton Vitoriano Ribeiro, publicada na Edição 393 da revista **IHU On-Line**, de 21-05-2012, disponível em <http://bit.ly/29h3vOi>.
- *Ética e Intersubjetividade: a filosofia do agir humano segundo Lima Vaz*. **Cadernos IHU**, número 42, Ano 11, disponível em <http://bit.ly/29qMp30>.
- *Lima Vaz, Taylor e MacIntyre: perplexidade em relação à situação da sociedade*. Entrevista de Elton Vitoriano Ribeiro, Publicada na **Revista IHU** número 396, de 02-07-2012, disponível em <http://bit.ly/29djESg>.
- *Ética e subjetividade: análise da estrutura subjetiva da vida ética segundo Lima Vaz*. Artigo de Roseane Welter, publicado em **Cadernos IHU**, número 52, disponível em <http://bit.ly/29HGhQh>.

Uma Antropologia Filosófica que se eleva à Metafísica

Compreensão do ser humano na reflexão vaziana se dá através dos polos epistemológicos Natureza, Sujeito e Forma, tributários à Enciclopédia de 1830. Antropologia que se eleva à Metafísica é caracterizada por um pensamento filosófico de abrangência sistêmica

Por Márcia Junges

“Creio que Lima Vaz ofereceu importante contribuição à Filosofia expondo a organização sistemática das categorias filosóficas que expressam o processo real e total da autoconstituição do ser humano como sujeito”, reflete o filósofo Marcelo Fernandes de Aquino, SJ, reitor da Unisinos, na entrevista que concedeu à **IHU On-Line** por e-mail. “Contrariamente ao modo de fazer Filosofia consagrado no Brasil, caracterizado por um conhecimento verticalizado de um determinado autor, Pe. Lima Vaz desenvolveu um pensamento filosófico com abrangência sistêmica”, completa. Em seu ponto de vista, celebrar os 25 anos de publicação da Antropologia Filosófica “serve para fazer a memória desse insigne cristão e democrata que amava profundamente o Brasil”.

A compreensão vaziana do ser humano através dos polos epistemológicos Natureza, Sujeito e Forma “constituem o silogismo especulativo da Antropologia Filosófica. Penso que esse encadeamento dialético entre Natureza e Forma mediado pelo Sujeito se inspire no segundo silogismo da arquitetura do Espírito Absoluto exposto por Hegel na Enciclopédia de 1830”, acrescenta Aquino.

“Lima Vaz diz que o discurso é a ação de dar ou negar razão (lógon didónai) de algo ou de alguém por parte de um sujeito. Ordem e sistema são duas categorias de extração metafísica que ele, fundindo-as, agrega à ação discursiva. Cabe lembrar a procedência platônica e aristotélica da categoria ordem (táxis) com sua respectiva assimilação agostiniana e tomásica, e a raiz moderna renascimental, ou seja, suareziana, da transformação da metafísica em sistema, própria da razão hipotético-dedutiva”, completa.

Marcelo Fernandes de Aquino é graduado em Filosofia pela Pontifícia Faculdade Aloisianum, Itália, com especialização em Filosofia na Hochschule für Philosophie, em Munique, Alemanha. É graduado e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, e mestre e doutor em Filosofia pela mesma universidade. Pós-doutor em Filosofia pelo Boston College, Estados Unidos, foi reitor do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, MG. Atualmente é o reitor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as suas observações preliminares sobre a Antropologia Filosófica vaziana?

Marcelo Fernandes de Aquino - Pe. Lima Vaz publicou em 1991, ou seja, há 25 anos, o primeiro vo-

lume de sua *Antropologia Filosófica* sob o número 15 da prestigiosa coleção Filosofia da Editora Loyola. O segundo volume, anunciado na Advertência Preliminar do primeiro volume, seguiu-se já em 1992, sob

o número 22 das mesmas coleção e Editora.

Sua primeira versão consistiu em texto básico para o curso de Antropologia Filosófica que ele ministrou de 1968 a 1972 no Departamento de



Lima Vaz mostra uma genuína preocupação teórica com o equilíbrio desses polos epistemológicos na ordem sistemática do discurso da Antropologia Filosófica

Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Uma segunda versão, refundida e atualizada, seguiu-se como texto básico para o curso de Antropologia Filosófica que ministrou em 1989 e 1990 na Faculdade de Filosofia do Centro de Estudos Superiores S.J. de Belo Horizonte. Os traços dessa origem didática na estrutura e na redação da obra, reforçada pela abundância das notas ao final de cada capítulo, são explicitamente reconhecidos por ele.

Seus dois volumes, juntos, compõem parte histórica e parte sistemática, distribuídas a parte histórica e a primeira seção da parte sistemática no primeiro volume, e a segunda e terceira seções da sistemática aparecendo no segundo volume. A ampla exposição da parte histórica que ocupa metade do primeiro volume fez com que a primeira seção sistemática que dá início à exposição das categorias da Antropologia Filosófica tivesse que ser condensada, o que não é o caso da exposição das categorias feita no segundo volume.

Ideia unitária do ser humano

A parte histórica tem por foco a história das concepções do ser humano na filosofia ocidental. Lima Vaz mostra uma sucessão de modelos conceituais com que a nossa tradição filosófica exprimiu sua reflexão sobre o ser humano. Subdivide-se nas concepções clássica, medieval, moderna e contemporânea do ser humano. Cada uma delas é acompanhada por ricas no-

tas em que, frequentemente, Lima Vaz aprofunda a exposição do texto principal.

A parte sistemática é precedida por importante preâmbulo intitulado "Objeto e método da Antropologia Filosófica", em que Lima Vaz traça vários roteiros metodológicos cuja pretensão é a de que a Antropologia Filosófica venha a configurar uma ideia unitária do ser humano. Cada um deles é orientado por um procedimento epistemológico fundamental inspirado na ciência considerada a mais apta a fornecer uma explicação global do ser humano. São eles: método empírico-formal das ciências da natureza, método dialético das ciências da história, método fenomenológico das ciências do psiquismo, método hermenêutico das ciências da cultura e método ontológico da Antropologia clássica.

IHU On-Line - Qual a proposta de Lima Vaz para expressar a compreensão do ser humano?

Marcelo Fernandes de Aquino - A compreensão do ser humano na reflexão vaziana se define pelos polos epistemológicos Natureza, Sujeito e Forma, que constituem o silogismo especulativo N S F da Antropologia Filosófica. Penso que esse encadeamento dialético entre Natureza e Forma mediado pelo Sujeito se inspire no segundo silogismo da arquetônica do Espírito Absoluto exposto por Hegel¹

¹ **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link

na Enciclopédia de 1830. Cabe ao procedimento sistemático fundamental da Antropologia Filosófica coordenar esses três polos, sem que a ordem sistemática do discurso se desequilibre em favor de um deles, pois quando um destes polos passa a ser privilegiado e a determinar uma direção própria na ordem do discurso da compreensão do ser humano corre-se o risco de um certo reducionismo. Lima Vaz mostra uma genuína preocupação teórica com o equilíbrio desses polos epistemológicos na ordem sistemática do discurso da Antropologia Filosófica.

IHU On-Line - Poderia aprofundar algumas chaves hermenêuticas do pensamento antropológico-filosófico vaziano?

Marcelo Fernandes de Aquino - Penso que o sintagma *ordem sistemática do discurso* é um bom ponto de partida para a discussão. Lima Vaz diz que o discurso é a ação de dar ou negar razão (*lógon didónai*) de algo ou de alguém por parte de um sujeito. Ordem e sistema são duas categorias de extração metafísica que ele, fundindo-as, agrega à ação discursiva. Cabe lembrar a procedência platônica e aristotélica da categoria ordem (*táxis*) com sua respectiva assimilação agostiniana e tomásica, e a raiz moderna renascentista, ou seja, suareziana², da transformação da metafísica

<http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261>; *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430> e *Hegel. Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em <http://bit.ly/2959irT>. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Francisco Suárez** (1548-1617): teólogo jesuíta espanhol nascido em Granada. Estudou latim, direito, filosofia e teologia em Salamanca. É um dos fundadores do direito internacional e criador da doutrina do suarismo. A partir de 1570, trabalhou como instrutor de teologia em vários centros dos jesuítas, na Espanha e em Roma, até se estabelecer como professor de teologia na Universidade de Coimbra (1597), Portugal, pertencente então à coroa espanhola, por indicação do rei Filipe II. Ali firmou sua conduta erudita e tornou-se

sica em sistema, própria da razão hipotético-dedutiva.

Essa ordem sistemática do discurso percorre roteiro dialético desdobrado em duas chaves interpretativas. A primeira corresponde ao nível da inteligibilidade *para-nós*. Procede segundo a seriação das categorias e das regiões categoriais onde vigora a lei da negação dialética, ou *Aufhebung*³ (suprassunção segundo a terminologia de Paulo Menezes⁴). A segunda corresponde

o principal representante da nova escolástica do século XVI. Sua obra mais influente foi *Disputationes Metaphysicae* (1597), um amplo tratado que articulava todo o saber metafísico, concebido como teologia natural. Escreveu várias obras por encomenda do papa Paulo V e de outras autoridades religiosas, como *De legibus* (1612) e *Defensio fidei catholicae* (1613), destinadas a elaborar uma teoria jurídica e política baseada nos princípios católicos. Negou o direito divino dos reis e pregou o direito do povo derrubar qualquer monarca que atuasse contra o interesse social. Também criticou muitas das práticas da colonização espanhola nas Índias. Lecionou filosofia em Segóvia e teologia em Valladolid. Tendo em vista os 400 anos de morte do filósofo espanhol Francisco Suárez, a serem celebrados em 2017, por meio de uma parceria do PPG Filosofia Unisinos com o Instituto Humanitas Unisinos – IHU, será organizado um Colóquio Internacional sobre esse pensador, que ocorrerá entre 25 e 28 de setembro de 2017. Já no dia 21 de junho de 2016 aconteceu o lançamento do Colóquio Internacional. O evento contou com as conferências do prof. Dr. João Vila-Chã (PUG Roma e COMIUCAP), prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino (Unisinos) e prof. Dr. Alfredo Culleton (Unisinos). O PPG Filosofia Unisinos também promoveu o curso A Escolástica Ibero-americana e o Direito Indígena (passado e presente), cujos detalhes podem ser conferidos em <http://bit.ly/1ZKL3iD>. Na edição 487 da **IHU On-Line**, há um dossiê especial sobre a Escolástica Ibero-americana, que pode ser acessado em <http://bit.ly/29544IK>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Aufheben: palavra alemã de largo uso na filosofia hegeliana que quer dizer, ao mesmo tempo, “superar” e “conservar”, na condição de tese e antítese que interagem, formando uma síntese. Também é traduzida como *suprassumir*. Nesse conceito é importante o entendimento da contrariedade como motor da dialética. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Paulo Menezes (1924-2012): filósofo brasileiro, graduado em Filosofia pela Faculdade Pontifícia de Friburgo e doutor pela Universidade Católica de Pernambuco – Unicap, onde foi professor. Entre outros, escreveu *Para ler a Fenomenologia do Espírito* (São Paulo: Loyola, 1985). Confirma a entrevista *O trabalho filosófico como síntese da tradição cristã*, concedida por Danilo Vaz-Curado em 18-12-2012, disponível na revista **IHU On-Line** 412, em <http://bit.ly/298pk1r>. (Nota da **IHU On-Line**)

ao nível da inteligibilidade *em-si*. Acompanha os níveis conceptuais que exprimem os princípios primeiros constitutivos do ser, essência e existência... É oportuno sugerir certa inspiração dos estudos eruditos de Joseph Gauvin⁵ sobre a Fenomenologia do Espírito⁶ nessa dialética do para-nós e do em-si no pensamento vaziano.

Dilemas metafísicos

A *Antropologia Filosófica* de Lima Vaz se ergue sobre seu longo labor filosófico de memória do Ser em plena expansão planetária da civilização científico-tecnológica, expressão dessa transformação da Metafísica em sistema. Em outras palavras, a Antropologia Filosófica vaziana se eleva à Metafísica. O quadro referencial teórico vaziano de um sistema aberto estabelecido a partir da crítica às pretensões hegemônicas da razão hipotético-

dedutiva permite o procedimento metódico e a organização sistemática fundamentais do discurso vaziano sobre o ser humano.

O desequilíbrio entre os polos epistemológicos Natureza, Sujeito e Forma na compreensão do ser humano nos discursos contemporâneos da Antropologia Filosófica deve-se ao déficit metafísico da cultura resultante da transformação da razão greco-cristã em cálculo raciocinante que, por sua vez, engendra o mito da práxis absoluta na Modernidade tardia. Ou seja, a cultura contemporânea mostra-se avessa a experimentar os dilemas metafísicos fundamentais – o ser e o nada, o uno e o múltiplo, o ser e o poder-ser, o ser e o dever-ser, o ser e o devir – como dilemas existenciais que acompanham nosso modo de ser-no-mundo-com-os-outros na mediação da linguagem e abertos à plenitude de inteligibilidade do *próton noetón*.

Discurso com ordem sistemática

Em seu procedimento metódico e em sua organização sistemática, a Antropologia Filosófica vaziana leva em conta três níveis de conhecimento do ser humano: a) a pré-compreensão; b) a compreensão explicativa; c) a compreensão filosófica. No primeiro caso, o objeto do discurso sistemático da Antropologia Filosófica, o ser humano, é também sujeito. Forma uma compreensão natural e espontânea de si mesmo segundo a qual modela uma imagem de si mesmo pela tradição cultural em que se insere e pelo estilo de vida que adota. No segundo caso, adota os cânones metodológicos das ciências do homem, compreendendo o ser humano por meio de explicações científicas. No terceiro caso, expressa intelectualmente a experiência original que o ser humano faz de si com categorias propriamente filosóficas. Segundo Lima Vaz, a tarefa da Antropologia Filosófica é identificar essas categorias, definir seu conteúdo e articulá-las de modo a que se constitua com elas um discurso com uma ordem sistemática.

5 Joseph Gauvin: hegeliano, é um jesuíta discípulo do padre Marcel Régner (que resuscitou e dirigiu durante anos a revista *Archives de Philosophie*). Lecionou por muito tempo na Faculdade de Filosofia dos Jesuítas na França (em Vals, e depois em Chantilly), desempenhou um papel eminente nos estudos hegelianos. Só publicou uma dezena de artigos, mas todos tiveram uma influência profunda. Joseph Gauvin (que realizou também um volumoso e bem precioso *Wortindex zur Hegels Phänomenologie des Geistes* a partir de um tratamento informático extremamente inovador na época – *Hegel-Studien, Beiheft 14*. Bouvier Verlag – Herbert Grundmann, Bonn 1977), foi, para toda a Universidade francesa, e além dela também, um despertador cuja honestidade e rigor fizeram muitos seguidores. (Nota da **IHU On-Line**)

6 Fenomenologia do Espírito: Hegel, na *Fenomenologia do Espírito*, descreve o saber da experiência que faz a consciência, colocando-se contra os critérios de verdade até então defendidos pelas correntes empirista e racionalista. A primeira apoiada no mundo empírico objetivo, como em Hume, e a segunda na pura razão como critério *a priori*, como em Kant. Na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel diz que o começo é o indeterminado puro, o universal, o imediato, ou seja, a consciência imediata, o puro ser, abstraído de todo conteúdo. Para ele o sujeito não sofre nenhuma determinação *a priori*. Ele, portanto, começa com o universal sem sujeito, universal abstrato, pelo fato de que, só o sujeito pode realizar o universal concreto. Hegel afirma que o todo é o Espírito Absoluto. O espírito desce do universal através das determinações à singularidade e sobe da singularidade através de suas determinações à universalidade. Sendo assim nada tem ser, nem é, verdadeiramente conhecido se não está compreendido neste Espírito Absoluto. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Qual é o alcance teórico que os polos epistemológicos Natureza, Sujeito, Forma têm na ordem do discurso sistemático da Antropologia Filosófica vaziana?

Marcelo Fernandes de Aquino - Lima Vaz propõe-se evitar o escolho tanto do essencialismo estático de uma substância que permanece imóvel sob suas propriedades, como do puro dinamismo de uma existência sem sujeito. No primeiro caso, penso tratar-se de crítica à neoescolástica oitocentista e sua leitura de Tomás de Aquino⁷ sob regência de certa Lógica do entendimento. No segundo caso se trataria de certo perspectivismo relativístico contemporâneo. Para tanto, desde o nível da pré-compreensão, seu foco é a manifestação concreta do ser humano como movimento dialético de passagem do dado à expressão, ou da Natureza à Forma.

Lima Vaz distingue, por um lado, o sujeito lógico das proposições da Antropologia Filosófica que é o sujeito como totalidade do movimento de passagem da Natureza à Forma, e que responde à interrogação *o que é o ser humano?* Por outro lado, o sujeito que exerce uma função ontológica, isto é, o sujeito como Eu propriamente dito que medeia a Natureza e a Forma, isto é, articula a lógica do ser da subjetividade, e que é o ser próprio do ser humano, momento mediador desse movimento dialético que se deixa representar pelo esquema, ou melhor, pelo silogismo especulativo N S F. Esse movimento dialético é o da constituição progressiva do ser humano, que é identicamente o movimento da sua autoexpressão. Em poucas palavras, o ser hu-

⁷ **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas "Summae", sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

mano é expressividade. Penso que o sintagma *ordem sistemática do discurso* antropológico-filosófico vaziano corresponda equioriginariamente ao *silogismo* N S F.

IHU On-Line - Lembrando essa distinção entre o "lógico" e o "ontológico", cabe perguntar: qual a Lógica com que Lima Vaz faz seu discurso antropológico-filosófico sistematicamente ordenado?

Marcelo Fernandes de Aquino - Antes de mais nada, é preciso elucidar a estrutura da conceptualização filosófica empregada por Lima Vaz na Antropologia Filosófica. Em outras palavras, elucidar o processo metodologicamente ordenado de construção das categorias. Entende-se por categorias os conceitos fundamentais que são articulados no discurso filosófico. Além disso, cabe levar em conta as peculiaridades da originalidade da experiência que o ser humano faz de si mesmo como ser capaz de dar, ou não, razão de si mesmo. Essa experiência filosófica tem sua dificuldade própria, pois seu objeto é o sujeito da experiência. Além disso, acrescentem-se as dificuldades provindas da pluralidade cultural da pré-compreensão na cultura contemporânea e da multiplicação das ciências do homem que sugerem a imagem de um ser humano pluriversal.

Nessa análise do saber acontece complexa confluência de influências de Aristóteles⁸, Tomás de Aquino⁹ e Hegel na constituição da

⁸ **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas — por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega — acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na es-

Denkform vaziana que busca organizar sistematicamente o saber de si mesmo - o dar razão de si mesmo - que é constitutivo do ser humano enquanto humano. Como tal não se limita objetivamente a uma esfera apenas de manifestação do ser humano - caso das ciências humanas -, mas deve exprimir, no nível da conceptualização filosófica, o processo real e total do seu autoconstituir-se como sujeito. Creio que Lima Vaz ofereceu importante contribuição à Filosofia expondo a organização sistemática das categorias filosóficas que expressam o processo real e total da autoconstituição do ser humano como sujeito.

Função ontológica e estrutura dialética

O problema do sujeito na pré-compreensão, na compreensão explicativa das ciências do homem e na compreensão filosófica da Antropologia Filosófica consiste na elucidação dessa mediação subjetiva. O sujeito considerado em sua função ontológica é constituído por uma estrutura dialética. Seu ser se exprime mediante Lógica dialética estruturada como movimento de suprassunção da Natureza na Forma, do mundo das coisas no mundo do sentido, pela mediação do Sujeito no sentido estrito de sua subjetividade ou da sua egoidade. Seria interessante desenvolver a seguinte hipótese de trabalho: teria Lima Vaz em sua maturidade concebido a Metafísica como Lógica dialético-especulativa?

IHU On-Line - Poderia aprofundar o processo de conceptualização filosófica percorrido por Lima Vaz, antes de continuar a questão da Lógica dialética?

Marcelo Fernandes de Aquino - Lima Vaz acompanha a análise aristotélica do saber, constituída por *objeto, conceito e discurso*. O pri-

colástica anterior. Em suas duas "Summae", sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

meio momento, ou seja, a determinação do objeto é um *momento aporético*, isto é, a problematização do objeto tanto do ponto de vista *histórico*, como do ponto de vista *crítico*. No primeiro caso, trata-se de recuperação ou rememoração (*anámnesis*, *Erinnerung*) que pertence intrinsecamente à estrutura da conceptualização filosófica conforme ensinam Platão, Aristóteles e Hegel, entre outros. No segundo caso, trata-se de referir o contexto problemático da pergunta pelo saber do ser humano sobre si mesmo, como se apresenta na atualidade da pré-compreensão e da compreensão explicativa. Consta de dois passos: *momento eidético* e *momento tético*. No primeiro, se levam em conta os elementos conceptuais que emergem da pergunta, seja a partir dos momentos antecedentes, seja a partir das conclusões das ciências humanas. No segundo, a pergunta é referida à mediação do sujeito enquanto sujeito, isto é, a uma expressão determinada de autossignificação do seu ser.

Elaboração da categoria

O segundo momento da conceptualização filosófica é a elaboração da *categoria*. Do ponto de vista do movimento dialético que conduz à elaboração da categoria, esta constitui o nível do concreto conceptual, ou da mediação ontológica, supassumindo o concreto empírico da pré-compreensão e o momento abstrato da compreensão explicativa. Partindo da situação do sujeito empírico e passando pelo modelo do sujeito abstrato, a elaboração da categoria alcança o nível do conceito ontológico, que é o sujeito do discurso sobre o ser humano, ou dialética, que é propriamente o discurso da Antropologia Filosófica.

Discurso dialético

O terceiro momento, finalmente, é a *dialética* que se define como discurso da Antropologia Filosófica. O discurso dialético supõe sempre uma relação de oposição entre seus termos e de supressão progres-

siva dos termos, o que constitui a ordem do discurso. Seus princípios são três. A *limitação eidética* é exigida pelo caráter não intuitivo do conhecimento intelectual, ao qual impõe a necessidade de exprimir o objeto na forma do conceito que delimita uma região de objetividade e não coincide, por definição, com uma intuição totalizante do objeto. A *ilimitação tética* decorre do dinamismo do nosso conhecimento intelectual que aponta para a ilimitação ou infinidade do ser e, portanto, vai além de todo horizonte do objeto na sua limitação eidética.

Ao introduzir a negatividade no seio da limitação eidética dá origem à oposição entre as categorias que leva adiante o movimento dialético do discurso. Penso que aqui confluem, por um lado, a doutrina tomásica do juízo em sua versão elaborada por Maréchal¹⁰, e, por outro lado, a leitura vaziana da Fenomenologia do Espírito de Hegel. A *totalização* mantém o princípio da ilimitação tética apontada para o horizonte último do ser. Segundo essa, o movimento dialético do discurso deve ter como alvo a igualdade inteligível entre o objeto e o ser, deve organizar-se em sistema de categorias.

IHU On-Line - Voltando à Lógica, como se dá a estruturação lógico-dialética da Antropologia Filosófica?

Marcelo Fernandes de Aquino - Na concepção vaziana do ser humano como expressividade, o sujeito é pensado como movimento incessante de mediação entre o ser que é simplesmente e o ser que se significa, seja no plano da sua estrutura (ser-em-si), seja no plano das suas relações (ser-para-outro).

¹⁰ **Joseph Maréchal** (1878-1944): padre jesuíta belga, filósofo e psicólogo no Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Leuven. A sua obra fundamental é *Le point de départ de la métaphysique: leçons sur le développement historique et théorique du problème de la connaissance* (*O ponto de partida da metafísica: lições sobre o desenvolvimento histórico e teórico do problema do conhecimento*, em tradução livre) 5 vols. (Bruges-Louvain, 1922-47). (Nota da **IHU On-Line**)

As categorias *corpo próprio*, *psiquismo* e *espírito*, por um lado, e *objetividade*, *intersubjetividade* e *transcendência*, por outro lado, são formas ou expressões dialeticamente opostas, respectivamente, das regiões categoriais do ser-em-si e do ser-para-outro do sujeito ontológico.

No domínio das categorias espírito e transcendência, o discurso dialético apresenta uma curva que manifesta uma singularidade na ordem sistemática do discurso antropológico-filosófico vaziano. A singularidade consiste na ruptura da univocidade do discurso pela irrupção, no conteúdo da categoria, de uma realidade que só pode ser pensada analogicamente: a realidade do espírito, e do termo *ad quem* da relação de transcendência. Trata-se da ruptura da finitude categorial pela infinidade transcendental. A dialética que rege o discurso da Antropologia Filosófica conhece, no domínio das categorias espírito e transcendência, uma inversão no que diz respeito à aplicação da limitação eidética e da ilimitação tética ao dinamismo do Eu sou.

Apesar de Lima Vaz falar de uma inversão, penso ser mais adequado falar de uma *inversão da inversão* do vetor intencional próprio da Metafísica da subjetividade direcionado para o Eu cognoscente. A partir dessa inversão da inversão levada a cabo pela que alhures chamou de modernidade moderna, ele dá um passo para frente em sua reflexão, avançando para além de uma concepção de sistema fechado de matriz hipotético-dedutiva. Sua concepção de sistema aberto leva-o a falar da plenitude de inteligibilidade do próton noetón ou sentido radical, que para Lima Vaz é o Absoluto pessoal, Deus, para o qual se dirige o vetor intencional do conhecimento humano.

“O outro de mim mesmo”

Mediante a dialética da identidade e da diferença, Lima Vaz desenha e articula inter e transcategorialmente a cadeia ordenada de

mediações anteriores pelas quais o ser humano se exprime como estrutura e relações: da mediação com que o sujeito se exprimiu como Eu corporal na forma de corpo próprio, à mediação com que se exprimiu como Eu espiritual na forma da relação de transcendência. Essa é uma cadeia ordenada, cujos elos se articulam na dupla direção da inteligibilidade *para-nós* e da inteligibilidade *em-si*.

O discurso alcança outro patamar de inteligibilidade com a unificação no ser humano das formas da sua autoexpressão na dialética da *ipseidade* (identidade da sua presença a si mesmo) e *alteridade* (sua diferença do outro do qual se distingue, mas com o qual necessariamente se relaciona como finito e situado). A ipseidade definindo-o como *ser-para-si*, e a alteridade como *ser-para-outro*. Em ambas o outro está presente tanto como *em-si*, ou o lugar ontológico da situação e da finitude do ser humano, e ao qual ele está necessariamente referido, quanto na constituição do *para-si* da sua estrutura ou nas formas *para-o-outro* do seu ser relativo. Vale lembrar que na ontologia dialética de Hegel "eu sou o outro de mim mesmo".

Tangenciamento entre Antropologia Filosófica e Ética

A passagem às categorias de unidade, que deverão levar o discurso a seu termo na categoria de pessoa, resulta do movimento dialético que conduz o discurso de compreender a categoria de transcendência, sob a regência da inversão da limitação eidética e da ilimitação tética. Essa inversão permitirá a síntese das categorias de estrutura e relações.

A essência do ser humano, no domínio do ser-em-si da estrutura e do ser-para-outro da relação, assegura a unidade indivisa do seu ser e a distinção que o faz ser entre os seres. No domínio do ser-para-si propriamente dito, isto é, da sua reflexividade essencial desenrola-se o movimento da au-

torrealização que se exprime na sua autoafirmação como sujeito. A categoria de realização assinala a entrada da dialética que rege o discurso no domínio da *existência* propriamente dita, operando a síntese dinâmica entre as categorias de estrutura e de relação. O ser-em-si da estrutura e o ser-para-outro da relação são suprasumidos no ser-para-si da realização na conquista, pelo sujeito, da unidade profunda que ele é como essência, mas que deve tornar-se como existência. Nesse nível do discurso, a Antropologia Filosófica e a Ética se tangenciam.

Inspiração platônica

A formulação do problema da realização do ser humano diz respeito à oposição primordial entre *ser* e *dever*, que penetra no âmago da constituição ontológica do ser humano. No discurso antropológico-filosófico, ela se formula como oposição entre a primazia a ser atribuída à essência ou à existência, à natureza ou à condição, à estrutura ou à situação. A realização se mostra, portanto, como passagem do ser que é ao ser que se torna ele mesmo pela negação dialética do *outro* no ativo relacionar-se com ele, o que implica a suprassunção do outro no desdobrar-se da unidade fundamental. Aqui Lima Vaz se inspira na dialética platônica do *mesmo* e do *outro*, do *repouso* e do *movimento* no seu entrelaçamento no ser para a formação da mais elementar rede conceptual para compreender filosoficamente a realização humana.

No domínio da categoria da realização humana, a dialética que rege o discurso da Antropologia Filosófica conhece inversão análoga à que se manifestara nas categorias de espírito e de transcendência no que diz respeito à aplicação dos princípios de limitação eidética e de ilimitação tética ao dinamismo do Eu sou. Graças à racionalidade analógica, o discurso vaziano transgride os limites eidéticos da categoria traçados segundo a finitude e a situação do sujeito. A racionalidade

analógica refere o conteúdo do *eidós* da realização humana ao absoluto da Verdade, do Bem e da Existência. Nessa referência, o vetor ontológico da ilimitação tética que tem origem no sujeito e extremidade na infinitude intencional do ser-mais como horizonte do seu fazer (operar poético) e do seu agir (operar prático), vê no horizonte da teoria (operar teórico), invertido o seu sentido na acepção de que a ponta extrema do movimento da realização humana na ordem da teoria não procede da *posição* (*thésis*) do Eu sou ou do seu dinamismo imanente. É *posta* pelo Absoluto ao qual o sujeito constitutivamente se refere (relação de transcendência) nos atos supremos do existir humano: conhecer a Verdade, consentir ao Bem, reconhecer no Absoluto de existência a fonte primeira da Verdade e do Bem.

Primazia da inteligibilidade em-si do sujeito

Com a submissão da categoria de realização ao princípio da totalização, a *ordem sistemática do discurso* antropológico-filosófico vaziano chega ao limiar da afirmação da igualdade inteligível entre o sujeito (o Eu no movimento da sua automanifestação) e o ser (manifestado na ordem das categorias encadeadas pelo discurso). Lima Vaz afirma essa igualdade inteligível na categoria de pessoa que restitui a primazia da inteligibilidade em-si do sujeito (o sujeito afirmado como ser) que ao longo do discurso se desdobrara como inteligibilidade para-nós. A inteligibilidade em-si tornou possível o discurso. Agora se mostra como seu verdadeiro princípio, tendo demonstrado dialeticamente seu fim.

IHU On-Line - A exposição das categorias antropológico-filosóficas alcança seu cerne inteligível com a categoria da pessoa?

Marcelo Fernandes de Aquino - Certamente. Com a categoria de pessoa o discurso da Antropologia

Filosófica alcança seu termo. Ela se mostra como síntese dos momentos eidéticos percorridos pelo movimento dialético e, igualmente, como o alvo apontado pelos momentos da ilimitação tética que fizeram avançar o movimento. Ela é a expressão acabada do *Eu sou*. Responde à interrogação inicial “que é o homem?” tendo sido estabelecida por Lima Vaz como a identidade mediatizada pela sequência das categorias entre sujeito e pessoa.

A pessoa é a expressão adequada com a qual o sujeito ou o Eu se exprime e se diz a si mesmo. Na ordem da inteligibilidade para-nós, isto é, considerada na sua expressão categorial como síntese ou fecho do discurso dialético, ela é um *resultado*. Na ordem da inteligibilidade em-si, ela é a origem inteligível de todo discurso e, como tal, *começo* absoluto, que se faz presente, surgindo na sua radical originariedade, em toda afirmação e em toda invocação do sujeito.

Como princípio, a pessoa se põe absolutamente na raiz inteligível da afirmação *Eu sou* que percorre todo o discurso antropológico como mediação pela qual o ser humano se significa e se unifica segundo os diversos aspectos do seu ser. Como fim, a pessoa, suprassumindo a

oposição entre essência e existência ou entre estrutura e relações de um lado, e realização de outro, mostra-se como a unidade que se realiza existencialmente entre o em-si da estrutura e o para-outro da relação. É um em-si que é tal no seu abrir-se para o outro.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algo?

Marcelo Fernandes de Aquino - Contrariamente ao modo de fazer Filosofia consagrado no Brasil, caracterizado por um conhecimento verticalizado de um determinado autor, Pe. Lima Vaz desenvolveu um pensamento filosófico com abrangência sistêmica. Ele foi aluno do Pe. Roser¹¹, que o introduziu

¹¹ **Francisco Xavier Roser** (1904-1967): nascido na Áustria, estudante de Teologia em Innsbruck, foi à Escola Apostólica de Linz para convidar jovens dispostos a serem missionários junto aos índios do Brasil, no Mato Grosso. Roser estava entre os vários que vieram, ingressando no Noviciado (1924) no então Colégio Anchieta, em Nova Friburgo/RJ. Fez os estudos humanísticos e filosóficos no mesmo local e o magistério no Colégio Santo Inácio, Rio de Janeiro (1931 a 1933), ensinando Física. Seguiu-se o curso de Teologia (1934 a 1938), dirigido pelos jesuítas, na Universidade de Innsbruck, sendo ordenado sacerdote em 1937. Durante os estudos de Teologia, Roser cursou simultaneamente Física na mesma Universidade, concluindo o doutorado ao final dos quatro anos, sob a orientação de Victor Hess. Depois destes anos na Áustria, voltou ao Brasil para a “Terceira

no pensamento científico da Mecânica Relativística e da Mecânica Quântica. Conhecia as fontes da história do Brasil como poucos, tinha sensibilidade para a literatura, conhecendo muita poesia grega, latina, brasileira, seguia as tramas da economia e da política e, como poucos, conhecia as fontes da Filosofia. Seus cadernos mostram que no estudo de um determinado autor, digamos Hegel, ele recuperava a escritura palimpsesta que subjazia no trecho da Ciência da Lógica ou da Fenomenologia que estivesse lendo. A celebração dos 25 anos de publicação da sua *Antropologia Filosófica* serve para fazer a memória desse insigne cristão e democrata que amava profundamente o Brasil.

Provação”, feita em Pareci Novo/RS. De 1940 a 1946 esteve no Colégio Anchieta, em Nova Friburgo/RJ, como Professor de “Questões Científicas” para os estudantes jesuítas de Filosofia, além de desempenhar varias outras funções acadêmicas e pastorais. Foi professor de Física no Colégio Santo Inácio no Rio de Janeiro (1947 a 1949). De 1951 a 1955 exerceu atividades nas Universidades de Chicago e de Stanford, nos Estados Unidos, com breves vindas ao Brasil e idas a Europa. Foi nessa época que ele experienciou os estudos de Física realizados em Innsbruck. Padre Roser ficou sempre dedicado à Física Experimental. Em 1956 voltou ao Brasil definitivamente, passando a lecionar Física Experimental na PUC-Rio, já como uma “celebridade” no mundo da ciência brasileira. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- *A experiência inaciana e o caminho espiritual de Bergoglio*. Publicada na **IHU On-Line** 465, de 18-05-2015, disponível em <http://bit.ly/29fFJEU>.
- *Será a humanidade absorvida pelo mundo dos objetos, hoje virtuais? Uma pergunta que não cala*. Publicada na **IHU On-Line** 374, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/29hUV1v>.
- *A pós-metafísica e a narrativa de Deus*. Publicada na **IHU On-Line** 308, de 14-09-2009, disponível em <http://bit.ly/29aIV2N>.
- *Liberdade, necessitarismo e ética em Hegel*. Publicada na **IHU On-Line** 217, de 30-04-2007, disponível em <http://bit.ly/294Pbpv>.
- *A religião como fato cultural passa a ser apenas objeto da filosofia*. Publicada na **IHU On-Line** 245, de 26-11-2007, disponível em <http://bit.ly/297EaJF>.
- *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil*. Cadernos **IHU ideias** - 187^a edição, disponível em <http://bit.ly/294P79b>.

Intersecção entre metafísica e ética em Lima Vaz

A Antropologia Filosófica, para Carlos Drawin, condensa o exato ponto de cruzamento entre metafísica e ética nos escritos do autor

Por Márcia Junges | Edição João Vitor Santos

Pesquisadores que analisam os escritos de Lima Vaz destacam sempre a atualidade de sua obra, bem como o seu exaustivo exercício de pensar a Filosofia para o seu tempo presente, num mundo real. Assim, em meio ao estado de crises em que vive o Brasil, é quase inevitável trazer o autor para reflexões acerca desse tempo. É esse movimento que faz o psicólogo e filósofo Carlos Roberto Drawin, que foi aluno de Vaz e destaca a extrema erudição e simplicidade do professor, ao pensar em ética. “A palavra ‘ética’ tornou-se banal em nosso tempo. Todos os grupos e segmentos da sociedade a reivindicam e não há quem se diga contrário à ‘ética’. Ao mesmo tempo, estamos mergulhados numa crise ética sem precedentes, porque já não partilhamos as mesmas crenças e a visão historicista dominante que difundiu o relativismo moral”, diagnostica.

Na entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ainda elabora que “o relativismo moral muitas vezes é apresentado como apanágio da democracia, porém convive com a lógica férrea da globalização econômica e tecnológica. A consciência da liberdade individual se exacerba numa época de crescente coerção”. Assim, à luz da Antropologia Filosófica, entende que “a racionalidade

lógica e operacional que ganhou primazia no mundo moderno não poderia arrostar tal crise porque a sua hegemonia é uma das causas desta mesma crise”. Por isso, acredita que só outro tipo de racionalidade será capaz “de resistir à absorção da transcendência na imanência do sujeito”. É assim que insere a razão metafísica, como fomento para alimentar a ideia de ética. “A ética requer, portanto, a metafísica”, conclui.

Carlos Roberto Drawin é graduado em Psicologia e bacharel em Filosofia, e mestre e doutor em Filosofia, todos pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Até 2010, quando se aposentou, foi professor do programa de pós-graduação em Filosofia da UFMG. Lecionou na UFMG diversas disciplinas nas áreas de psicanálise e filosofia, dedicando-se a pesquisar a interface psicanálise/filosofia. Atualmente é professor titular da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Faje e membro titular do colegiado do curso de pós-graduação em Filosofia. Entre os livros que publicou está *Destinos da religião na contemporaneidade: um diálogo com a psicanálise, a filosofia e as ciências da religião* (Curitiba: Editora CRV, 2015).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as posições fundamentais, a estrutura de Antropologia Filosófica, de Lima Vaz?

Carlos Roberto Drawin - A Antropologia Filosófica de Lima Vaz foi publicada em dois volumes (1991;

1992)¹ dividida em duas partes. Na primeira parte, o autor reze o itinerário das concepções do homem no pensamento ocidental. Na

¹ *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1991. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992. (Nota da **IHU On-Line**)

segunda parte, ele expõe o sistema das categorias antropológicas abrangendo as estruturas e as relações fundamentais do ser humano, bem como a sua unidade. Não obstante, a rememoração histórica, apesar de seu conteúdo bem

resumido, não pode ser minimizada e não figura na obra como um ornamento de erudição, mas se encontra intimamente articulada com a exposição das categorias fundamentais do sistema antropológico, pois cada uma delas é pensada à luz da aporética histórica que acompanha o seu desdobramento no tempo.

Ao contrário dos saberes científicos, a filosofia não pode prescindir da sua própria história, como testemunha a obra de Lima Vaz desde o seu início, quando ele, recém-chegado de seu doutorado em Roma, obtido na Pontifícia Universidade Gregoriana e professor na Faculdade de Filosofia em Nova Friburgo, publicou em 1954 "Itinerário da ontologia clássica", um extraordinário artigo iniciado com as seguintes palavras: "nossa reflexão apresenta-se como uma indagação sobre a formação histórica do conceito de ontologia, ou ciência do ser (...) a reflexão filosófica, bem o sabemos, verifica por excelência a lei de todo pensamento autêntico: ela é progressiva e criadora". A "formação histórica" mostra-se essencial não só para compreendermos a nossa forma contemporânea de pensar, mas também para resgataremos os aspectos esquecidos ou recalçados daquilo que já foi pensado no passado e poderia ressurgir como preciosa fonte de renovação do presente.

Por outro lado, a história não é um fluxo caótico de acontecimentos e ideias apenas extrinsecamente ordenados. A rememoração possibilita "des-cobrir" os elementos conceptuais presentes na autocompreensão do ser humano acerca de si mesmo de modo a apreender o sistema categorial por meio do qual *o sujeito afirma um aspecto fundamental do seu ser* e se propõe responder à pergunta "o que é o homem?".

Dimensões na antropologia vaziana

A profunda interpenetração entre as dimensões histórica e sistêmica da antropologia vaziana se

explicita em sua estrutura metódica com a distinção dos três níveis de conhecimento: a pré-compreensão, a compreensão explicativa e a compreensão filosófica. O método em toda sua sutileza e complexidade não pode ser desenvolvido; o seu significado estratégico, porém, pode ser facilmente apreendido: sem o concurso da pré-compreensão, a experiência viva do homem acerca de si mesmo ou da compreensão explicativa, a contribuição das teorias científicas acerca do fenômeno humano, o discurso filosófico pode facilmente resvalar na abstração e no formalismo.

A pré-compreensão sem as mediações da ciência e da filosofia pode mergulhar na ingenuidade e no subjetivismo. A compreensão explicativa, nível onde convergem

“

Ao contrário dos saberes científicos, a filosofia não pode prescindir da sua própria história

as teorias científicas, tende à reificação das formas abstratas distanciadas da vida e da reflexão e a reduzir o homem em sua totalidade ao viés específico de seus procedimentos de subjetivação. Três perigos que a antropologia vaziana se propõe a contornar: o abstracionismo filosófico, o subjetivismo da vivência e o reducionismo científico. Em nosso mundo marcado pela hegemonia tecnocientífica, o risco mais evidente é o do reducionismo: a instauração da genética, das neurociências ou da economia como instâncias privilegiadas para a explicação do homem em sua essência.

IHU On-Line - Qual é a ontologia que subjaz a essa estrutura?

Carlos Roberto Drawin - No artigo de 1954, anteriormente citado - "Itinerário da ontologia clássica" -, Lima Vaz distingue a "ciência do ser" de todo outro tipo de saber científico. Se a ontologia é a ciência do ser, então o ser e o pensar estão indissolivelmente ligados e, portanto, não há nenhum tipo de saber, inclusive as ciências ditas positivas, carente de pressuposição ontológica. Afinal de contas, todo conhecimento possui uma estrutura judicativa e o juízo contém implicitamente a afirmação do ser na simples fórmula do "S é p".

As ciências, no entanto, recorram metodologicamente a realidade de modo a demarcar um campo específico de objetividade e com este procedimento abdicam de intencionar a totalidade das coisas. O discurso filosófico não dispõe de tal recurso justamente por visar toda a realidade e também, por conseguinte, o seu fundamento, a unidade ou o princípio que reúne e dá inteligibilidade das coisas e dos acontecimentos, ou seja, eleva a multiplicidade da experiência à unidade da ciência. Não há filosofia sem ontologia. Certamente podemos interditar tal pretensão como desmedida e limitarmos o labor filosófico à leitura e exegese dos textos consagrados pela tradição ou considerá-la como mera elucidação dos procedimentos desta ou daquela ciência, como uma espécie de metalinguagem das ciências positivas consideradas como conhecimento efetivo da realidade. Mas se todo conhecimento traz consigo uma ontologia implícita, então haverá sempre algum lugar no universo discursivo em que o implícito possa explicitar-se, ainda que não queiramos designar tal explicitação como ontologia ou, simplesmente, como filosofia. O pensamento de Lima Vaz não padece de tais inibições e ao assumir-se como filosófico ele se explicita reflexivamente em sua orientação ontológica ou metafísica.

Resposta antropológica

A interrogação antropológica será respondida pelo conjunto

das categorias que determinam a sua essência: o corpo próprio, o psiquismo e o espírito enquanto estruturas fundamentais; a objetividade, a intersubjetividade e a transcendência enquanto relações fundamentais; a realização e a pessoa como expressão de sua unidade fundamental. Ora, as categorias são as determinações essenciais do ser humano e nenhuma delas pode faltar numa conceptualização filosófica abrangente, senão ao preço de algum tipo de redução da complexidade humana em suas múltiplas dimensões.

Todavia, o conjunto de todas estas categorias não esgota o ser humano uma vez que no movimento de sua autocompreensão ele se afirma ultrapassando cada uma delas. Por isso, no final de cada uma das categorias nos deparamos com a tensão dialética entre a afirmação e a negação, entre o princípio de limitação eidética que afirma o que ele é - eu sou corpo, eu sou psiquismo, eu sou espírito - e o princípio de ilimitação tética - eu não sou corpo, eu não sou psiquismo, eu não sou espírito - que impulsiona o discurso antropológico para um horizonte de totalização e de permanente abertura e inacabamento. Por quê? Porque o homem em sua autocompreensão somente se afirma se transcendendo, pois em seus atos espirituais, em sua inteligência e sua liberdade ele se revela como Eu transcendental, como sujeito ontológico. Como escreve Lima Vaz: "A vida do espírito enquanto *inteligência* tem, pois, como sua operação suprema a contemplação (*nóesis* ou *theoría*), ou seja, o acolhimento do ser; e enquanto *liberdade* tem como sua operação suprema o amor desinteressado (*ágape*), ou seja, o dom ao ser." A vida do espírito revela, portanto, a íntima inter-relação entre o homem e o ser, entre a antropologia e a ontologia.

IHU On-Line - Como o problema clássico da essência "o que é o homem" surge nessa obra?

Carlos Roberto Drawin - Contra a dispersão do fenômeno humano

na multiplicidade dos objetos das Ciências do Homem, a antropologia vaziana reafirma a legitimidade da pergunta clássica acerca da essência do homem como o ser que compreende reflexivamente todas as suas determinações objetivas. A resposta à pergunta clássica

“

Se a ontologia é a ciência do ser, então o ser e o pensar estão indissolivelmente ligados

encontra-se no sistema categorial que define o homem em seu ser e o faz pela mediação do sujeito que constitui a si mesmo "na passagem incessante do *dado* ao *significado*". Os dados provenientes da experiência da vida em múltiplas culturas e produzidos pelas teorias científicas em suas diversas disciplinas e ramificações são assimilados pelo sujeito que se expressa a partir deles por meio de linguagens mais ou menos elaboradas, por meio dos conceitos científicos e das categorias filosóficas.

No entanto, não há nenhuma forma absoluta de expressão, nem as teorias científicas e nem o discurso filosófico em sua máxima abrangência esgotam a tensão que habita o sujeito no permanente esforço de mediação de si mesmo, não há como resolver a "oposição entre o *categorial* e o *transcendental* ou entre o *finito* e o *infinito* presente no próprio coração do *eidós* da *pessoa*". Essa tensão brota da própria unidade do homem enquanto *personas*, enquanto se mostra como *unitas oppositorum* e não pode ser resolvida no plano imanente do discurso filosófico, e da sucessão das categorias que determina a resposta que o homem põe a si mesmo acerca de sua essência.

O discurso antropológico não se fecha como sistema, o sujeito não pode ser enclausurado em nenhum tipo de conceptualização imanente, pois em seu dinamismo pessoal "o sujeito rompe a limitação *eidética* da sua finitude e da sua situação, abrindo-se à infinitude *intencional* do ser e tendo a orientar o dinamismo mais profundo da sua autorrealização o alvo da união final, pela contemplação e pelo amor, com a infinitude *real* do Existente absoluto (*Ipsum esse subsistens*)". Vê-se, portanto, como na antropologia de Lima Vaz o problema clássico da essência, embora acolhido, é profundamente transfigurado pelo impacto da revelação bíblica como força geradora de razão.

IHU On-Line - Por que essa obra continua atual e desafiadora nos debates filosóficos?

Carlos Roberto Drawin - As respostas às questões anteriores não dão sequer uma pálida e enevoada imagem da obra profunda e original de Lima Vaz. A exigência metódica e sistemática, a amplitude da erudição, a orientação metafísica, a linguagem jamais hermética, mas extraordinariamente densa das exposições e, não menos importante, a identidade cristã do autor foram desde sempre formidáveis escolhos para a sua recepção e merecida difusão. Não obstante tais dificuldades, o tempo da filosofia flui de maneira lenta e penetrante, contornando quer as efervescências da moda, quer as interdições das crenças dominantes. Aos poucos, vão sendo publicados artigos e livros sobre a obra de Lima Vaz. E muito ainda há para ser estudado e compreendido e muito ainda há para ser publicado: os manuscritos inéditos de seus cursos, conferências e anotações pessoais e a série de textos que compõem os *Manuscritos Hegelianos*, cujo primeiro volume foi recentemente publicado (2014). O acervo encontra-se reunido e classificado no "Memorial Padre Vaz" da Biblioteca Padre Vaz, da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Faje de Belo Horizonte, ao qual os pesquisadores

têm acesso por meio do site² que foi preparado pelo Prof. Rubens Godoy Sampaio³. (Cf. Pe. João A. Mac Dowell, coordenador da Obra Filosófica Inédita de Henrique Cláudio de Lima Vaz, na "Apresentação" de "A formação do pensamento de Hegel").

Por todas as razões acima expostas, a obra de Lima Vaz permanece atual e desafiadora. Mas dois aspectos devem ser ressaltados. A comunidade filosófica brasileira, em decorrência da implantação dos cursos de pós-graduação, de sua extraordinária expansão e organização nas últimas décadas, alcançou um elevado nível de competência e maturidade intelectual. Apesar desses avanços notáveis, há sempre o risco de a comunidade filosófica, mimetizando o *ethos* das ciências "duras", se fragmentar em guetos de especialistas voltados para os seus próprios interesses e alheios aos problemas contemporâneos.

A obra de Lima Vaz, em que pese o seu imenso lastro de leituras, realizadas ao longo de muitos anos de estudo e recolhimento, confronta os desafios culturais, éticos e políticos postos pelo mundo. Em sua obra a leitura dos textos não nos ensimesma na erudição, nos faz pensar e não cala a perplexidade dos tempos. Por outro lado, numa época que se quer pós-metafísica e pós-cristã, o pensamento vaziano reivindica e conflui essas duas

2 padrevaz.com.br. (Nota do entrevistado)

3 **Rubens Godoy Sampaio**: graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, é mestre em Filosofia pela UFMG com a dissertação *A Ontologia da Intersubjetividade no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz* e doutor na mesma área pela Universidade Gama Filho – UGF, com a tese *Metafísica e Modernidade: método e estrutura, temas e sistema no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz* (São Paulo: Loyola, 2005). De sua produção bibliográfica citamos *Crise ética e advocacia* (Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2000) e *O Ser e os Outros* (São Paulo: Unimarco Editora, 2001). É servidor público federal da Justiça Federal de São Paulo. Confira a entrevista concedida por ele à **IHU On-Line** 374, de 26-09-2011, sobre Lima Vaz, intitulada *Um sistema em resposta ao niilismo ético*, disponível em <http://bit.ly/oSJbqf>. (Nota da **IHU On-Line**)

fontes da tradição ocidental - a inteligibilidade da metafísica platônica e aristotélica e a *intellectus fidei* propiciada pela revelação bíblica - numa crítica lúcida, serena e não menos contundente de nossa modernidade.

Por isso, a sua leitura permanece instigante e eminentemente contemporânea, pois a ela se aplica a observação de Giorgio Agamben⁴: "a contemporaneidade... é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela" (Cf. G. Agamben. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*).

IHU On-Line - Por que a Antropologia Filosófica se situa em uma

4 **Giorgio Agamben** (1942): filósofo italiano. É professor da *Facoltà di Design e arti della IUAV* (Veneza), onde ensina Estética, e do *College International de Philosophie* de Paris. Formado em Direito, foi professor da *Università di Macerata*, *Università di Verona* e da *New York University*, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <http://bit.ly/ihuon236>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. (Nota da **IHU On-Line**)

intersecção entre a Metafísica e a Ética?

Carlos Roberto Drawin - A palavra "ética" tornou-se banal em nosso tempo. Todos os grupos e segmentos da sociedade a reivindicam e não há que se diga contrário à "ética". Ao mesmo tempo, estamos mergulhados numa crise ética sem precedentes, porque já não partilhamos as mesmas crenças e a visão historicista dominante difundiu o relativismo moral. Acreditamos que cada povo e cada época têm seus costumes, valores e leis e até mesmo os grupos e os indivíduos devem se afirmar em suas convicções específicas. Resta-nos como valor certa tolerância misturada à indiferença em relação aos outros.

O relativismo moral muitas vezes é apresentado como apanágio da democracia, porém convive com a lógica férrea da globalização econômica e tecnológica. A consciência da liberdade individual se exacerba numa época de crescente coerção sistêmica e esta contradição seria "resolvida" por meio da expectativa de máxima satisfação das necessidades e carências dos indivíduos.

Por isso, num artigo notável de 1995 (Ética e razão moderna) Lima Vaz afirmou: "Não é, pois, no terreno da produção dos bens materiais e da satisfação das necessidades vitais que a crise profunda se delineia. É no terreno das *razões* de viver e dos *fins* capazes de dar sentido à aventura humana sobre a terra. Em sua a crise da civilização num futuro que já se anuncia no nosso presente, não será uma crise do ter, mas uma crise do ser. Será um conflito dramático não apenas nas consciências individuais, mas igualmente na consciência social entre *sentido* e *não-sentido*".

Uma outra razão, para além da racionalidade

Ora, a racionalidade lógica e operacional que ganhou primazia no mundo moderno não poderia arrostar tal crise porque a sua hegemonia é uma das causas desta mes-

ma crise. Somente um outro tipo de racionalidade, a razão metafísica, capaz de resistir à absorção da transcendência na imanência do sujeito, poderia prover de um fundamento a “ciência do ethos” e reconhecer na liberdade humana, condição última de possibilidade da vida moral, um signo desta mesma transcendência. Por isso, o artigo se encerra com a afirmação de Robert Spaemann⁵ “não há ética sem metafísica”, mesma afirmação com que concluiu a sua ética sistemática. A ética requer, portanto, a metafísica. Ora, o predicado da liberdade que distingue a pessoa moral e só pode ser reconhecido pela razão metafísica não é mais do que “a interpretação ética da categoria de pessoa” apresentada como ponto nodal no qual se entrelaçam todas as categorias antropológicas. Vemos, então, como se amarram sistematicamente a Antropologia, a Ética e a Metafísica.

IHU On-Line - Como se apresenta nessa obra a passagem dialética do homem de sua forma “dada” à expressão do seu ser?

Carlos Roberto Drawin - Como já foi antes observado, o método exposto na antropologia entrecruza os momentos epistêmicos do discurso - a pré-compreensão, a compreensão explicativa e a compreensão filosófica - com os momentos estruturais do discurso - natureza, sujeito e forma. Cada categoria filosófica é construída por meio da suprassunção dialética dos níveis epistêmicos logicamente precedentes. Em cada nível o dado provido pela experiência ordinária ou pela experimentação científica é mediado pelo sujeito numa for-

5 **Robert Spaemann:** filósofo e pensador alemão, autor do livro *Felicidade e Benevolência. Ensaio sobre ética*. São Paulo: Loyola, 1996. De Spaemann, publicamos um artigo na 77ª edição da **IHU On-Line**, de 29 de setembro de 2003. Spaemann, recentemente, se notabilizou na dura crítica ao pontificado do Papa Francisco, por ocasião da publicação da exortação apostólica *Amoris laetitia*. Para ele, o documento é “o caos erigido a princípio com um canetaço”. A crítica pode ser conferida em detalhes na entrevista reproduzida em *Notícias do Dia* de 02-05-2016, publicadas no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1NODLSL> (Nota do **IHU On-Line**)

ma que é a sua expressão mais ou menos elaborada. Na compreensão filosófica, o sujeito de todas as mediações, empíricas e abstratas, se expressa em seu ser de sujeito, ou seja, em seu estatuto ontológico. No entanto, a expressão do ser do sujeito também é mediada, o que abre a essência finita homem para a infinitude do ser.

“
Nele [Lima Vaz] sempre me impressionou o contraste entre a extrema simplicidade do homem e sua cativante bonomia e a amplitude de seu conhecimento e envergadura de pensamento

IHU On-Line - Como eram as aulas de Lima Vaz, as quais o senhor assistiu como aluno? O que recorda de suas reflexões acerca da temática da Antropologia Filosófica?

Carlos Roberto Drawin - Eu tive o privilégio de assistir diversas conferências e seguir diversos cursos do Padre Vaz. Os cursos de Ética, de Filosofia da natureza e de Antropologia Filosófica, bem como alguns dos que versaram sobre a obra kantiana e hegeliana. Nele sempre me impressionou o contraste entre a extrema simplicidade do homem e sua cativante bonomia e a amplitude de seu conhecimento e envergadura de pensamento. Ao contrário de seus textos, muitas vezes difíceis, as suas aulas eram simples e sem arroubos retóricos. Falava fluentemente e às vezes consultava o seu caderno de anotações no qual

havia na página direita os esquemas teóricos e na página esquerda as referências bibliográficas.

Como já foi dito de Hegel⁶, durante suas aulas era possível perceber em sua ampla frente os pequenos sulcos produzidos pela concentração do pensamento. Eu era muito jovem e a presença intelectual dele me deslumbrava, mas confesso, apesar da grande clareza das exposições, que muita coisa eu não conseguia entender. Eu estava empolgado demais pelos modismos filosóficos da época para acompanhá-lo na profundidade de suas reflexões. Foi o que ocorreu com a Ética e com a Antropologia Filosófica. Aos poucos, com o passar dos anos e o esforço da leitura de seus textos, fui descobrindo o alcance crítico e sistemático de sua obra.

IHU On-Line - A partir do legado vaziano, em que medida se pode falar numa filosofia da pessoa? Quais seriam as suas formas de afirmação e perspectivas?

Carlos Roberto Drawin - O termo “pessoa” caiu em desuso no nosso atual universo intelectual e muitas vezes é encarado como índice de um humanismo ingênuo incapaz de dar conta das múltiplas determinações que atravessam o sujeito humano e que foram desveladas pelas Ciências Humanas. Estas desacreditaram as ideias de identidade e unidade do ser humano e a própria concepção da existência de “algo” como uma essência do homem. Não há uma totalidade que se possa denominar “homem”, mas somente

6 **Friedrich Hegel** (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirme-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261>, e *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430>. (Nota da **IHU On-Line**)

estruturas linguísticas, econômicas, simbólicas.

No final de sua “arqueologia das ciências humanas”⁷, Michel Foucault⁸ fez o célebre anúncio de seu desaparecimento: “O homem é uma invenção, e uma invenção recente, tal como a arqueologia do nosso pensamento o mostra facilmente. E talvez ela nos indique também o seu próximo fim” e se as disposições que o fizeram surgir se desvanecessem também “o homem se desvaneceria, como à beira do mar um rosto de areia”. Por conseguinte, a noção de pessoa sobreviveria apenas como um resíduo do antigo humanismo filosófico, um desses destroços do naufrágio da tradição que ainda são visíveis nas margens do pensamento.

No universo ateológico, em que nós vivemos o ostracismo da noção de pessoa parece evidente justamente porque o emaranhado de suas múltiplas raízes encontrou a sua seiva vital no chão da teologia e o seu nascimento conceitual se

deu “no terreno de encontro entre o *logos* bíblico-cristão e o *logos* grego”. Ao colocar a noção de pessoa no centro de sua Antropologia Filosófica, Lima Vaz não apenas se distancia da evidência contemporânea, mas a coloca no lugar de uma instância crítica na época da entronização do indivíduo como *homo psychologicus*.

IHU On-Line - Após 25 anos de seu lançamento, o que a Antropologia Filosófica de Vaz tem a dizer a nós no momento político e social que atravessamos no Brasil?

Carlos Roberto Drawin - Vivemos em nosso país numa época sombria. A gritaria nas redes sociais, o ruído ensurdecedor dos interesses em conflito, a desfaçatez com que a mídia e a casta política invocam continuamente a ética não podem ocultar a profunda crise espiritual em que nos mergulhamos. Já com Platão, um de seus pontos culminantes, a filosofia se colocou como “uma interpelação crítica da cultura e uma restituição ontológica de sua inteligibilidade essencial”. Se desacreditarmos desta possibilidade, a política deixará de ser a busca do bem comum para converter-se na certeza da violência, num rastro de “som e fúria”.

Na “Advertência Preliminar” ao segundo volume de seus “Escritos filosóficos” Lima Vaz relembra a indagação fundamental que animava a sua reflexão: “uma civilização que celebra a Razão, mas abandona a Metafísica e a Ética é semelhante, para lembrar uma comparação de Hegel, a um templo sem altar; que outro destino lhe resta senão o de tornar-se uma *spelunca latronum* (Mt 21,13)? Deveríamos, pois, nos espantar com o triste quadro que hoje testemunhamos em nosso país?

IHU On-Line - Em que medida a afirmação da pessoa, ao invés do indivíduo, serve como inspiração para a resistência em nosso tempo?

Carlos Roberto Drawin - O indivíduo é um prisioneiro de sua particularidade e fácil presa de nossa inclinação comum para o egoísmo. Por isso, ele vive numa situação paradoxal: quanto mais se empenha na busca de si mesmo, mais se deixa enredar pela insensatez de uma sociedade devorada pela necessidade de reproduzir incessantemente a sua vida material. A noção de pessoa, como singularidade encarnada e abertura aos outros e ao Outro, pode abrir um pequeno sulco de resistência no pensamento.

IHU On-Line - Como razão e liberdade se inter-relacionam no pensamento de Vaz?

Carlos Roberto Drawin - Como já foi dito na resposta à segunda questão, Razão e liberdade não são duas grandezas díspares a serem depois articuladas. São duas faces da mesma vida do espírito: a Razão como o acolhimento do ser em sua inteligibilidade e a liberdade como doação ao ser por meio do amor, como atração pela própria amabilidade do ser. A destituição do espírito traz consigo essa dupla negação: a da Razão e a da Liberdade.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Carlos Roberto Drawin - Resta-me evocar com emoção a sua presença inesquecível, agora reiterada na fecundidade de sua obra. Resta-me agradecer pelo imenso privilégio de tê-lo conhecido e fruído um pouco de sua generosa sabedoria. ■

⁷A *arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986. (Nota da **IHU On-Line**)

⁸ **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>; edição 364, de 06-06-2011, intitulada *‘História da loucura’ e o discurso racional em debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon364>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, *Michel Foucault*. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- *Um mestre*. Entrevista com Carlos Roberto Drawin, publicada na revista **IHU On-Line** número 394, de 28-05-2012, disponível em <http://bit.ly/1TZzfHL>.
- *A mística “sopra onde quer”*. Entrevista com Carlos Roberto Drawin, publicada na revista **IHU On-Line** número 435, de 16-12-2013, disponível em <http://bit.ly/1RT3ADo>.

Mergulho na natureza humana pelo reconhecimento do outro

Cláudia Oliveira destaca que, para Vaz, o humano se constitui como ser a partir do reconhecimento de si mesmo, que se dá através da relação com o outro e do transcendente

Por Márcia Junges | Edição João Vitor Santos

A professora Cláudia Maria Rocha de Oliveira, pesquisadora da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Faje, destaca que na obra de Lima Vaz o ser humano se constitui na relação com os outros. "Somos necessariamente seres de relação", resume. Assim, a busca pelo ato de ser em si passa necessariamente por um exercício de alteridade. "A pessoa humana se constitui como ser de estrutura e ser de relação. Enquanto ser de estrutura, é *ser-em-si*. Enquanto ser de relação, é *ser-para*. A unidade, expressa em toda afirmação 'eu sou', apresenta-se como síntese dialética do *ser-em-si* e do *ser-para*", explica, ao chegar à formulação de que a pessoa "só é ela mesma na sua abertura constitutiva ao mundo, aos outros e ao transcendente".

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Cláudia também reconhece que Lima Vaz se entrega a fazer Filosofia sobre seu tempo, preservando aí a essência que torna sua obra ainda

atual. É nessa perspectiva que a professora reflete sobre intolerância, algo tão forte nos tempos de hoje. Se em Lima Vaz o ser se faz humano pelo outro, a intolerância nasce da recusa daquilo que é diferente. "Ela supõe não abertura e, portanto, não reconhecimento da dignidade do outro na sua alteridade", completa. Portanto, entende que, na Filosofia de Vaz, "a intolerância e o desrespeito pelo outro não é prejudicial apenas para o outro. O agente da intolerância, em certo sentido, não é apenas 'agressor', mas é também 'vítima'".

Cláudia Maria Rocha de Oliveira é graduada e mestra em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Faje e doutora em Filosofia pela Pontificia Università Gregoriana. Sua tese é "A relação entre ética e metafísica na filosofia de Henrique Cláudio de Lima Vaz". Atualmente é professora assistente e pesquisadora da Faje.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é a Antropologia Filosófica de Lima Vaz?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - A *Antropologia Filosófica* é uma das principais obras escritas por Lima Vaz. Publicada em dois volumes¹, constitui-se como fruto maduro de sua reflexão a respeito da pessoa humana. No texto *Dialética e Método*², o pensador brasileiro

mostra que, se levamos em consideração a intenção a partir da qual a *Antropologia Filosófica* foi escrita, ela pode ser considerada uma *ontologia da pessoa humana*. O que isso significa? Trata-se de uma investigação a respeito da natureza humana na sua totalidade, isto é, de quais são as características ontológicas capazes de nos definir e de nos distinguir como seres humanos.

As ciências modernas, quando pretendem elaborar um discurso a respeito do ser humano, nos

fornecem visão parcial e fragmentada. O ser humano é assumido como *objeto* que pode ser investigado e descrito objetivamente. A racionalidade unívoca adotada nesses casos se mostra, no entanto, incapaz de pensar de modo adequado o ser da pessoa humana na sua singularidade única e irrepetível. Na sua verdade mais própria, a pessoa se revela como não objetivável, como totalidade sintética, como unidade de opostos sempre implicada em toda afirmação *Eu sou*.

¹ Antropologia Filosófica I. São Paulo: Loyola, 1991; Antropologia Filosófica II. São Paulo: Loyola, 1992. (Nota da **IHU On-Line**)

² In: BRITO, E.F - CHANG, L.H (org). *Filosofia e Método*. São Paulo, Loyola, 2002, pp.9-17. (nota da entrevistada)

Sem desprezar a importância das grandes conquistas da ciência moderna, mas ao mesmo tempo as considerando insuficientes, Lima Vaz propõe encontrar resposta mais satisfatória para a questão “*Que é o ser humano?*”. Ao seguir o método dialético de inspiração platônico-hegeliana, e ao adotar como princípios do discurso dialético a limitação *eidética*, a ilimitação *tética* e o princípio de *totalização*, ele parte da experiência mais elementar que fazemos de nós mesmos e, através de um movimento de supressão das várias categorias e dos níveis da estrutura, da relação e da unidade, alcança a forma mais acabada do discurso antropológico. Isto é, alcança a categoria da pessoa como categoria conclusiva do discurso. Ora, se por um lado, no nível da inteligibilidade para-nós a categoria de pessoa é o ponto de chegada do discurso, por outro, no nível da inteligibilidade em-si, a pessoa deve ser afirmada como começo ou princípio absoluto.

IHU On-Line - Passados 25 anos do lançamento da obra Antropologia Filosófica, quais são as proposições que continuam atuais e desafiadoras ao agir ético em nosso tempo?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Para Lima Vaz, temos uma “natureza” que nos constitui como seres humanos e nos faz ser diferentes de outros seres. Contudo, essa natureza que nos é dada, ou ainda, essa forma “natural” que nos define como seres humanos precisa ser atualizada para que possamos realizar a nossa humanidade. Isso significa, segundo Lima Vaz, que o sujeito através de atos pessoais deve tornar possível a passagem da forma natural do homem à forma propriamente humana. Os atos pessoais, portanto, devem viabilizar a passagem da forma dada à forma como expressão. Graças a essa passagem, o ser humano pode se afirmar na sua mais autêntica e radical humanidade.

Com outras palavras: somos pessoas. Contudo, aquilo que somos em ato primeiro, isto é, ontolo-

gicamente, precisamos realizar concretamente no nosso existir cotidiano. Isso significa que, enquanto pessoas, somos continuamente confrontados com o apelo que brota do mais íntimo da nossa constituição ontológica: *torna-te aquilo que tu és!* Apenas à medida que damos ouvidos a este apelo e que procuramos realizá-lo no existir concreto é que podemos nos realizar humanamente.

Atos da pessoa

Poderíamos, então, perguntar: o que Lima Vaz compreende como atos da pessoa? Qual a relação desses atos com o agir ético? Segundo Lima Vaz, os atos da pessoa devem ser compreendidos como “toda visão de unidade”, “todo conhecimento da verdade” e “todo conhecimento ao bem”. Estes atos se realizam concretamente na experiência do existir pessoal. Ora, ao definir a experiência como “compenetração de presenças”, Lima Vaz defende que a experiência do existir pessoal deve ser compreendida como experiência da presença às coisas, aos outros e ao Absoluto Transcendente.

Sendo assim, o ato e a experiência do existir éticos são um dos modos fundamentais pelos quais a pessoa pode se tornar aquilo que ela é. Apenas me torno eu mesma quando faço a experiência do reconhecimento do outro. A minha realização supõe que eu saia de mim mesma. Devo “perde-me” para poder “ganhar-me”. Ao reconhecer e afirmar a dignidade do outro é que a minha própria dignidade pode ser reconhecida e afirmada.

Busca pelo “que és”

A *Antropologia filosófica*, portanto, apresenta um apelo - “*torna-te o que és*” -, que pode ser respondido por cada um de nós quando agimos eticamente na história e, portanto, quando fazemos a experiência de existir concretamente como pessoa moral. Este apelo continua atual e nos coloca sempre diante do desafio de nos realizar como seres humanos.

IHU On-Line - Em que sentido Lima Vaz se inspira na ética aristotélica e supera os limites do modelo kantiano?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Uma das críticas que Hegel³ faz a Kant⁴ é aquela segundo a qual Kant, ao afirmar o imperativo categórico como proposição sintético-prática *a priori*, teria deixado de lado a eticidade substancial. Lima Vaz, ao se colocar a questão “como devo viver?” assume de algum modo a perspectiva deontológica da moral kantiana. Todos nós temos o *dever* de “nos tornar quem somos”. Contudo, a ética limavaziana não é formal como a kantiana. Ao contrário. Ao seguir inspiração aristotélico-tomista, ela

³ **Friedrich Hegel** (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261>, e *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamamos *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuemo2>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

volta a sua preocupação para “as coisas humanas”, para o existir em comunidade.

Para Lima Vaz, a ética deve levar em consideração a dimensão concreta da vida humana. Ela é ciência do *ethos*. Logo, a ética de Lima Vaz não é formal. Compreendida como ciência do *ethos* ela supõe que o sujeito ético, enquanto dotado de razão prática, seja capaz de deliberar e escolher na situação particular entre os vários bens concretos. A *phronesis*, ou sabedoria prática, assume na ética de Lima Vaz papel fundamental. Além dela, podemos dizer ainda que também as noções de virtude e de realização tal como pensadas por Lima Vaz tem como fonte de inspiração a ética aristotélico-tomista.

IHU On-Line - Como se dá a relação com a alteridade na filosofia vaziana?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Para Lima Vaz, a pessoa humana se constitui como ser de estrutura e ser de relação. Enquanto ser de estrutura, é *ser-em-si*. Enquanto ser de relação, é *ser-para*. A unidade, expressa em toda afirmação “eu sou”, apresenta-se como síntese dialética do *ser-em-si* e do *ser-para*. Em consequência, a pessoa se constitui como unidade de opostos. Ela só é ela mesma na sua abertura constitutiva ao mundo, aos outros e ao transcendente.

Portanto, para Lima Vaz, somos necessariamente seres de relação. Isto significa que as relações não são acrescentadas extrinsecamente a nós. Não temos a opção de escolher nos relacionar ou não. Mas as relações nos definem. Elas nos constituem no nosso ser mais próprio. Nesse sentido, somos necessariamente ser-no-mundo, ser-com-os-outros e ser-para-a-transcendência.

A relação com o mundo pode ser pensada, para Lima Vaz, a partir da dimensão do trabalho. A relação com os outros, por sua vez, deve ser orientada, entre outros, a partir dos princípios do reconhecimento, do consenso, da reciprocidade,

da justiça, da dignidade, do amor. Finalmente, a relação com o transcendente tem como referenciais as noções transcendentais: ser, uno, verdadeiro, bom e belo.

IHU On-Line - Em que aspectos a ação ética intersubjetiva na ética filosófica de Lima Vaz pode nos inspirar a outro agir num tempo de recrudescimento das intolerâncias das mais variadas formas?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - A intolerância nasce da não aceitação do diferente. Ela supõe não abertura e, portanto, não reconhecimento da dignidade do outro na sua alteridade. Ora, podemos dizer, buscando inspiração na filosofia de Lima Vaz, que a intolerância e o desrespeito pelo outro não é prejudicial apenas para o outro. O agente da intolerância, em certo sentido, não é apenas “agressor”, mas é também “vítima”. Neste caso, vítima de si mesmo. Isto porque a não abertura ao outro, o desrespeito de sua dignidade impedem que a própria dignidade do intolerante seja afirmada.

Apenas a relação recíproca, na qual o *Eu* e o *Tu* se reconhecem, torna possível a realização tanto do *Eu* quanto do *Tu*. Sendo assim, apenas a partir do diálogo e do reconhecimento do outro nos tornaremos capazes de edificar uma comunidade justa. Somente deste modo poderemos nos realizar humanamente.

A intolerância, portanto, apresenta-se como obstáculo não apenas para a realização do outro, mas também como obstáculo para a realização daquele que a coloca em prática. Em consequência, a partir da ética limavaziana, podemos dizer que apenas a ação ética entendida como abertura generosa ao outro na sua alteridade pode nos levar à afirmação de nós mesmos como pessoas dignas de amor e de reconhecimento.

IHU On-Line - Em que sentido é adequado falar sobre um imperativo ético a partir da filosofia vaziana?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - A ética limavaziana tem como fim, a partir da submissão da ação às regras do horizonte objetivo do bem, a realização do sujeito como pessoa. Em consequência, ela não deve ser compreendida como *deontológica*, mas sim como *teleológica*. Ela não é, em sentido estrito, uma ética do *dever*.

Contudo, encontra-se inscrito no coração da filosofia de Lima Vaz um imperativo que exige que cada pessoa oriente as suas ações em vistas do *melhor*. Todos nós somos chamados a nos realizar como pessoa. Este imperativo tem sua raiz última na nossa própria constituição ontológica. Somos seres espirituais. Isso significa que somos constitutivamente seres de razão e de vontade. Marcada pelo excesso ontológico, a pessoa deve ser pensada na sua radical abertura ao horizonte do Ser. Enquanto inteligente, o ser humano caracteriza-se por constitutiva abertura ao horizonte da Verdade. Enquanto ser de vontade, ele deve ser pensado na sua radical abertura ao bem. Mas somos também seres situados e finitos. Orientamos a inteligência e a vontade na direção de bens particulares. Ora, nenhum bem particular é capaz de satisfazer a superabundância do espírito.

O ser humano deve ser afirmado, então, para Lima Vaz, num dinamismo contínuo rumo ao *ser-mais*. A realização, por causa do excesso ontológico, nunca se cumpre plenamente. Somos seres continuamente colocados diante do imperativo que exige que assumamos a responsabilidade pela nossa existência. Isso significa que a realização da pessoa é um desafio que todos devem assumir e que nunca pode ser resolvido plenamente.

IHU On-Line - O que seria a filosofia da pessoa que brota dos escritos de Lima Vaz?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Num contexto cultural caracterizado pelo nihilismo, Lima Vaz procura lançar luzes sobre pelo menos duas grandes questões, a saber: Qual o sentido da existência? Como devemos orientar nossas ações?

Ora, para encontrar resposta para o sentido da existência, faz-se necessário saber quem somos. Para Lima Vaz, não somos indivíduos egoístas que buscam unicamente a satisfação de nossos próprios interesses e necessidades. Ao contrário. Somos pessoa. Isso significa que somos seres capazes de dom, de acolhimento, de generosidade, de amor. Encontraremos sentido para o existir e orientação para agir quando fizermos a experiência do existir pessoal.

Logo, a noção de pessoa é noção central da filosofia de Lima Vaz. A pessoa é a categoria conclusiva e sintética tanto da antropologia, quanto da ética. Mas, na verdade, no nível da inteligibilidade em-si, a pessoa é afirmada por Lima Vaz como começo e princípio absoluto de todo o discurso, de toda ação, e de toda organização social, cultural, comunitária e política. Nesse sentido, podemos afirmar que Lima Vaz, ao elaborar a sua reflexão filosófica, faz opção por um modelo de "personalismo rigoroso" que, ao definir o ser humano ontologicamente como pessoa, procura pensar de que modo, nas mais variadas experiências históricas, o ser pessoa pode se realizar.

IHU On-Line - Poderia recuperar o argumento vaziano de que é a partir do solo da teologia cristã que se darão as intuições fundamentais que alicerçam o pensamento moderno?

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Para Lima Vaz, ao operar a síntese entre Platão e Aristóteles, Tomás de Aquino formulou de modo adequado a ontologia clássica. Ele superou a metafísica das essências e conseguiu pensar a inteligibilidade radical do ato de existir. A partir daí, tornou-se possível afirmar o

sentido do existir singular. Em consequência, a noção de pessoa pôde ser explicitada de modo adequado. Foi, então, afirmada a dignidade da pessoa humana na sua singularidade radical.

Contudo, por outro lado, a metafísica de Tomás de Aquino⁵ não teria sido compreendida de modo adequado. Duns Escoto⁶, por exemplo, ao se opor a Santo Tomás teria procurado pensar a hierarquia dos seres, não mais a partir da racionalidade analógica, mas sim a partir do modelo unívoco de racionalidade. O desenvolvimento da racionalidade unívoca tornou possível o surgimento da *episteme* moderna. Logo, se por um lado a afirmação da primazia do ato de existir viabilizou a defesa filosófica da dignidade humana e do valor inalienável da pessoa, por outro, o abandono da racionalidade analógica teria conduzido, segundo Lima Vaz, ao desenvolvimento da ciência moderna.

IHU On-Line - Qual é o maior legado de Lima Vaz à filosofia como um todo?

⁵ **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas "Summae", sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ **John Duns Scotus** (1266-1308): foi um teólogo escocês pertencente aos escolásticos. Ele entrou na ordem franciscana e estudou em Cambridge, Oxford e Paris. Pela sutileza de sua análise, ganhou o apelido de "Doutor Sutil". Ele foi considerado santo e adoraram-no sem uma canonização. Em 20 de março de 1993 o Papa João Paulo II confirmou seu culto como abençoado. (Nota da **IHU On-Line**)

Cláudia Maria Rocha de Oliveira - Para Lima Vaz, a filosofia é modo exigente de vida. Nas várias situações históricas, somos chamados a refletir sobre as grandes questões do próprio tempo e a assumir a responsabilidade pelo nosso ser na história. Somos chamados, em última instância, a nos tornar pessoas.

Em consequência, para Lima Vaz, a filosofia não é mero exercício especulativo que possa alimentar o ego daqueles que se dediquem a ela. Mas, como ele mesmo diz, "fazer Filosofia com honestidade e lucidez, com energia e aturado esforço intelectual é uma exigência de justiça"⁷.

Penso, então, que o maior legado que Lima Vaz nos deixou foi seu testemunho. Ao defender que "a reflexão filosófica de um momento histórico determinado cabe realizá-la na carne e sangue de sua problemática vital e encontrar assim o sentido de seu legítimo progresso"⁸, Lima Vaz nos mostrou como é que a filosofia deve ser assumida por cada um de nós como modo vida.

Logo, no contexto no qual vivemos, marcado por profunda crise econômica, social, política, ética e cultural, a filosofia de Lima Vaz surge como apelo para que tornemo-nos pessoas e, em consequência, realizemos o exercício filosófico como vocação ou, ainda, como modo exigente e responsável de vida. Isto, também hoje, é uma exigência de justiça. ■

⁷ LIMA VAZ, H.C. O problema da filosofia no Brasil. *Síntese Nova Fase*, Belo Horizonte, v.11, n.30, jan/abr 1984, p. 25. (Nota da entrevistada)

⁸ LIMA VAZ, H.C. *Ontologia e história*. São Paulo, Loyola, 2000, pp. 58-59. (Nota da entrevistada)

LEIA MAIS...

— *Uma ética para além do relativismo e da fragmentação*. Entrevista com Cláudia Maria Rocha de Oliveira, publicada na revista **IHU On-Line** número 374, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/1UBfRk5>.

O pensamento conjugado com ação

Delmar Cardoso acredita que o maior desafio de um filósofo é articular o pensamento teórico com a ação concreta de refletir sobre o seu tempo. Para ele, essa foi sempre a busca de Vaz

Por Márcia Junges | Edição João Vitor Santos

O que é o exercício de filosofar e qual o papel da Filosofia para compreender o mundo? Não há quem não tenha se prendido a questão como essa que, embora tão primária, traz consigo uma carga pesada no velho confronto entre teoria e prática. O professor doutor em Filosofia Delmar Cardoso, diretor do Departamento de Filosofia e Coordenador da Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Faje, formula uma frase que não dá a resposta, mas que fomenta um pensamento. “[Filosofia] Não se trata de um mero aumento da bagagem do conhecimento, mas de fazer o esforço da reflexão”, diz. Para ele, é no exercício dessa Filosofia que Lima Vaz ancora todo seu trabalho. “A missão do filósofo conjuga pensamento e ação. Vaz foi um daqueles intelectuais brasileiros que, sem entregar-se a modismos e panfletagens oportunistas, se dedicaram a pensar o Brasil como um projeto de povo e nação, baseando-se nos valores da democracia, da educação e da ética”, completa.

Cardoso demonstra que, em sua obra, Vaz busca interpretar e refletir sobre a realidade, mas para isso aciona um pensar para além do instrumental da materialidade na busca por uma satisfação plena da experiência humana. “O centro das pesquisas filosóficas de Henrique Vaz se inscreve naquilo que ficou conhecido como *Philosophia Perennis*. Isso quer dizer que só a realidade puramente

material não satisfaz a experiência humana. O ser humano se confronta com realidades que não se reduzem simplesmente à matéria”, analisa, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. E, ao revisitar o trabalho do autor, destaca, ainda, a atualidade do pensamento vaziano. “A filosofia de Henrique Vaz tem um rosto concreto e se mostra um esforço intelectual de compreensão do tempo. E tempo não é só o presente. A atualidade de Vaz está também na investigação histórica, especialmente na história da filosofia. Não há propriamente prognósticos em Lima Vaz, pois a coruja de Minerva não arrisca voos à luz do dia”.

Delmar Cardoso é diretor do Departamento de Filosofia e Coordenador da Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - Faje. Também coordena o Grupo de Estudos Vazianos - GEVaz, na mesma instituição. Possui graduação em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana, graduação em Filosofia pelo Instituto Santo Inácio - Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, mestrado em Filosofia pela Pontifícia Università Gregoriana e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Università San Tommaso D’Aquino. Entre seus livros publicados, destaque para *Ética Cristã e Filosofia Clínica* (São Paulo: FiloCzar, 2015) e *A alma como centro do filosofar de Platão* (São Paulo: Loyola, 2006).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a importância, a dimensão de Antropologia Filosófica¹, de Lima Vaz, passados 25 anos de seu lançamento?

Delmar Cardoso - O livro de Henrique Vaz marca o estudo da filo-

sófia no Brasil. Está atualmente na 11ª edição. Tenha-se presente que as primeiras edições tinham uma tiragem de dois mil exemplares e as mais recentes têm uma tiragem de mil. Isso quer dizer que são cerca de 20 mil livros de filosofia espalhados pelo Brasil afora, configurando-se num sucesso não só para o

autor e suas pesquisas, mas para os estudos filosóficos como um todo, os quais se têm solidificado a cada dia em nosso país.

IHU On-Line - Qual foi o impacto, a recepção dessa obra àquela época? E hoje, qual é a sua importância?

¹ Antropologia Filosófica I, São Paulo: Loyola, 1991. (Nota da **IHU On-Line**)

Delmar Cardoso - O livro de Henrique Vaz não veio por acaso, nem resultou de uma estratégia editorial. Nestes dias, a biblioteca da Faje organizou uma exposição sobre a *Antropologia Filosófica I* e pode-se ver uma apostila sobre o assunto, datada de 1966, em que as grandes linhas da Antropologia já se mostram elencadas. Vaz ensinou a matéria anos a fio, quando trabalhou no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Fafich, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Também na Faculdade Jesuíta ele ensinou a disciplina Antropologia Filosófica, a qual ocupava e ainda ocupa dois semestres no conjunto das matérias da graduação em Filosofia. Quando o primeiro volume da obra foi lançado em 1991, temos o resultado de quase três décadas de pesquisa e magistério.

IHU On-Line - Poderia recuperar qual é o núcleo da filosofia vaziana e quais são suas obras fundamentais?

Delmar Cardoso - O centro das pesquisas filosóficas de Henrique Vaz se inscreve naquilo que ficou conhecido como *Philosophia Perennis*. Isso quer dizer que só a realidade puramente material não satisfaz a experiência humana. O ser humano se confronta com realidades que não se reduzem simplesmente à matéria. A primeira delas é o fenômeno da linguagem, mas também podemos pensar na ética e na religião. Todos esses âmbitos do existir humano nos remetem a algo que vai muito além da matéria.

Neste sentido, a filosofia de Lima Vaz tem a ver com a transcendência e faz todo um esforço teórico para compreendê-la, realizando um discurso sobre ela. No entanto, este discurso não se desconecta da história concreta, pois o ser humano é ser histórico. Daí que os textos publicados por ele durante sua vida nos oferecem um vasto campo de trabalho. Ele publicou em vida os sete livros da série *Escritos de Filosofia*² e mais

2 *Escritos de Filosofia I: Problemas de Fronteira*, São Paulo: Loyola, 1986; *Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura*, São Paulo: Loyola,

os dois volumes da *Antropologia Filosófica*.

IHU On-Line - Qual é a atualidade de sua concepção ética e de pessoa?

Delmar Cardoso - A atualidade de Lima Vaz está no seu esforço de, como indica Hegel, elevar o tempo ao conceito. Neste sentido, a filosofia de Henrique Vaz tem um rosto concreto e se mostra um esforço intelectual de compreensão do tempo. E tempo não é só o presente. A atualidade de Vaz está também na investigação histórica, especialmente na história da filosofia, detalhadamente explícita nos seus textos. Não há propriamente prognósticos em Lima Vaz, pois a coruja de Minerva não arrisca voos à luz do dia. Isso será outra ciência, mas não será filosofia. Lima Vaz propõe uma visão da ética e da pessoa totalmente dentro de uma visão filosófica, na qual o ser humano se sabe aberto à transcendência. Mas ele não é um criptoteólogo.

IHU On-Line - Em que medida seus questionamentos e seu diagnóstico sobre a Modernidade seguem inspiradores para a Filosofia?

Delmar Cardoso - Lima Vaz não fala simplesmente em Modernidade, mas em Modernidades. Há, porém, que reconhecer que isso não aparece explicitamente em seus textos. Houve modernidade na antiga Grécia, há diferentes modernidades na Europa do pós-renascimento. Há modernidades entre nós. Para resumir, podemos identificar a Modernidade quando falamos dela no singular como uma espécie de filha ou pelo menos parenta do Iluminismo, cuja preten-

la, 1988; *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*, São Paulo, 1997; *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica I*, São Paulo: Loyola, 1999; *Escritos de Filosofia V: Introdução à Ética Filosófica II*, São Paulo: Loyola, 2000; *Escritos de Filosofia VI: Ontologia e História* (2a. edição), São Paulo: Loyola, 2001; *Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade*, São Paulo: Loyola, 2002; e *Antropologia Filosófica I*, São Paulo: Loyola, 1991, e *Antropologia Filosófica II*, São Paulo: Loyola, 1992. (Nota da **IHU On-Line**)

são consiste em fazer “das coisas da terra a única história possível”, para citar um escritor. É preciso descobrir que o fechamento - em qualquer âmbito que aconteça - não é caminho para a história humana avançar.

IHU On-Line - Em que medida Lima Vaz recupera a Filosofia como uma forma de vida?

Delmar Cardoso - Hoje a filosofia é encarada apenas como uma profissão ou como uma formação acadêmica. Mas ela não começou assim. A origem da filosofia na antiga Grécia se mostra como uma atitude de busca e investigação que envolve a vida humana como um todo. Assim foi com Tales³, com Heráclito⁴, com Parmênides⁵, com Sócrates⁶, com Platão⁷ e com Aris-

3 **Tales de Mileto** (624 a.C.-558 a.C.): primeiro filósofo ocidental de que se tem notícia, o marco inicial da filosofia ocidental. De ascendência fenícia, nasceu em Mileto, antiga colônia grega, na Ásia Menor, atual Turquia. Apontado como um dos sete sábios da Grécia Antiga, foi o fundador da Escola Jônica. Tales considerava a água como sendo a origem de todas as coisas. E seus seguidores, embora discordassem quanto à “substância primordial” (que constituía a essência do universo), concordavam com ele no que dizia respeito à existência de um “princípio único” para essa natureza primordial. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Heráclito de Éfeso** (540 a.C.-470 a.C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematisa a questão do devir (mudança). Recebeu a alcunha de “Obscuro” principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, *Sobre a Natureza*, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares. Na vulgata filosófica, Heráclito é o pensador do “tudo flui” (panta rei) e do fogo, que seria o elemento do qual deriva tudo o que nos circunda. De seus escritos restaram poucos fragmentos (encontrados em obras posteriores), os quais geraram grande número de obras explicativas. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Parmênides de Eléia** (530-460 a.C.): filósofo pré-socrático, fundador da escola eleática. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Sócrates** (470-399 a.C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (*Apologia e Críton*). (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Platão** (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre

tóteles⁸. Não se trata de um mero aumento da bagagem do conhecimento, mas de fazer o esforço da reflexão. Há, sem dúvida, uma causa religiosa no interesse de Lima Vaz pela filosofia - ele recebeu a missão de seus superiores jesuítas de estudar e ensinar filosofia -, mas a filosofia foi para ele uma tarefa de vida.

A missão do filósofo conjuga pensamento e ação. Vaz foi um daqueles intelectuais brasileiros que, sem entregar-se a modismos e panfletagens oportunistas, se dedicaram a pensar o Brasil como um projeto de povo e nação, baseando-se nos valores da democracia, da educação e da ética.

IHU On-Line - Como se deu a atuação de Lima Vaz junto à Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e, depois, junto à Faje? Quais são suas principais contribuições, seu legado a essas duas instituições?

Delmar Cardoso - Vaz atuou na UFMG desde 1964, quando a Fafich⁹ tinha sua sede à Rua Carangola,

de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em **IHU On-Line**

8 Aristóteles de Estagira (384-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas - por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega - acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais -

na região centro-sul de Belo Horizonte. No ano em que a Fafich se transferiu para o campus da Pampulha, ele se aposentou da UFMG (1986). O ambiente da Fafich da Rua Carangola funcionou como um *ethos* a favorecer em Vaz o cultivo de duradouras amizades com professores e alunos, mas foi, sobretudo, um lugar de trabalho filosófico: cursos, seminários, palestras, debates fizeram parte do seu dia a dia na Fafich.

Vaz foi um ator importante na implementação da pós-graduação em Filosofia da Fafich em 1974, considerada hoje entre as melhores do Brasil. Quanto à sua atuação na Faje, foi sempre muito discreta, mas de grande eficácia. Desde 1975, ele voltou a participar plenamente dos rumos da formação jesuítica, quando a faculdade de filosofia passou a funcionar no Rio de Janeiro, e teve papel ativo no processo que culminou na instalação, em 1982, em Belo Horizonte, disso que chamamos hoje Faje, concebido para ser um centro de excelência em filosofia e teologia.

IHU On-Line - Qual é a importância de Lima Vaz na formação jesuítica até os nossos dias?

Delmar Cardoso - É próprio do jesuíta ser um missionário. Um dos primeiros jesuítas, o padre Jerônimo Nadal¹⁰, dizia: "o mundo é nossa casa". A importância do padre Vaz para a formação dos jesuítas está no seu pensamento aberto e sólido, que vai às fontes do conhecimento, com o objetivo de formar uma síntese pessoal. Vaz tem um compromisso com estudo. Ele re-

UFMG. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Jerome Nadal (1507-1580): foi um sacerdote jesuíta espanhol, colaborador de Santo Inácio de Loyola que ajudou na promulgação das Constituições da Companhia de Jesus. (Nota da **IHU On-Line**)

cebeu a missão de ensinar filosofia aos estudantes jesuítas em 1953 e permaneceu nesta missão até 1963, retomando-a novamente a partir de 1975 até sua morte em 2002. Para ele, o estudo é trabalho. Porém, um trabalho que não o aliena da realidade, mas o lança nela mesma, entendendo-a como missão, pois "o mundo é nossa casa".

IHU On-Line - O que há de novidades no Memorial desde 2011, quando o senhor mencionou o trabalho coordenado pelo Prof. Dr. João Mac Dowell e no Grupo de Estudos Vazianos - GEVaz?

Delmar Cardoso - Uma novidade é o segundo volume da coleção "Obra filosófica inédita de Henrique Cláudio de Lima Vaz", sob o título *A formação do pensamento de Hegel* (São Paulo: Loyola, 2014). O site do Memorial Padre Vaz¹¹ foi totalmente refeito e relançado neste primeiro semestre de 2016. O site é um instrumento para quem quiser conhecer a obra filosófica de Lima Vaz, disponibilizando aos internautas também manuscritos e áudios de Lima Vaz. No site, cada item do memorial conta com uma descrição, facilitando o trabalho do pesquisador interessado em conhecer a obra filosófica de Henrique Vaz. Vale a pena conferir.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Delmar Cardoso - É bom lembrar que Lima Vaz é tema de estudos em nível de graduação e pós-graduação não só na Faje, mas em outras instituições do Brasil. Mas é uma pena que seus textos ficaram praticamente restritos aos confins geográficos do Brasil. ■

¹¹ O endereço do Memorial é <http://www.padrevaz.com.br/>

LEIA MAIS...

- *Lima Vaz, um trabalhador da filosofia*. Entrevista com Delmar Cardoso, publicada na revista **IHU On-Line**, número 374, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/1XkmDio>.
- *A alma como centro do filosofar de Platão*. Entrevista com Delmar Cardoso, publicada na revista **IHU On-Line**, número 207, de 04-12-2006, disponível em <http://bit.ly/1Vz49Jd>.

Uma Antropologia Filosófica para compreender o “nosso tempo”

O maior legado da obra filosófica de Lima Vaz, na opinião de Marcelo Perine, é o diálogo que trava com a cultura contemporânea, a fim de entender o hoje

Por Márcia Junges | Edição João Vitor Santos

A conexão da obra de Lima Vaz com a atualidade é materializada pelo professor de Filosofia da PUC-SP Marcelo Perine, numa formulação do próprio Vaz, publicada em 1996, no número 75 da Revista Síntese, sobre a ideia do que consiste o esforço do conceito: “[é] tentar encontrar os núcleos de inteligibilidade que se ocultam sob as aparências e, se possível, ordená-los num discurso coerente”. “Ao fazer isso, segundo Lima Vaz, ‘a única missão que a filosofia pode assumir é oferecer à prática critérios fundados em razão e tendo em vista fins racionais para que, obedecendo-os, ela possa se exercer como prática sensata’”, completa Perine. Assim, o professor entende que ao atribuir essa missão à filosofia, Vaz torna sua obra “um convite permanente ao diálogo com a cultura contemporânea em vista da compreensão de seus problemas”, interconectando o conceito à prática cotidiana. “Acredito que o maior legado da obra filosófica de Lima Vaz para o diálogo com a cultura contemporânea seja, precisamente, o seu empenho na compreensão do nosso tempo”, reitera Perine.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Perine também faz uma verdadeira retomada na obra

de Vaz, compreendendo a “Antropologia Filosófica” como “uma obra que já nasceu madura”. “A obra passou por um período de elaboração de mais de 20 anos e foi amplamente ‘testada’ em diferentes públicos de estudantes de filosofia, que, como sabemos, costumam ser bastante exigentes”, explica. Ele ainda destaca que, talvez por esse exercício de conexão com o mundo atual, o pensamento do filósofo jesuíta tem grande repercussão na Filosofia brasileira. “Prova de que a recepção da obra de Lima Vaz tem se aprofundado no Brasil é o lançamento, a partir de 2012, da Coleção Estudos Vazianos por Edições Loyola, que publica principalmente teses de doutorado sobre Lima Vaz”, completa.

Marcelo Perine possui graduação em Filosofia e em Teologia. Também é mestre e doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, foi Coordenador da Área de Filosofia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES nos triênios 2005-2007 e 2008-2010. Atua na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia Antiga, Ética e Filosofia política.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a importância da Antropologia Filosófica¹ dentro do conjunto da obra vaziana?

¹ **Antropologia filosófica:** é a antropologia encarada metafisicamente; é um ramo da filosofia que investiga a estrutura essencial do Homem. (Nota da **IHU On-Line**)

Marcelo Perine - O tomo I da Antropologia Filosófica² de Lima Vaz foi publicado em 1991 e o tomo II³ em 1992. Na “Advertência preliminar”

² São Paulo: Loyola, 1991. (Nota da **IHU On-Line**)

³ São Paulo: Loyola, 1992. (Nota da **IHU On-Line**)

que abre o primeiro tomo, o autor informa a seus leitores que a primeira versão do livro foi redigida como texto básico para o curso de Antropologia Filosófica ministrado no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal



Lima Vaz afirma que a ideia de um humanismo personalista é a palavra final da Antropologia filosófica

de Minas Gerais - UFMG, de 1968 a 1972. Informa ainda o autor que uma versão atualizada foi preparada para o curso ministrado em 1989 e 1990 na Faculdade de Filosofia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, hoje Faculdade de Filosofia e Teologia, a Faje.

Como se vê, a obra passou por um período de elaboração de mais de 20 anos e foi amplamente “testada” em diferentes públicos de estudantes de filosofia, que, como sabemos, costumam ser bastante exigentes. Além desse dado, por si só expressivo da qualidade da obra, note-se que a *Antropologia* é a primeira obra, sem sentido estrito, publicada por Lima Vaz. O volume de *Escritos de filosofia I*⁴, de 1986, e o segundo volume dos *Escritos de filosofia*⁵, de 1988, são coletâneas de textos anteriormente publicados. Assim, a *Antropologia filosófica* é a primeira obra sistemática do conjunto da obra vaziana. E, pelo que foi dito acima, trata-se de uma obra que já nasceu madura.

IHU On-Line - Quais são os eixos, as ideias fundamentais que articulam esse escrito?

Marcelo Perine - Antes de falar dos eixos ou das ideias fundamentais que articulam o escrito, chamo a atenção para o que Lima Vaz, na introdução do primeiro tomo, chama de tarefas fundamentais a serem cumpridas por uma Antropologia filosófica. Cito as suas palavras: “a elaboração de uma *ideia do homem* que leve em conta, de um lado, os problemas e temas

presentes ao longo da tradição filosófica e, de outro, as contribuições e perspectivas abertas pelas recentes ciências do homem; uma *justificação crítica* dessa ideia, de sorte a que possa apresentar-se como fundamento da unidade dos múltiplos aspectos do fenômeno humano implicados na variedade das experiências com que o homem se exprime a si mesmo, e investigados pelas ciências do homem; uma *sistematização* filosófica dessa ideia do homem tendo em vista a constituição de uma ontologia do ser humano capaz de responder ao problema clássico da *essência*: o que é o homem?” (p. 10 s.).

A *Antropologia Filosófica* de Lima Vaz, em sua parte sistemática, se desenvolve em três seções. A primeira expõe as categorias do corpo próprio, do psiquismo e do espírito, como as “Estruturas fundamentais do ser humano”, que culmina na vida segundo o espírito. A segunda seção apresenta as “Relações fundamentais do ser humano”, a saber, as categorias da objetividade, da intersubjetividade e da transcendência. Finalmente, na terceira seção, reflete sobre a “Unidade fundamental do ser humano” em torno das categorias da realização e da pessoa.

As densas páginas da conclusão, intitulada “A pessoa humana entre o tempo e a eternidade”, são a chave de abóbada de seu sistema, justamente porque na autorrealização do ser humano como pessoa é que opera a síntese entre as categorias de estrutura e as de relação constitutiva do ser humano. No final da exposição do “Objeto e método da Antropologia Filosófica”, que abre a parte sistemática da obra, Lima Vaz afirma que a ideia de um humanismo personalis-

ta é a palavra final da Antropologia filosófica. É em torno dessa ideia que a sua obra cumpre, *ex opere operato*, as tarefas fundamentais de uma Antropologia filosófica por ele anunciadas.

IHU On-Line - Como essa obra foi recebida à época de sua publicação e qual é o seu impacto hoje?

Marcelo Perine - O primeiro tomo, contendo a parte histórica e a primeira seção da parte sistemática, tem uma trajetória editorial de maior sucesso do que o segundo tomo, que contém a segunda e a terceira seções da parte sistemática. Até junho de 2014, o primeiro tomo alcançou 14 mil exemplares em 12 reimpressões, e até setembro de 2013 o segundo tomo ultrapassou 8,5 mil exemplares em seis reimpressões. Esses números, fornecidos por Edições Loyola, indicam que a obra teve um sucesso editorial pouco comum para livros de filosofia que, em sua grande maioria, não ultrapassam a primeira edição.

Infelizmente, não tenho notícias sobre resenhas e/ou resenhas sobre a obra em periódicos acadêmicos nacionais. Provavelmente a Biblioteca Pe. Vaz⁶ dispõe dessa informação. Em todo caso, o fato de continuar a ser reimpressa é um indicativo de seu impacto atual, após 25 anos de sua publicação.

IHU On-Line - Passados cinco anos, quando o senhor analisou diversos aspectos da obra de Lima Vaz, pode-se dizer que sua recepção em termos gerais foi aprofundada no Brasil? Por quê?

Marcelo Perine - Lembro-me ainda, com certa emoção, da entrevista sobre o tema “Pe. Vaz e o diálogo com a modernidade”, publicada no nº 197 do IHU On-Line⁷, na qual, ao responder à pergunta

⁶ A Biblioteca Padre Vaz é a biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, a Faje. Seu acervo pode ser acessado em <http://bit.ly/1Uh1osk>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ A entrevista referida está disponível em <http://bit.ly/1UuhWhV>. (Nota da **IHU On-Line**)

sobre quem retoma o pensamento do Pe. Vaz no Brasil, eu me referi ao crescente número de dissertações de mestrado e de teses de doutorado sobre diferentes aspectos da sua obra, e indiquei as duas publicações de Rubens Godoy Sampaio, *Metafísica e modernidade* (Loyola, 2006), resultado de sua tese de doutorado dirigida por mim, e também à sua dissertação de mestrado, *O ser e os outros*, publicado pela Unimarco Editora (2001). Naquela ocasião, afirmei também que, malgrado o grande interesse pela obra do Pe. Vaz, não pensava que se pudesse falar de uma retomada do seu pensamento por algum filósofo brasileiro.

Prova de que a recepção da obra de Lima Vaz tem se aprofundado no Brasil é o lançamento, a partir de 2012, da Coleção Estudos Vazianos por Edições Loyola, que publica principalmente teses de doutorado sobre Lima Vaz. Inaugurada com a obra de Elton Vitoriano Ribeiro⁸, *Reconhecimento ético e virtudes*⁹, que confronta as obras de Alasdair MacIntyre¹⁰ e de Charles Taylor¹¹

8 Elton Vitoriano Ribeiro: professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Faje, possui graduação em Filosofia pela Faje, mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália. (Nota da **IHU On-Line**)

9 São Paulo: Loyola, 2012. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Alasdair MacIntyre: professor de filosofia na Vanderblit University, EUA e autor de *Marxism and Christianity* e *Against the Self-Images of the Age*. É autor também do importante livro *After Virtue*, publicado em 1981, pela primeira vez, e que foi traduzido no Brasil sob o título *Depois da Virtude* (Bauru: Eduse, 2001). (Nota da **IHU On-Line**)

11 Charles Taylor (1931): filósofo canadense, autor de vários livros como *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, editado em 1989 e traduzido para o português sob o título *As fontes do self. A construção da identidade moderna* (São Paulo: Loyola, 1997). Também é autor do livro *The malaise of modernity* (Concord: Anansi, 1991). Em português podem ser conferidos, ainda, *Argumentos filosóficos* (São Paulo: Loyola, 2000), *Multiculturalismo: Examinando a política de reconhecimento* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998) e *Uma era secular* (São Leopoldo: Unisinos, 2010). Sobre sua obra, confira as entrevistas *Em uma era secularizada o perigo de se construir um horizonte fechado é muito grande*, concedida pelo filósofo Elton Vitoriano Ribeiro e publicada na edição 297 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/dXupN9>, e *As religiões estão se tornando cada vez mais globais*, concedida pelo teólogo José Casanova e publicada na edição 388 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/L2xy8>. De 24 a 25-04-2013, Charles Taylor esteve na Unisinos como conferencista principal do debate *Liberais-comunitários: colóquio com Charles Taylor*, cujas informações podem ser conferidas em <http://bit.ly/13hyKA4>. Entre 26 e 29-04-2013, Taylor foi o conferencista do evento *Religiões e Sociedade nas trilhas da secularização*, cuja programação pode ser conferida em <http://bit.ly/XWct3k>. Leia ainda o artigo *Nem todas as reformas vêm para prejudicar*, escrito por Charles Taylor e publicado em 09-06-2009 no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1in3ha>. (Nota da **IHU On-Line**)

com a de Lima Vaz, foi seguida pela de Cláudia Maria Rocha de Oliveira¹², *Metafísica e ética. A filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao nihilismo ético* (2013), e pela de Maria Celeste de Sousa¹³, *Comunidade ética. Sobre os princípios ontológicos da vida social em Henrique Cláudio de Lima Vaz* (São Paulo: Loyola, 2014). Esta seria a ocasião para me redimir de alguns lapsos nos quais incorri na entre-

“ Antropologia é a primeira obra, sem sentido estrito, publicada por Lima Vaz

rios ontológicos da vida social em Henrique Cláudio de Lima Vaz (São Paulo: Loyola, 2014). Esta seria a ocasião para me redimir de alguns lapsos nos quais incorri na entre-

12 Cláudia Maria Rocha de Oliveira: professora da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Faje, futora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG, em Roma, Itália com a tese *A relação entre ética e metafísica na filosofia de Henrique Cláudio de Lima Vaz*. cursou mestrado e graduação em Filosofia na Faje. Confira a entrevista concedida por Cláudia à **IHU On-Line** 374, de 26-09-2011, sobre Lima Vaz, intitulada *Uma ética para além do relativismo e da fragmentação*, disponível em <http://bit.ly/oZQIXW>. (Nota da **IHU On-Line**)

13 Maria Celeste de Sousa: é graduada em Filosofia, especialista em Filosofia da educação, mestre em Filosofia Prática pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e também, doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Atualmente, é professora de Filosofia da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) e da rede pública de ensino do Estado do Ceará. (Nota da **IHU On-Line**)

vista de 2006, por não me referir a outros trabalhos importantes sobre a obra de Lima Vaz. Felizmente a minha aluna Maria Celeste de Sousa, que na ocasião fazia a sua tese de doutorado sob minha orientação na PUC-SP, incluiu na bibliografia de sua obra o inventário atualizado das teses e dissertações, mas também uma série de outros textos sobre Lima Vaz. Remeto o leitor interessado às páginas finais dessa obra.

Ainda sobre a recepção do pensamento de Lima Vaz no Brasil, é preciso mencionar a Coleção Obra Filosófica inédita de Henrique Cláudio de Lima Vaz, também publicada por Edições Loyola, sob o patrocínio da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Faje, em cuja biblioteca se encontra o Memorial Padre Vaz¹⁴, contendo todo o acervo de seus textos inéditos, sob a forma de manuscritos e de gravações em áudio e em vídeo. A Coleção foi inaugurada com a publicação da tese doutoral de Lima Vaz, defendida na Pontifícia Universidade Gregoriana em 1953, traduzida do latim por Juvenal Savian Filho¹⁵: *Contemplação e dialética nos diálogos platônicos* (2012). Em 2014 foi publicado, sob coordenação de Arnaldo Fortes Drummond¹⁶, um primeiro conjunto dos Manuscritos Hegelianos, com o título *A formação do pensamento de Hegel*.

14 Memorial Padre Vaz: os assuntos tratados por Henrique Cláudio de Lima Vaz estão dispostos em um website, obedecendo a uma organização temática. Inicialmente são apresentados dados e textos de caráter biográfico e bibliográfico. Em seguida, são apresentados textos e cursos que podem ser organizados a partir da cronologia da história da Filosofia. O endereço do memorial é padrevaz.com.br. (Nota da **IHU On-Line**)

15 Juvenal Savian Filho: professor de História da Filosofia na Universidade Federal de São Paulo, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da mesma universidade. (Nota da **IHU On-Line**)

16 Arnaldo Fortes Drummond: graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal de Mato Grosso, Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho, PhD em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ UNISINOS (2006). Professor de Economia da UFMT. Professor de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia aposentando-se em 2007. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Qual considera o maior legado de Lima Vaz para o diálogo com a cultura contemporânea¹⁷?

Marcelo Perine - Creio que o maior legado da obra filosófica de Lima Vaz para o diálogo com a cultura contemporânea seja, precisamente, o seu empenho (no sentido hegeliano do “esforço do conceito”) na compreensão do nosso tempo. Como ele escreveu em um memorável texto de 1996, publicado no número 75 da Revista *Síntese*¹⁸, o esforço do conceito consiste em “tentar encontrar os núcleos de inteligibilidade que se ocultam sob as aparências e, se possível, ordená-los num discurso coerente”. Ao fazer isso, segundo Lima Vaz, “a única missão que a filosofia pode assumir é oferecer à prática critérios fundados em razão e tendo em vista fins racionais para que, obedecendo-os, ela possa se exercer como prática sensata”. Tendo realizado de maneira exemplar a missão que ele atribui à filosofia, a sua obra é um convite permanente ao diálogo com a cultura contemporânea em vista da compreensão de seus problemas.

IHU On-Line - Lima Vaz constata o avanço prodigioso da razão técnica e a indigência da razão ética em nossa civilização. A partir desse diagnóstico, em que aspectos sua filosofia promove uma reflexão e uma crítica ao individualismo e à indiferença de nosso tempo?

Marcelo Perine - A pergunta está decalcada sobre o que Lima Vaz afirma ser o “enigma de uma civilização tão prodigiosamente

avançada na sua razão técnica e tão dramaticamente indigente na sua razão ética”. Esta afirmação que, em certo sentido é, verdadeiramente, um diagnóstico de nossa civilização, aparece no final de uma reflexão sobre o problema da comunidade ética, publicado

“ Prova de que a recepção da obra de Lima Vaz tem se aprofundado no Brasil é o lançamento, a partir de 2012, da Coleção Estudos Vazianos por Edições Loyola

em 1991, no número 52 da Revista *Síntese*, e reformulado para ser incluído nos seus *Escritos de filosofia III. Filosofia e cultura* (Loyola 1996). É, portanto, no contexto do problema da comunidade ética que o diagnóstico deve ser compreendido. Ora, a reflexão de Lima Vaz sobre esse problema se conclui apontando dois problemas que permanecem desafiando o pensamento social e político contemporâneo. Cito: “O primeiro é o problema do *reconhecimento*, ou seja, do conhecimento do *outro* numa relação de reciprocidade que permita a sua aceitação no mesmo nível de universalidade, na medida em que ambos se apresentam como portadores *ex aequo* dos mesmos direitos e correspondentes deveres (...), sendo ambos, como indivíduos pretensamente universais, proclamados como fonte primeira de valor”. O segundo problema “é o da rearticulação dos níveis estruturais do existir comunitário em face da dissolução

das comunidades tradicionais ao choque da modernidade”.

O pressuposto do primeiro problema é a “prioridade lógica e axiológica dos indivíduos sobre o seu existir comunitário”, de modo que “o fundamento da relação recíproca do reconhecimento reflui da comunidade para os próprios indivíduos”. Por força “do postulado da autonomia do indivíduo como primeiro princípio da ordem das razões do ser-em-comum social ou a absolutização de sua *praxis*”, a comunidade se revela incapaz de assegurar as razões o reconhecimento e de mostrar-se como comunidade ética. E como consequência da expansão e do predomínio da ideologia individualista nos tempos modernos, ocorreu uma “hipertrofia da estrutura binária indivíduo-sociedade”, que se tornou o obstáculo intransponível para a constituição, nos tempos modernos, de um sistema organizador dos costumes (*ethos*) das comunidades históricas (tradicionais), que hoje convivem num espaço-tempo cada vez mais, efetivamente, universal.

IHU On-Line - Em que sentido Lima Vaz aponta para uma ética a partir de sua Antropologia Filosófica?

Marcelo Perine - No final da Introdução ao primeiro tomo da sua *Introdução à ética filosófica (Escritos de Filosofia IV)* (Loyola, 1999), Lima Vaz afirma que o pressuposto necessário da Ética filosófica é “uma concepção *antropológica* que dê razão das características originais do *agir ético*, sobretudo da correlação entre o *agir* e o *ser* total do *agente* em suas componentes estruturais - somáticas, psíquicas e espirituais - e em suas relações específicas com o mundo, a comunidade e a transcendência” (p. 26 s.). A *Antropologia filosófica* tem, portanto, com relação à Ética, um estatuto fundador. E mais, uma concepção antropológica que dê razão da correlação entre o *agir* e o *ser* total do *agente* só pode encontrar o seu princípio e fundamento numa *metafísica do Bem*.

17 Agradeço a gentileza de ter incluído na formulação da pergunta uma alusão ao título de um pequeno volume que organizei, reunindo contribuições apresentadas em dois eventos em homenagem ao Pe. Vaz, realizados para a celebração de um ano de seu falecimento. O volume *Diálogos com a cultura contemporânea* foi publicado por Edições Loyola em 2003. (Nota do entrevistado)

18 **Revista Síntese**: Periódico editado pelo Centro de Estudos Superiores (CES) da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. Publica textos de filósofos contemporâneos, brasileiros e estrangeiros. Foi fundada em 1959 pelo padre pelo Pe. Fernando Bastos de Ávila. (Nota da **IHU On-Line**)

Eis porque a última palavra do segundo tomo da *Antropologia Filosófica* de Lima Vaz é uma citação de uma importante obra de Robert Spaemann¹⁹, *Felicidade e benevolência. Ensaio sobre ética* (Loyola 1996), cuja tradução e publicação na Coleção Filosofia foi patrocinada por Lima Vaz: “não há Ética sem Metafísica”.

IHU On-Line - A partir dessa análise, em que sentido se pode falar numa filosofia da pessoa tomando em consideração o seu legado filosófico?

Marcelo Perine - Voltando à resposta da pergunta anterior, na continuação da citação que fiz do primeiro tomo da *Introdução à ética filosófica*, Lima Vaz afirma que o estatuto fundador da *antropologia filosófica* com relação à *Ética* “permite finalmente definir a realização humana numa perspectiva essencialmente ética, e mostrar na personalidade ética a mais elevada manifestação da pessoa” (p. 27).

Ao concluir a exposição sobre o Objeto e método da Antropologia filosófica, no início da sua parte sistemática do primeiro tomo da sua *Antropologia*, que, como indiquei acima, culmina na categoria de *pessoa* como categoria final e sintética da Antropologia filosófica, Lima Vaz afirma: “A ideia de um humanismo personalista é, portanto, a palavra final da Antropologia filosófica” (p. 168). Realiza-se, portanto, na obra da maturidade filosófica, a inspiração personalista que está na origem da sua elaboração filosófica. Conforme consta na sua Biobibliografia, publicada no volume *Cristianismo e história* (Loyola, 1985), organizado por Carlos Palácio em homenagem aos seus 60 anos, as obras de Mounier²⁰ e de

19 **Robert Spaemann**: filósofo e pensador alemão, autor do livro *Felicidade e Benevolência. Ensaio sobre ética*. São Paulo: Loyola, 1996. De Spaemann, publicamos um artigo na 77ª edição do **IHU On-Line**, de 29 de setembro de 2003. (Nota da **IHU On-Line**)
20 **Emmanuel Mounier** (1905-1950): filósofo francês, fundador da revista *Esprit*. Suas obras influenciaram a ideologia da democracia cristã. A edição 155 de 12-09-2005 tem como tema de capa Emmanuel Mounier: por uma revolução personalista e comunitá-

ria, disponível em <http://migre.me/3os2O>. (Nota da **IHU On-Line**)
21 **Jacques Maritain** (1882-1973): filósofo francês. O pensamento tomista de Maritain serviu-lhe de parâmetro para a abordagem e julgamento de situações concretas como a política, a educação, a arte e a religião vigentes. Mas tratou também da base da gnosiologia, decidindo-se pelo realismo imediato e intuição do ser, tal como no aristotelismo e na escolástica originária. Diferenciou a filosofia e a ciência experimental, bem como as diversas ciências filosóficas. Advertiu para a diferença entre o tema da lógica e o da gnosiologia. Foi um dos principais expoentes do tomismo no século XX. Uma de suas obras principais é *Por um humanismo cristão* (São Paulo: Paulus, 1999). Sobre Maritain, confira o recém-lançado *Maritain à contre-temps: Pour une démocratie vivante* (Paris: Desclée de Brouwer, 2007), do filósofo jesuíta Paul Valadier. (Nota da **IHU On-Line**)
22 **Platão** (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em **IHU On-Line**)
23 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da **IHU On-Line**)
24 **Friedrich Hegel** (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/iuon217> a edição 217 da **IHU On-Line**,

IHU On-Line - Além de Platão²², como se apresenta a influência e a marca de Tomás de Aquino²³ e Hegel²⁴ na formação do pensamento vaziano?

ria, disponível em <http://migre.me/3os2O>. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Rubens Godoy Sampaio**: graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, é mestre em Filosofia pela UFMG com a dissertação *A Ontologia da Intersubjetividade no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz e doutor na mesma área pela Universidade Gama Filho – UGF, com a tese Metafísica e Modernidade: método e estrutura, temas e sistema no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz* (São Paulo: Loyola, 2005). De sua produção bibliográfica citamos *Crise ética e advocacia* (Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2000) e *O Ser e os Outros* (São Paulo: Unimarco Editora, 2001). É servidor público federal da Justiça Federal de São Paulo. Confira a entrevista concedida por ele à **IHU On-Line** 374, de 26-09-2011, sobre Lima Vaz, intitulada *Um sistema em resposta ao nihilismo ético*, disponível em <http://bit.ly/oSjBqf>. (Nota da **IHU On-Line**)
26 **Arnaldo Fortes Drummond**: graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal de Mato Grosso, Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho, PhD em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/UNISINOS (2006). Professor de Economia da UFMT. Professor de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia aposentando-se em 2007. (Nota da **IHU On-Line**)

Marcelo Perine - Sobre as influências de Platão e de Hegel no método ou no procedimento filosófico de Lima Vaz remeto à brilhante e ainda insuperada análise de Rubens Godoy Sampaio²⁵ na segunda parte de seu livro *Metafísica e modernidade. Método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz* (Loyola 2006). Especificamente sobre Hegel, a análise mais recente e, a meu ver, mais completa, é a Introdução, intitulada “Perfil hegeliano do filósofo cristão”, escrita por Arnaldo Fortes Drummond²⁶ para o já citado segundo volume da Coleção Obra Filosófica inédita de Henrique Cláudio de Lima Vaz, *A formação do pensamento hegeliano* (Loyola 2014).

Ainda sobre Platão, permito-me remeter ao artigo “Um Platão no caminho filosófico de Lima Vaz”, que publiquei no nº 123 da Revis-

de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/iuon261>, e *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/iuon430>. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Rubens Godoy Sampaio**: graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, é mestre em Filosofia pela UFMG com a dissertação *A Ontologia da Intersubjetividade no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz e doutor na mesma área pela Universidade Gama Filho – UGF, com a tese Metafísica e Modernidade: método e estrutura, temas e sistema no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz* (São Paulo: Loyola, 2005). De sua produção bibliográfica citamos *Crise ética e advocacia* (Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2000) e *O Ser e os Outros* (São Paulo: Unimarco Editora, 2001). É servidor público federal da Justiça Federal de São Paulo. Confira a entrevista concedida por ele à **IHU On-Line** 374, de 26-09-2011, sobre Lima Vaz, intitulada *Um sistema em resposta ao nihilismo ético*, disponível em <http://bit.ly/oSjBqf>. (Nota da **IHU On-Line**)
26 **Arnaldo Fortes Drummond**: graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal de Mato Grosso, Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho, PhD em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/UNISINOS (2006). Professor de Economia da UFMT. Professor de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia aposentando-se em 2007. (Nota da **IHU On-Line**)

de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/iuon261>, e *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/iuon430>. (Nota da **IHU On-Line**)
25 **Rubens Godoy Sampaio**: graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, é mestre em Filosofia pela UFMG com a dissertação *A Ontologia da Intersubjetividade no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz e doutor na mesma área pela Universidade Gama Filho – UGF, com a tese Metafísica e Modernidade: método e estrutura, temas e sistema no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz* (São Paulo: Loyola, 2005). De sua produção bibliográfica citamos *Crise ética e advocacia* (Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2000) e *O Ser e os Outros* (São Paulo: Unimarco Editora, 2001). É servidor público federal da Justiça Federal de São Paulo. Confira a entrevista concedida por ele à **IHU On-Line** 374, de 26-09-2011, sobre Lima Vaz, intitulada *Um sistema em resposta ao nihilismo ético*, disponível em <http://bit.ly/oSjBqf>. (Nota da **IHU On-Line**)
26 **Arnaldo Fortes Drummond**: graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal de Mato Grosso, Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho, PhD em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/UNISINOS (2006). Professor de Economia da UFMT. Professor de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia aposentando-se em 2007. (Nota da **IHU On-Line**)

ta *Síntese* (2012), pouco depois do lançamento da tradução de sua tese de doutoramento como volume VIII de seus *Escritos de Filosofia* (Loyola 2011). Na conclusão desse artigo relembro que na entrevista concedida a Marcos Nobre²⁷ e José Marcio Rego, publicada em *Conversas com filósofos brasileiros* (Editora 34, 2000), quando foi interrogado sobre os conceitos mais representativos da sua posição filosófica, como eles surgiram e como os via naquele momento, Pe. Vaz afirmou que se vinculava a uma tradição para a qual a filosofia eleva-se sobre o transitório em busca de *princípios* que são também *fundamentos*, e que os conceitos fundacionais que o acompanharam ao longo de sua evolução são o de “ato de existir”, recebido de Tomás de Aquino, que é a pedra angular da Metafísica.

É notável que nos últimos anos da produção filosófica de Lima Vaz encontram-se três grandes artigos sobre Santo Tomás, publicados na Revista *Síntese*: “Tomás de Aquino: pensar a metafísica na aurora de um novo século” (n. 73, 1996), “Presença de Santo Tomás de Aquino no horizonte filosófico do século

XXI” (n. 80, 1998) e “A metafísica da Ideia em Tomás de Aquino” (n. 90, 2001). Esses textos foram incorporados ao volume VII dos *Escritos de Filosofia. Raízes da modernidade* (Loyola, 2002), publicado poucos dias antes de seu falecimento.

Numa conversa, a importância de Tomás revelada

Sobre Tomás de Aquino não posso perder a ocasião de concluir a resposta com o testemunho pessoal. Depois que deixei a Companhia de Jesus e me estabeleci em São Paulo, como professor da PUC-SP, mantive contato regular com o Pe. Vaz, a quem recorria para alguma consulta bibliográfica ou para solicitar sua ajuda diante de alguma questão filosófica. Em uma dessas ocasiões, em meados de 1996, antes de concluir uma conversa telefônica, Pe. Vaz me disse algo assim: “Marcelo, você vai receber o último número da *Síntese* e verá que publiquei um texto sobre Santo Tomás. Penso que seria interessante que você desse a conhecer aos seus colegas da PUC esse texto no qual me empenhei muito”. Para uma pessoa “de caráter comedido até a desmesura”, hipérbole com que um biógrafo antigo caracterizou Aristóteles, e que apliquei ao Pe. Vaz num texto em sua homenagem (*Diálogos com a cultura contemporânea*, p. 157), a recomen-

dação de que eu divulgasse o seu artigo entre os colegas da PUC-SP traduz a importância que o Pe. Vaz atribuía a esse ciclo de estudos sobre a metafísica de Santo Tomás de Aquino.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Marcelo Perine - Só gostaria de expressar mais uma vez o impagável débito de gratidão pelos anos de convivência e colaboração com o Pe. Vaz, a começar pelos quatro anos em que, como estudante de teologia na PUC-Rio, ele foi meu Superior religioso; posteriormente na presença à distância ao longo dos cinco anos que passei em Roma para o doutorado em Filosofia na Gregoriana (foi ele quem me sugeriu fazer o doutorado sobre Éric Weil); em seguida, pelos oito anos de colaboração como professor na Faculdade de Filosofia dos Jesuítas, como Editor da Coleção Filosofia e da Revista *Síntese*; e, finalmente, mas não por último, pela compreensão e amizade que continuou me dedicando desde que deixei a Companhia de Jesus em 1994 (desse período conservo algumas cartas breves, precisas, mas sempre afetuosas). Por essas e muitas outras razões dediquei a ele, *in memoriam*, meu livro *Platão não estava doente* (Loyola 2014), nomeando-o como um de meus amigos incomparáveis. ■

²⁷ **Marcos Nobre**: professor da Universidade de Campinas – Unicamp, cientista social e filósofo. É celebrado autor da tese do “peemedebismo”, como ele batizou a ideia da existência de um bloco de forças políticas que, ao se associar ao governo, lhe dá estabilidade e o blinda contra ameaças como o impeachment que o ex-presidente Fernando Collor sofreu em 1992. (Nota **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- *O Platão de Lima Vaz*. Entrevista com Marcelo Perine, publicada na revista **IHU On-Line**, número 374, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/22xHwWv>.
- *Platão e a ação política dos filósofos*. Entrevista com Marcelo Perine, publicada na revista **IHU On-Line**, número 294, de 25-05-2009, disponível em <http://bit.ly/1TPZT8M>.
- *Ética e política segundo Henrique C. de Lima Vaz*. Entrevista especial com Marcelo Perine, publicada nas **Notícias do Dia**, de 30-05-2007, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1RMUZSw>.
- *Pe. Vaz e o diálogo com a modernidade*. Entrevista com Marcelo Perine, publicada na revista **IHU On-Line**, número 197, de 25-09-2006, disponível em <http://bit.ly/1UuhWhV>.

Os saberes de uma Antropologia Integral

Marly Carvalho Soares reconhece a importância da obra de Lima Vaz no seu exercício de apresentar a complexidade dos saberes para o que ela entende como uma Antropologia Integral

Por Márcia Junges | Edição João Vitor Santos

A fluidez entre os saberes, o exercício de pensar para “além da caixa” das disciplinas são marcas de Lima Vaz reconhecidas por vários de seus leitores. Para a professora da Universidade Estadual do Ceará - UECE Marly Carvalho Soares, esses são pontos de partida da filosofia vaziana e que se manifestam tacitamente na Antropologia Filosófica. A obra, para a professora, é um bom caminho para conhecer a mergulhar nos escritos de Vaz, isso porque “oferece uma rede de conhecimentos e discursos num diálogo entre os saberes, superando a tentação da fragmentação tão própria do pensamento contemporâneo”. “De forma didática, num labor científico, filosófico-teológico, o autor apresenta a complexidade dos saberes para uma Antropologia Integral e nisso reside a sua importância”, resume Marly.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a professora ainda ressaltava que o projeto da Antropologia filosófica quer refletir sobre o ser humano na sua estrutura, a partir de três polos: o universo natural, o universo humano e o Absoluto. “Para Lima Vaz é absolutamente impossível filosofar sem conhecer a história da filosofia, que implica no exercício filosófico de rememoração e reflexão, que justifica na Antropologia Filosófica uma parte histórica que rememora todas as concepções do homem na filosofia ocidental”, completa. Marly, que segue dedicada e inspirada pelo

pensamento vaziano, entende que as provocações do autor seguem vivas e pertinentes à realidade de hoje, especificamente no caso do momento do Brasil. “À conjuntura brasileira atual nos desafia a rever e a viver os valores castrados num cotidiano superficial e mau e a tomar consciência de que precisamos fazer valer novamente os valores da liberdade, da igualdade e da solidariedade, e que as Instituições recuperem a sua identidade de concretizar os direitos e deveres de todos os brasileiros”, analisa.

Marly Carvalho Soares é graduada em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza e em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE, com especialização em Administração Escolar. Ainda possui graduação em Teologia pelo Instituto de Ciências Religiosas - ICRE, mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, e pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, com estágio no Instituto Eric Weil, Universidade Charles de Gaulle, Lille 3, na França. Atualmente é professora da UECE, líder dos Grupos e Laboratórios de Pesquisa: Ética e Direitos Humanos e Um Olhar sobre a Subjetividade Humana. Entre suas publicações recentes está *O Filósofo e o político segundo Éric Weil* (São Paulo: Edições Loyola, 2015).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Após 25 anos da publicação da Antropologia Filosófica I¹, qual é a sua atualidade e importância?

¹ São Paulo: Loyola, 1991. (Nota da **IHU On-Line**)

Marly Carvalho Soares - Escrever sobre o pensamento de Lima Vaz continua sendo um prazer, um dever e um desafio. Prazer, por se tratar de um trabalho singular, coerente e enriquecedor de conhecimentos

e pesquisas devido à imensa bibliografia que nos é ofertada, capaz de incentivar e orientar-nos para além de um “pensamento único” e fragmentado, pois não só rememora a tradição filosófica, mas nos coloca

diante da nossa própria realidade. Este é o seu modo de pensar, como bem cita Mac Dowell²: “o autêntico pensar não pode consistir num princípio absoluto, mesmo quando exprime essa pretensão, como no caso de Descartes. Ele se enraíza necessariamente no passado, que modela de maneira decisiva o nosso horizonte mental.” (Mac Dowell, p.222, 2012).

Dever, não só pelo reconhecimento de seu valor intelectual, mas como responsabilidade de mostrar, na modalidade ensino-aprendizagem, às gerações futuras a grandeza do seu esforço de rigor filosófico diante dos apelos das mentes criativas e da realidade social. Desafio, porque exige uma atitude atenta para mergulhar nesse horizonte de perguntas, incertezas, verdades, pesquisas, métodos, oriundo dos seus escritos filosóficos tão solidificados na tradição e na modernidade. Resta-nos, então, guardar este patrimônio material e espiritual divulgando suas ideias, particularmente sua razão filosófica e suas vivências didáticas e pedagógicas.

No presente, como no passado, o interesse pelo estudo da Antropologia se tornou um interesse universal. De tal maneira que os diversos discursos, seja dos existencialistas e estruturalistas, marxistas e tomistas, evolucionistas e espiritualistas, ateus e cristãos, estão todos de acordo em atribuir ao estudo do homem uma importância capital. É como nos escreve Mondin³ ao fazer

2 João Augusto Mac Dowell: filósofo brasileiro, professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), antigo Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), de Belo Horizonte/MG. Dele, confira a entrevista *A busca pelo sentido do ser*, concedida à edição 187 da IHU On-Line, de 3-07-2006, disponível em <http://bit.ly/qDgXkC>. É graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira e em Teologia pela Philosophische Theologische Hochschule Sankt Georgen, onde cursou mestrado em Teologia. É doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG, na Itália, com a tese *A gênese da Ontologia Fundamental de Martin Heidegger* (São Paulo: Loyola, 1993). (Nota da **IHU On-Line**)

3 Battista Mondin (1926): é sacerdote do Instituto Xaveriano e Doutor em Filosofia e Religião junto à Universidade Harvard. Há

um histórico da natureza, do estatuto epistemológico, do método e das disposições para afrontar o estudo do homem. (B. Mondin, 1983).

Reconhecida a importância e a necessidade da Antropologia, um outro problema é enfrentado, que é a possibilidade de a Antropologia ser considerada como ciência desde quando Kant⁴ questionou, ou melhor, deu valor teórico somente às ciências matemáticas e físicas. O que vai exigir uma reflexão sobre os diversos métodos e as diversas ciências, consideradas “ciências da explicação e ciências da compreensão”, como bem analisou Dilthey⁵.

vários anos é professor de filosofia na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Urbaniana, em Roma. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em Formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuemo2>. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Wilhelm Dilthey (1833-1911): foi um filósofo hermenêutico, psicólogo, historiador, sociólogo e pedagogo alemão. Dilthey lecionou filosofia na Universidade de Berlim. Considerado um empirista, o que contrastava com o idealismo dominante na Alemanha em sua época, mas sua concepção do empirismo e da experiência difere da concepção britânica de empirismo. Seus principais conceitos procuram fundamentar as “ciências do espírito” como forma de conhecimento humano, em oposição às ciências da razão. Para tal diálogo e aprofunda o pensamento de Kant, John Locke, Auguste Comte, Stuart Mill, Berkeley, Rudolf Hermann Lotze, entre outros (Prefácio de Maria Amaral em Filosofia e Educação, 2010, pg. 13 a 30). (Nota da **IHU On-Line**)

Antropologia Filosófica de Vaz

A obra *Antropologia Filosófica* de Lima Vaz marcou profundamente a interpretação e os comentários na atualidade. De forma didática, num labor científico, filosófico-teológico, o autor apresenta a complexidade dos saberes para uma Antropologia Integral e nisso reside a sua importância. Oferece uma rede de conhecimentos e discursos num diálogo entre os saberes, superando a tentação da fragmentação tão própria do pensamento contemporâneo. Este estatuto antropológico está pautado na clareza, na ordem e na exatidão.

Acrescenta-se ainda a imensa bibliografia, notas, citações oferecidas aos leitores. De modo que a temática elaborada por Vaz inspira e abre caminhos para outras pesquisas no terreno dos diversos saberes e, em particular, aponta pistas para a superação do niilismo contemporâneo.

IHU On-Line - Como foi a recepção dessa obra àquela época?

Marly Carvalho Soares - Acredito que esta obra foi acolhida com muita curiosidade e esperança por seus discentes e professores, uma vez que era o texto básico para o curso de Antropologia Filosófica que ministrou no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, de 1968 a 1972, e depois, numa segunda versão, refundida e atualizada como ele mesmo afirma na Apresentação da Obra, intitulada: “Advertência Preliminar” na Faculdade de Filosofia do Centro de Estudos Superiores S. J, de Belo Horizonte, em 1989 e 1990.

O conteúdo e a importância desta obra extrapolaram para além dos muros acadêmicos por sua origem didática, natureza e particularidades da redação do texto. Particularmente fui apresentada pelo autor quando elaborava minha tese de doutorado em 1991 e serviu-me como norte metodológico e escla-

recedor de muitos conceitos, categorias, a respeito das ciências da natureza, das ciências do homem e das ciências do espírito. Esse universo de ciências contribuiu para a sua leitura e divulgação.

IHU On-Line - Quais são as temáticas centrais que aborda?

Marly Carvalho Soares - De forma didática, o autor apresenta a grande reflexão englobada nos seus nove volumes na construção do seu "sistema aberto", como bem mostrou Rubens Godoy Sampaio⁶ na sua obra *Metafísica e Modernidade* (2006). Inicia-se com a obra *Ontologia e História* (1968), na qual se encontram as raízes clássicas do seu pensamento, raízes que fecundará todo o seu pensar filosófico, como fecundou o seu último livro, intitulado *Raízes da Modernidade* (2002). Aqui estão apresentadas as noções da dialética platônica que conduzirá todo o pensamento vaziano nos diversos temas da Ontologia, do Absoluto, da Teologia, de Transcendência, do Espírito, da Pessoa e do Cristianismo nas ideias inspiradoras de Tomás de Aquino⁷.

6 Rubens Godoy Sampaio: graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, é mestre em Filosofia pela UFMG com a dissertação *A Ontologia da Intersubjetividade no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz* e doutor na mesma área pela Universidade de Gama Filho – UGF, com a tese *Metafísica e Modernidade: método e estrutura, temas e sistema no pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz* (São Paulo: Loyola, 2005). De sua produção bibliográfica citamos *Crise ética e advocacia* (Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 2000) e *O Ser e os Outros* (São Paulo: Unimareo Editora, 2001). É servidor público federal da Justiça Federal de São Paulo. Confira a entrevista concedida por ele à IHU On-Line 374, de 26-09-2011, sobre Lima Vaz, intitulada *Um sistema em resposta ao niilismo ético*, disponível em <http://bit.ly/oSjBqf>. (Nota da IHU On-Line)

7 São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas "Summae", sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

Nesta primeira obra encontra-se ainda o tema da História onde se deu o seu encontro com a Modernidade e particularmente com o pensamento de Hegel⁸ enquanto "pensador inaugural", e não apenas em função da leitura de Marx⁹ como era a moda daquela época nos templos acadêmicos. Era necessário que alguém do porte de Lima Vaz no Brasil, e na França Eric Weil¹⁰, mergulhasse na profundidade do pensamento hegeliano e descobrisse a matriz do seu pensar filosófico e seu lugar histórico no universo cultural renunciando a

8 Friedrich Hegel (Georg Wilhelm Friedrich Hegel, 1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira no link <http://bit.ly/ihuon217> a edição 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon261>, e *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <http://bit.ly/ihuon430>. (Nota da IHU On-Line)

9 Karl Marx (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Leia a edição número 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, que tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. A IHU On-Line preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central da obra de Marx *O Capital*, disponível em <http://bit.ly/IHUOn449>. (Nota da IHU On-Line)

10 Éric Weil (1904-1977) foi um filósofo francês de origem alemã. Estudou Medicina e Filosofia nas Universidades de Hamburgo e Berlim. Em 1933 transferiu-se para a França e se tornou cidadão francês. Fez parte do Centre National de la Recherche Scientifique (1945-1956) e ensinou na École Pratique des Hautes Études até 1956, quando se transferiu para a Universidade de Lille. Em 1968 foi para Nice, e lá morreu em 1977. (Nota da IHU On-Line)

toda crítica da literatura existente, sem a intenção de refutar e corrigir opiniões e leituras superficiais e, também, ideológicas próprias da época.

Weil e Vaz

Weil e Vaz fundamentam-se na Filosofia do Direito e, secundariamente, na Enciclopédia das Ciências Filosóficas. Fala-nos Weil: "se a sua teoria é justa, a realidade mesma se encarregará de justificá-la. Não se trata de tomar posição, mas de discutir o fundamento racional, de toda e qualquer tomada de posição consciente, responsável, coerente" (Weil, 1950). Esse conjunto de temas e autores vão surgir e alicerçar o conteúdo, a estrutura, a metodologia e a importância da Antropologia Filosófica I e II. De modo que a Antropologia Filosófica corrobora as matrizes teológicas, filosóficas e científicas a respeito do "ato de existir" do ser humano.

Revisitar a Antropologia filosófica é deparar-se novamente com a questão nunca pronta e resolvida: "o, homem, quem é ele?". Ideia tão perseguida em todos os tempos e que cada dia mais desafia o nosso horizonte de compreensão. Lima Vaz, ao lado dos demais filósofos e cientistas, envereda nessa aventura, elaborando de forma clara e didática uma Antropologia Integral que encerra todas as manifestações mais significativas do ser humano, utilizando vários métodos que orientam desde a fenomenologia das aparências até o seu ser profundo e no seu destino último.

Seguiremos os mesmos passos do referido autor, que, na compreensão das partes constituintes do ser do homem, deu-nos a compreensão do todo que queremos, no nosso caso, seria novamente dizer: o que é o homem.

Ser-homem

Lima Vaz tece o espaço conceitual no qual se inscreve o ser-homem através das seguintes coordenadas: conceito de "estrutura";

conceito de “relação”; conceito de “unidade”. Essas coordenadas se interligam e se formam seguindo um movimento dialético que parte da ordem do dado para a ordem do conceito. De tal maneira que cada coordenada é demonstrada na sua tríplice inteligibilidade, formando assim um todo coerente e sistemático. Daí que partindo da estrutura do ser homem, mediatizada pelas relações, chegaremos a uma visão unitária do ser humano.

A vertente antropológica se estrutura sobre as categorias da corporeidade, do psíquico e do espírito e as relações de objetividade, intersubjetividade e transcendência. A sua metodologia segue o seguinte procedimento. Inicia-se com a pré-compreensão, que é a experiência natural, a compreensão explicativa, que é o domínio das ciências do homem, seja daquelas que se organizam em torno do polo natureza, seja daquelas que se organizam em torno dos polos do sujeito e da cultura: Ciências hermenêuticas.

No campo das ciências hermenêuticas formulam-se os problemas fundamentais que constituem tradicionalmente o objeto da antropologia filosófica. E, no campo da ética, trataremos das relações que fundamentam o agir pessoal e coletivo do ser humano. Todo esse conteúdo se mantém inseparável do seu método, sintetizado na rememoração histórica, no processo dialético e na plataforma sistemática.

IHU On-Line - Quais as influências de Kant e Hegel nessas reflexões?

Marly Carvalho Soares - Lima Vaz reconhece que, no campo filosófico, a interrogação sobre o homem atinge a sua expressão clássica nas célebres questões kantianas, sintetizadas na pergunta: o que é o homem? Que engloba o “saber”; o “agir e, o esperar”. Mas a partir do século XVIII, com o desenvolvimento das chamadas “ciências do homem” e das “ciências da vida”, ela foi chamada a definir o seu estatuto epistemológico em face dos novos saberes científicos

sobre o homem, definindo, assim, ao mesmo tempo, sua relação com os procedimentos metodológicos e com os conteúdos dessas novas ciências.

Daí acarretou uma crise diante desse complexo de saberes que foi analisada, entre outros, por M. Scheler¹¹. Essa crise resultou na elaboração de diversas imagens do homem que dominaram a cultura ocidental desde o homem clássico até o homem moderno. Portanto uma visão mais histórica. Por outro lado, na visão metodológica, tornou-se mais complicado devido à fragmentação do objeto da Antropologia Filosófica nas múltiplas ciências do homem.

Diante desse universo problemático, de ciências diferentes, métodos diversos, chegaram a ser definidas duas tendências que se manifestaram em duas correntes: o naturalismo, que reduz o fenômeno humano à natureza material como fonte última de explicação; e o culturalismo, que acentua a originalidade da cultura, separando o cultural do natural, solidificando ainda mais a divisão entre ciências da natureza e ciências do espírito. O desafio posto é encontrar um ponto mediador entre essas duas tendências: natureza e espírito.

Polo entre natureza e espírito

A sistemática da Antropologia Filosófica de Lima Vaz vem exatamente mostrar em suas duas seções o ponto mediador desse encontro da natureza e do espírito, que é o polo do sujeito no seu agir individual, social e histórico, por meio do seu método e de sua arquitetônica. Este polo do sujeito se manifesta respectivamente nas estruturas fundamentais: corpora-

¹¹ **Max Scheler** (1874-1928): conhecido como o filósofo dos valores. Nasceu em uma família judaica. Na sua juventude converteu-se ao catolicismo, do qual se foi gradualmente distanciando depois de 1923, aproximando-se de um panteísmo inspirado em Spinoza e Hegel. Ensinou nas Universidades de Iena, Munique e Colônia. De suas obras destacamos O lugar do homem no Mundo. (Nota da **IHU On-Line**)

lidade, psiquismo e espírito; e nas relações fundamentais constitutivas do ser humano: relação de objetividade, de intersubjetividade e de transcendência, onde se abre às grandes regiões do ser, isto é, o mundo, os outros seres humanos e o transcendente. Trata-se do sujeito como ponto nodal da compreensão filosófica, e creio que esta é uma herança kantiana, pois a filosofia transcendental, como ele a desenvolveu, estabelece o ponto de partida de uma postura filosófica que podemos considerar paradigmática para a filosofia moderna, como bem recorda Manfredo Oliveira¹² (Oliveira, p. 5, 2012).

Perspectiva hegeliana

O legado hegeliano foi assumido inteiramente por Lima Vaz. Mas gostaria de destacar três pontos: o método, a sistemática e o ato de filosofar. Começarei pelo ato de filosofar enquanto reflexão do seu tempo e de nosso tempo, ou seja, a preocupação de elevar o tempo ao conceito, em captar a inteligibilidade do momento tão própria da reflexão hegeliana. Esta preocupação é demonstrada por Hegel em todos seus escritos e, em particular, no prefácio da Filosofia do Direito onde alerta para o ato de filosofar e seu interesse para que todos tenham conhecimento significativo deste ato, “pois a filosofia é a inteligência do presente e do real, não a construção de um além que só Deus sabe onde se encontra ou que, antes todos nós sabemos onde está - no erro, nos raciocínios parciais e vazios”, e acrescenta: “o que é racional é real e o que é real é racional”.

Esta é a convicção de toda a consciência livre de preconceitos

¹² **Manfredo Araújo de Oliveira**: é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza, mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e doutor em Filosofia pela Universität München Ludwig Maximilian de Munique, Alemanha. Atualmente é professor titular da Universidade Federal do Ceará. Recentemente, Manfredo Araújo de Oliveira lançou seu novo livro intitulado *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo* (São Paulo: Paulus, 2014). (Nota da **IHU On-Line**)

e dela parte a filosofia tanto ao considerar o universo espiritual como o universo natural. Depois de ter apreendido o mundo na sua substância, reconstrói na forma de um império de ideias. Não vem a filosofia para rejuvenescer a vida, mas apenas reconhecê-la. O método e a sistemática se cruzam, pois a “sistemática”, enquanto abarca a totalidade do real no seu pensar (Lógica) e no seu manifestar-se: natureza e espírito, exige o método dialético que é a ferramenta que possibilita conectar as partes num “sistema aberto” em busca da verdade. Pois, o verdadeiro é o Todo. A unidade estrutural, relacional e final do ser humano desenvolvidas no discurso da Antropologia Filosófica só pode ser tecida pelo movimento dialético, como tão bem construiu Lima Vaz na sua metodologia e no seu discurso. Partes-se do dado para o conceito.

IHU On-Line - Em que sentido o grande legado vaziano da síntese e da vivência das quatro grandes razões perpassa os dois volumes desse escrito?

Marly Carvalho Soares - Essas razões, como já refleti na entrevista de 2011¹³, perpassam todo o movimento ascendente num sistema aberto que abrange o homem, o mundo, a pessoa e Deus na sua compreensão filosófica. Em outras palavras, seria a relação entre a História e a Transcendência. Temática marcante do saber filosófico de Lima Vaz. De modo que remembering esses conteúdos, o nosso pensar é conduzido com um único objetivo: compreender e viver a unidade de oposição entre a essência e existência.

A primazia da essência implicava no processo antigo, ao abandono da existência empírica do homem à contingência do acaso e a necessidade do destino. A primazia da existência no pensamento cristão-medieval retirava aparentemente

13 A síntese e a vivência de quatro razões. Entrevista com Marly Carvalho Soares, publicada na revista IHU On-Line, número 374, de 29-09-2011, disponível <http://bit.ly/21qFwhE>. (Nota da **IHU On-Line**)

te do homem o predicado da *autárqueia*, do livre domínio de si mesmo, suspendendo-o à vontade criadora de Deus como existente Absoluto. Já a ideia de sujeito na filosofia moderna pretende resgatar da contingência e do destino de um lado, e de outro, elevá-lo à dignidade de causa e razão da própria existência do seu ser racional- sujeito.

Porém, Kant não resolveu essa aporia entre o natural e o transcendental. O âmago dessas aporias é ter colocado o sujeito como *causa sui* suprimindo qualquer comunidade analógica com o Absoluto transcendente. Daí colocando sobre a pessoa humana o enorme peso ontológico de ser a criadora de si mesma e de seu mundo de verdade e de bem, dos valores e dos fins. Esse é o destino problemático da pessoa no horizonte da pós-modernidade. A categoria da pessoa não somente mostra o homem aberto à universalidade do ser, a partir da particularidade da sua atuação corporal no aqui e no agora do mundo, mas mostra-se como o lugar na concreção da sua singularidade onde se entrelaçam as linhas que procedem de todas as regiões do ser: do sensível ao inteligível, do contingente e do necessário, do possível e do atual, do relativo e do absoluto e, finalmente do universo e de Deus. A unidade dos opostos é assim, ao mesmo tempo, a marca da finitude e a comprovação de que nela se realiza a perfeição mais alta do universo. Este cabedal teórico se concretizou no filosofar e no viver de Lima Vaz pela sua sabedoria e humildade.

IHU On-Line - Quais as inter-relações que Vaz estabelece na “Antropologia Filosófica” com o encontro do universo natural-humano com o Absoluto?

Marly Carvalho Soares - O projeto da Antropologia filosófica tem por objetivo refletir sobre o ser humano na sua estrutura, relação e unidade, articulando os três polos: o universo natural, o universo humano e o Absoluto. Para Lima Vaz é absolutamente impossível fi-

lososofar sem conhecer a história da filosofia, que implica no exercício filosófico de rememoração e reflexão, que justifica na Antropologia Filosófica uma parte histórica que rememora todas as concepções do homem na filosofia ocidental. Já na parte sistemática, trata do ser humano na sua estrutura ontológica que compreende a corporeidade, o psíquico e o espírito e as suas relações que se dão através da objetividade, da intersubjetividade e da transcendência culminando com a categoria da pessoa que é a abertura para o absoluto.

O ápice da unidade estrutural do ser humano dá-se exatamente com a categoria do espírito onde o ser-do-homem abre-se necessariamente para a transcendência - isto é, aberto para o outro que é relativo e absoluto. É a transcendência sobre toda a faticidade. O homem neste nível se abre enquanto inteligência (nous), à amplitude transcendental da verdade, enquanto liberdade (pneuma), à amplitude transcendental do bem. Como espírito o homem passa a ser o lugar do acolhimento do Ser, da manifestação do Ser e do consentimento do Ser. O espírito está para além do somático e do psíquico - ele é em si mesmo, atualidade infinita do ser. Portanto, naquele nível, ela está presa ao contingente e só no nível do espírito ela participa do Infinito ou tem gravada no seu ser a marca do infinito. Portanto o homem apresenta-se como um “ser de fronteira” entre o espírito e a matéria.

A dialética de espírito mostra, pois, que a unidade estrutural corpo - psiquismo - espírito é uma unidade segundo a forma que deve realizar-se na relação dinâmica e ativa do homem com a universalidade universal do ser (Verdadeiro e Bem). De modo que o percurso dialético vai do somático ao noético pneumático e retorna do noético ao somático. A circularidade só é possível porque o espírito, estando presente ao fim do percurso, está presente no seu início pela função mediadora do sujeito. Assim está fechado o círculo dialé-

tico do espírito ao corpo e do corpo no espírito.

IHU On-Line - Assim, pode-se dizer que há uma superação da ideia de indivíduo para a ideia de pessoa? Por quê?

Marly Carvalho Soares - No movimento do pensamento vaziano, há uma interconexão da Antropologia, da Ética e da Metafísica, formando assim uma unidade ontológica na qual o ser humano possa estabelecer uma conexão na sua estrutura, nas suas relações e realizações em busca de uma totalidade que se concretiza na realidade, isto é, na construção de uma nova subjetividade que no percurso constitutivo vai consolidando o seu caráter de pessoa, enquanto “abertura para o Absoluto”.

Inicia-se no processo lógico com a unidade estrutural: subjetividade em si; mediada pela unidade relacional: a subjetividade para si; e se define como unidade fundamental. Porém, a unidade final só se concretiza na categoria da realização, cuja expressão final se conclui com a categoria da pessoa. A pessoa é esse todo com abertura para o Infinito. O que Lima Vaz traduz como “transcendência real”. Esta análise no seu desenvolvimento pode ser conferida em Soares (p.153, 2007).

IHU On-Line - Qual foi o papel de Lima Vaz na consolidação da Faje¹⁴ e em uma filosofia brasileira?

Marly Carvalho Soares - Em primeiro lugar quero louvar e agradecer a iniciativa da Faje em criar um “Memorial Lima Vaz”¹⁵ para recolher e divulgar todo o patrimônio material e espiritual de Lima Vaz nos seus escritos e pesquisas. Com essa atitude de reconhecimento do cabedal filosófico do nosso autor, daremos continuidade e oportunidade às futuras gerações de aprofundar e analisar, através de uma reflexão sólida, a tradição filosófi-

ca ocidental desde o pensamento clássico até aos albos da contemporaneidade num modo diferente de filosofar, rememorando a tradição e trazendo para o contexto histórico, social da realidade do presente.

Lima Vaz credenciou e consolidou a Faje. Credenciou desde quando no silêncio do seu quarto mergulhava-nos nos diversos temas filosóficos e teológicos divulgando os seus escritos, em eventos, no ensino e na pesquisa no Brasil e no exterior. No Brasil, apresentou-se como mestre de tantas gerações e formador de habilidades didáticas e pedagógicas tão necessário ao mister filosófico e atualmente tão carente no nosso universo profissional, fato mostrado na academia hoje, que suscita conteúdos, atitudes e habilidades na formação dos professores em filosofia.

IHU On-Line - Há cinco anos, a senhora lembrou com grande saudade e gratidão a vivência filosófica e humana com o seu orientador Lima Vaz. Passado esse tempo, que outras maneiras animaram a sua trajetória como pesquisadora, filósofa na conjuntura política e social vivida pelo Brasil?

Marly Carvalho Soares - Encontro-me hoje na encruzilhada da filosofia contemporânea, no “saber Fazer”, dialogando com diversos autores, porém mantendo as matrizes de um pensamento dialético - sistemático e fenomenológico. Estas raízes continuam alimentando o meu pensar atual num diálogo com Kant, Hegel, Eric Weil, Lima Vaz e Edit Stein¹⁶ nas temáticas: subjetividade, intersubjetividade, Ética, Política e Direito. O mode-

16 **Edith Theresa Hedwing Stein** (1891 –1942): foi uma filósofa e teóloga alemã. De origem judia, converteu-se posteriormente ao catolicismo, tornando-se carmelita descalça. Segunda mulher a defender uma tese de doutorado em Filosofia na Alemanha, foi discípula e depois assistente de Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia. Morreu aos 51 anos, no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau. Em 11 de outubro de 1998, foi canonizada pelo papa João Paulo II, como Santa Teresa Benedita da Cruz. (Nota da **IHU On-Line**)

14 Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Faje (Nota da **IHU On-Line**).

15 Acesse o portal do Memorial em padrevaz.com.br (Nota da **IHU On-Line**)

lo dialético sistemático hegeliano permanece como referência do pensar weiliano e do pensar vaziano com matizes diferentes. Cada um no seu horizonte hermenêutico e no seu tempo. Já o pensar steiniano inspira-me com o seu método fenomenológico e sua preocupação em refletir sobre a ontologia do ser feminino no seu ser e no seu agir.

Essas reflexões são iniciadas nos grupos e projetos de estudos e pesquisas na graduação e na pós-graduação da Universidade Estadual do Ceará em parceria com outras universidades. Por outro lado, a conjuntura brasileira atual nos desafia a rever e a viver os valores castrados num cotidiano superficial e mau e a tomar consciência de que precisamos fazer valer novamente os valores da liberdade, da igualdade e da solidariedade, e que as Instituições recuperem a sua identidade de concretizar os direitos e deveres de todos os brasileiros. O desafio para nós é darmos conteúdos aos nossos princípios, como bem refletiu Adela Cortina¹⁷ na sua entrevista: “Podemos continuar dizendo que cremos na Declaração dos Direitos Humanos? Ou vamos trair a nossa identidade?”¹⁸

IHU On-Line - Você menciona que neste momento estava revendo um projeto acerca de Lima Vaz. Em que consiste esse trabalho e o que a inspira a prosseguir estudando seu pensamento?

Marly Carvalho Soares - Elaborei novamente um projeto sobre a Antropologia Filosófica I como ponto de interseção da ética e da metafísica e como ponto de partida, uma vez que orienta de forma clara o

17 **Adela Cortina**: é catedrática de Ética e Filosofia Política na Universidade de Valência, Espanha, onde coordena o curso de pós-graduação em Ética e Democracia. É doutora em Filosofia e foi professora visitante na Universidad de Louvain-la-Neuve, na Bélgica, na Vrije Universitet, em Amsterdam, na Universidade de Notre Dame, nos EUA, e na Universidade de Cambridge, no Reino Unido. Atualmente é diretora da Fundação para a Ética dos Negócios e das Organizações – ÉTNOR. (Nota da **IHU On-Line**)

18 A referida entrevista foi publicada nas Notícias do Dia, no sítio do Instituto humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1UDMw6m>. (Nota da **IHU On-Line**)

método do pensamento de Vaz e, ainda, com o objetivo também de fazê-lo conhecido e estudado por essa nova geração, enquanto filósofo brasileiro reconhecido internacional.

O Grupo de Estudos Vazianos - Gevaz é ligado à Pós-Graduação da Faculdade Jesuíta - Faje. Organizado pelo prof. Delmar Cardoso, objetiva divulgar o pensamento de Henrique Cláudio de Lima Vaz. Atualmente Gevaz é coordenado pela Profa. Dra. Claudia Maria Rocha de Oliveira (Faje) e se reúne periodicamente, como também promove anualmente o "Colóquio Vaziano" para o intercâmbio de comunicações dos estudiosos vazianos do Brasil.

O Grupo de Estudos Vazianos iniciou suas atividades em março de 2010, na Faculdade Católica de Fortaleza - FCF sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Celeste de Sousa. No primeiro ano, 2010, o grupo objetivou apresentar o filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz e o seu sistema filosófico. A partir de 2011, filiou-se ao Laboratório de Pesquisa "Um olhar interdisciplinar sobre a Subjetividade Humana" da Universidade Estadual do Ceará - UECE, que tem como coordenadora a Profa. Dra. Marly Carvalho Soares e vice-coordenadora a Profa. Dra. Maria Celeste de Sousa. A partir de então o Grupo escolheu duas categorias vazianas para serem aprofundadas: Subjetividade e Intersubjetividade.

O Estudo das categorias *Subjetividade e Intersubjetividade* têm como propósito possibilitar uma investigação filosófica sobre a problemática antropológica e ética vigente na sociedade contemporânea, por conseguinte Gevaz já possibilitou a produção de 10 monografias na conclusão do Curso de Bacharelado em Filosofia, sendo

duas delas publicadas pelo Instituto Humanitas Unisinos.

Referências em antropologia filosófica

CARDOSO, Delmar (org.). Pensadores do século XX / São Paulo: Edições Loyola: Paulus, 2012.

CASSIRER, Ernst. Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana / tradução Tomás Rosa Bueno - São Paulo: ed. Martins Fontes, 1994.

CASSIRER, Ernst. Antropologia filosófica; tradução do Dr. Vicente Felix de Queiroz - São Paulo: editora Mestre Jou.

CHARDIN, Teilhard. Mundo, homem e Deus; textos selecionados e comentados por José Luiz Archanjo - São Paulo: Editora Cultrix.

DOWELL, João A. Mac. Saber filosófico, história e transcendência: Homenagem ao Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ, em seu 80º aniversário - São Paulo: ed. Loyola, 2002.

FERRY, Luc. O que é o ser humano?: sobre os princípios fundamentais da filosofia e da biologia / tradução de Lúcida Mathilde Endlich Orth. - Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 2011.

FRANGOSO, Emanuel Angelo da Rocha; AQUINO, João Emiliano Fortaleza de; SOARES, Marly Carvalho (organizadores). Ética e Metafísica. Fortaleza: EdUECE, 2007.

GALANTINO, Nunzio. Dizer "homem" hoje; novos caminhos da antropologia filosófica / tradução Roque Frangioti. São Paulo: Paulus, 2003.

HEGEL. Princípios da filosofia do direito; Tradução de Orlando Vitorino - editora Martins Fontes. 2ª. Edição, Agosto de 1976.

KANT, Immanuel. Antropologia de um ponto de vista pragmático / tradução Clélia Aparecida Martins - São Paulo: ed. Iluminuras, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos; tradução Mário Vilela - São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MONDIN, Battista. O homem: quem é ele?: elementos de antropologia filosófica / Traduziram R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho - 2. Ed - Brasília: UNESCO, 2010.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo; tradução Eliane Lisboa - Porto Alegre: Sulina, 2015.

OLIVEIR, Manfredo Araújo. Antropologia filosófica contemporânea: subjetividade e inversão teórica - São Paulo: ed. Paulus, 2012.

PAULA, Maria Bernadete Gonçalves de; SOUZA, Luis Carlos Silva de Souza; SOARES, Marly Carvalho. Dialética da subjetividade. Fortaleza: EdUECE, 2007.

PUNTEL, Lorenz B. Em Busca do objetivo e do estatuto teórico da filosofia: estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica / Tradutor Nélcio Schneider - São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010.

SAMPAIO, Rubens Godoy. Metafísica e modernidade: método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz / São Paulo - Edições Loyola: São Paulo, 2006.

SEGUNDO, Juan Luis. Que mundo? Que homem? Que Deus? / tradução Magda Furtado de Queiroz - São Paulo: Ed. Paulinas, 1995.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Antropologia filosófica II - São Paulo: ed. Loyola, 1992.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. A formação do pensamento de Hegel - São Paulo: edições Loyola, 2014.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Antropologia filosófica I e II/ São Paulo: Loyola, 1991,1992.

LEIA MAIS...

— *A síntese e a vivência de quatro razões.* Entrevista com Marly Carvalho Soares, publicada na revista IHU On-Line, número 374, de 26-09-2011, disponível em <http://bit.ly/21qFwHE>.

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em
Revista**

Agenda de Eventos

Confira os próximos eventos promovidos pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Todas as quartas-feiras

Ecofeira Unisinos

Atividade: Mostra e comercialização dos produtos

Horário: 10h às 17h

Local: Corredor principal do setor B do Campus São Leopoldo da Unisinos, próximo ao IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/22XWMfD>



Oficina – Gestão colaborativa de bancos comunitários: moeda social e software livre de gestão

Tópico 1: Bancos comunitários, moeda social e software livre - referências e experiências

Horário: 10h30min às 13h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Tópico 2: Construindo experiências colaborativas

Horário: 14h às 17h

Local: Sala de Informática

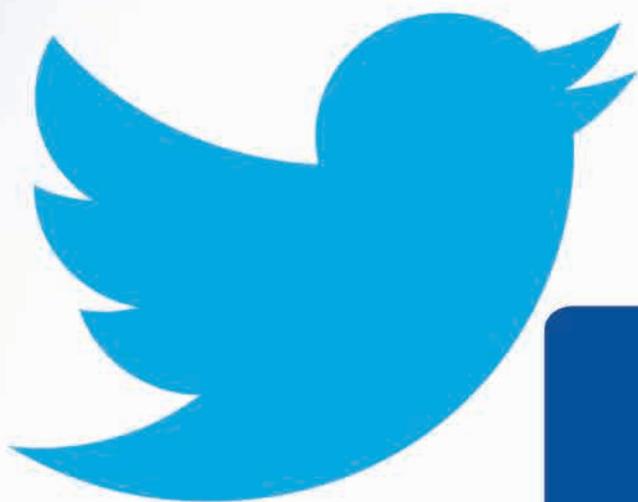
Ministrante: MS Pedro Henrique Gomes Jatobá - Instituto Intercidadania - iTEIA

Saiba mais em <http://bit.ly/296wemY>



IHU

Na Web



ihu.unisinos.br

#Crítica Internacional - Curso de RI da Unisinos

A vitória do Brexit: interpretando cenários complexos e incertos

Por Diego Pautasso e Bruno Lima Rocha

“O líder do UKIP, Nigel Farage, aplica a solução xenófoba para a crise imposta pela austeridade comandada pelo sistema financeiro e corporações transnacionais”, escrevem Diego Pautasso e Bruno Lima Rocha.

Diego Pautasso é doutor e mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, graduado em Geografia também pela UFRGS. Atualmente é professor de Relações Internacionais da UNISINOS. Autor do livro *China e Rússia no Pós-Guerra Fria* (editora Juruá, 2011).

Bruno Lima Rocha é doutor e mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Atualmente é professor de Relações Internacionais da UNISINOS e editor do portal Estratégia & Análise.

Eis o artigo.

56

A vitória da campanha liderada pelo Partido pela Independência do Reino Unido - UKIP levou à saída de Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte da União Europeia - UE. O processo, contudo, não é automático e exigirá o desenlace de diversos arranjos institucionais criados pelo bloco. O resultado do plebiscito de 52% a 48% revela um voto conservador, pois foi amplamente derrotado na metrópole londrina e entre as populações mais jovens. Com efeito, a eleição tem gerado controvérsias, com pedidos de recontagem e coletas de assinaturas para realização de novo plebiscito. Neste texto, avaliamos os âmbitos domésticos, regional e a projeção de poder global.

A política na Grã-Bretanha

A vitória do Brexit deve ser analisada sobre diversos ângulos. O primeiro, doméstico, pode representar a fragmentação do Reino Unido, uma vez que a permanência da Escócia no plebiscito do ano passado deu-se justamente para manter-se na União Europeia - o que agora não faria sentido.

Neste âmbito político vemos a marca de um perigo fortalecimento à direita do Partido Conservador. Quando o primeiro ministro demissionário, o conservador David Cameron, convoca o plebiscito, seu gabinete trabalha com a equivocada estimativa de vitória da permanência na UE, reforçando também suas condições de governabilidade. O resultado foi justo o oposto.

A partir do final da década de 70 do século XX, a começar pela Frente Nacional - NF, passando pelo Partido Nacional Britânico - BNP e reforçada esta identidade com os realistas do Ulster (Irlanda do Norte), o sentimento xenófobo no Reino Unido vem sendo reforçado à medida que esta sociedade vai ficando mais pluriétnica. Fazendo uma campanha baseada no egoísmo econômico, o Partido pela Independência do Reino Unido - UKIP conseguiu galvanizar estas escolhas, também acumulando o sentimento contra imigrantes comunitários, refugiados e a islamofobia.

O líder do UKIP, Nigel Farage, explicitamente responsabiliza os acordos de integração pela perda dos padrões de vida britânicos e defende a reserva de mercado de trabalho para sua cidadania. Desta forma, aplica a solução xenófoba para a crise imposta pela austeridade comandada pelo sistema financeiro e corporações transnacionais, capturando o imaginário da força de trabalho pouco qualificada. O rechaço dos trabalhadores de idade avançada e aposentados de aglomerados urbanos do centro e do norte da Inglaterra reforça o ceticismo anti-Euro com a postura galvanizada de enxergar na força de trabalho recém-chegada como adversária. Notadamente, a comunidade de origem polonesa, além de outras migrações advindas do leste europeu, dotados de passaporte comunitário, recebe esta percepção negativa, sendo alvo de ataques xenófobos e demagogia reacionária.

O caso da Grã-Bretanha pode indicar uma tendência, que pode ser ainda mais intensa em países periféricos



O caso da Grã-Bretanha pode indicar uma tendência, que pode ser ainda mais intensa em países periféricos da zona do euro. A UE paga o preço pela retirada de direitos sociais de uma política de viés neoliberal e vê a direita xenófoba hegemonizar o discurso eurocético. Eis a chance da fragmentação do bloco

da zona do euro. A UE paga o preço pela retirada de direitos sociais de uma política de viés neoliberal e vê a direita xenófoba hegemonizar o discurso eurocético. Eis a chance da fragmentação do bloco.

Reflexos no âmbito regional europeu

A segunda consequência, de âmbito regional, é que a escolha britânica fortalece os eurocéticos gerando forças centrífugas na Europa e recrudescendo as rivalidades intraeuropeias. Na Grã-Bretanha estas forças foram representadas por conservadores, saudosistas de uma hegemonia há muito perdida, e trabalhadores corporativistas sensibilizados no contexto de crise. Parte importante da esquerda apoiou a saída da UE, sob alegação de fragilizar a Troika (Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional) e suas políticas liberais, criar políticas populares em âmbito estatal e ampliar a soberania nacional. Resta ver se a GB tem condições de girar à esquerda, distanciando-se tanto da hegemonia geoeconômica alemã quanto do alinhamento automático com os EUA, ambos com seu modelo de austeridade neoliberal. Em princípio, tudo indica que este giro não se sucederá, sendo mais provável um impacto recessivo nos primeiros anos de incertezas.

O risco real é que estas opções à esquerda redundem no veto ao Acordo Schengen e no livre trânsito entre cidadãos comunitários, fortalecidos por sentimento xenófobo agudizado pela onda migratória do Oriente Médio - oriunda de países justamente onde EUA e seus aliados europeus e regionais produziram o caos, como Síria, Iraque e Afeganistão. Ademais, num cenário de crise econômica, há o risco de crescimento da extrema direita eurocética e da consequente fragmentação

do processo de integração europeu, mas impulsionado pela direita nacionalista.

O alinhamento anglo-saxão no Atlântico Norte e alguns apontamentos

A terceira, de âmbito global, é o fortalecimento do histórico alinhamento da GB com a superpotência, os EUA. A GB sempre operou como cavalo de Troia dos EUA dentro do bloco europeu. Primeiro, criou a Associação Europeia de Livre Comércio (1960) como forma de rivalizar com a integração continental; depois evitou participar do euro; e, por fim, priorizou a OTAN diante das iniciativas securitárias da União. Ressalte-se que a despesa com defesa da GB só é menor dentro da OTAN que da própria superpotência. Assim, a saída da GB reforça o domínio geoeconômico da Alemanha e, ao mesmo tempo, a derradeira potência militar da França. Por outro lado, os EUA podem perder seu aliado intra-UE para defender seu projeto de Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento - TTIP.

Enfim, os efeitos ainda são incertos, há muitas controvérsias e, inclusive, tal processo pode sofrer reverses. A eleição nos EUA também pode impactar os rumos da integração europeia, considerando que o candidato republicano Donald Trump recobra fôlego tanto com o Brexit, como antes com o atentado homofóbico em Orlando, Flórida. Da mesma forma, a saída dos britânicos poderia alterar a correlação de forças na União Europeia, permitindo que se refaçam as pontes com a Rússia. O fato é que o sistema internacional está num momento de fortes contradições, cujos desdobramentos são incertos.

Expediente

Coordenador do curso: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

O Ensino Social da Igreja à luz do pontificado do Papa Francisco

Conferência ministrada pelo

Prof. Dr. Gaël Giraud

jesuíta economista e pesquisador do
Centre National de la Recherche Scientifique
CNRS – França

**12 de setembro (segunda-feira)
14h30min às 17h**

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
Campus da Unisinos de São Leopoldo (RS)

O **Prof. Dr. Gaël Giraud** também estará no
**IV Colóquio Internacional IHU. Políticas
Públicas, Financeirização e Crise
Sistêmica**, que acontecerá nos dias 13 e
14 de setembro de 2016.



Informações e inscrições:
ihu.unisinos.br

ENTREVISTA

Justiça e misericórdia: “O imperativo categórico kantiano serviu como guilhotina intelectual para cortar o divino misericordioso”

“A misericórdia e a graça divina se enlaçam de modo misterioso. Façam os homens o que fizerem, Deus está ao seu lado para oferecer vida, beleza, bondade”, afirma o filósofo Roberto Romano

Por Márcia Junges | Edição João Vitor Santos

Compreender a complexidade do conceito de perdão requer superar a dualidade entre bem e mal. Em geral, pensa-se que o bom é o que perdoa e o mau aquele que cometeu o pecado. Para o professor e filósofo Roberto Romano, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, o perdão pode ser tudo ao mesmo tempo: o bom, o mau, o pecador e aquele que perdoa. “O perdão é um modo de ajustar comportamentos hostis, mas cuja eficácia é incerta”, pontua. Assim, Romano compreende que o perdão “pode resolver pendências beligerantes na sociedade e no Estado”.

Entretanto, também e ao mesmo tempo, compreende que “a todo instante pode se transformar em vingança, perseguição mútua de indivíduos, grupos, partidos, países, religiões”. “Em plano micrológico, trata-se do comportamento notável em sacristias onde beatos batem no peito e cobram retidão absoluta dos semelhantes, sem notar que sua inflexibilidade gera malefícios sociais, políticos, econômicos, religiosos”, explica.

Já a ideia de misericórdia supera essa potência multifacetada e se perfaz na ordem do divino, como algo sacro. Para Romano, inclusive, o divino se manifesta de forma gratuita e abundante a quem “se alimentou da misericórdia e tentou praticá-la plenamente”. “A misericórdia e a graça divina se enlaçam de modo misterioso. Façam os homens

o que fizerem, Deus está ao seu lado para oferecer vida, beleza, bondade. Deus não se ressentido com a nossa maior perfeição, mas a possibilita”, define o filósofo. Então, significa que a misericórdia é algo de Deus, incapaz de ser alcançada no plano terreno? Para ele, o laço que enreda o ser humano à misericórdia se materializa pelo **perdão**. “Ele (Deus) se alegra no instante em que os humanos se perdoam reciprocamente. Naquele momento eles são divinos.” Romano ainda vai além e destaca a necessidade humana de misericórdia, pois para ele “a misericórdia, graça divina, alimenta nossos corpos e almas, dá-nos alento para ampliar a força da existência na terra”.

Roberto Romano é professor de Ética e Filosofia na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. cursou doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, França. Escreveu, entre outros livros, *Igreja contra Estado. Crítica ao populismo católico* (São Paulo: Kairós, 1979), *Conservadorismo romântico* (São Paulo: Ed. UNESP, 1997), *Moral e Ciência. A monstruosidade no século XVIII* (São Paulo: SENAC, 2002), *O desafio do Islã e outros desafios* (São Paulo: Perspectiva, 2004) e *Os nomes do ódio* (São Paulo: Perspectiva, 2009).

A entrevista foi publicada nas **Notícias do Dia**, de 22-05-2016, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1qXfkPc>.

Confira a entrevista.



Após os regimes totalitários, nos quais a justiça foi uma farsa que serviu para esmagar povos aos milhões, o desafio do perdão aumentou de maneira exponencial

IHU On-Line - Qual é a diferença entre o perdão e a misericórdia?

Roberto Romano - Diria que o perdão é marca dos seres humanos, finitos e falíveis. Eles habitam os limites entre vida e morte, vivem em tensões apaixonadas, medos, desejos, vontade de potência, ganância, tudo o que define um ser dotado de pensamento e usa tal força para sobreviver à custa dos semelhantes. Se todos erram e ferem, sem perdão a existência coletiva seria impossível. É por tal motivo que o pêndulo entre atentados aos demais e o perdão se repete interminavelmente.

O magnífico poema de Louis MacNeice¹ proclama em tom queixoso: *"Wen all is told/We cannot beg for pardon"* (*The Sunlight in the Garden*). Presos ao tempo e espaço finitos, nossas inteligências e corpos se chocam, geram dores recíprocas, e não poderia deixar de ser assim. Todos, do mais humilde habitante das ruas aos doutores universitários, lamentam a passagem dos instantes felizes, o que os lança nas horas em que a acedia traz o desespero. Recordemos o Fausto: *Und Schlag auf Schlag! Werd ich zum Augenblicke sagen: Verweile doch! du bist so schön!* No ápice feliz o perdão é mais fácil, nos momentos escuros da alma ele se torna quase impossível. Vivemos hoje em clima de ace-

¹ **Frederick Louis MacNeice** (1907-1963): foi um poeta irlandês e dramaturgo. Ele fez parte da geração do Grupo Auden, também conhecido como os "poetas anos trinta", que incluía WH Auden, Stephen Spender e Cecil Day-Lewis, apelidado coletivamente "MacSpaunday" – um termo cunhado por Roy Campbell, em sua fala Bronco. (Nota da **IHU On-Line**)

dia cósmica, a melancolia invade os corações sob camadas ruidosas de entretenimento e propaganda, risos mentirosos e amizades artificiosas. Perdoar parece, em nossos tempos, um ato desnecessário. E o planeta executa a dança da morte sem esperança.

Interminavelmente ferimos e somos feridos. E nos queixamos das aflições a nós impostas, esquecemos as que aplicamos aos outros. Falamos e falamos para nos justificar, acusamos os demais, forjamos a consciência infeliz, longe da alma pacificada. O perdão deveria ser silente, não palavroso, não ostensivo. Mas nos enredamos na teia das palavras e não perdoamos de fato. Trata-se de matéria delicada porque, desprovido da graça divina, tal "perdão" traz mais sofrimento para o perdoado. A doença chamada sinceridade aproveita aquele gesto e, num instante, revela indivíduos que supostamente perdoam, mas julgam impiedosamente os fracos caídos. Alguém que perdoou, com muita probabilidade produz o ressentido. Quando tudo foi dito e o semelhante está prostrado, não há perdão, mas um fardo existencial sem vida e seiva.

Cautela também com os perdoados: o seu ressentimento pode estar embebido no desejo de vingança: se recebeu perdão é porque, pensa, o que o perdoou o julga inferior, imperfeito, longe do bem e do belo. E ressurgem o desejo vingativo, implacável e que jamais perdoa. A ingratidão do ressentido tem origem no gesto que ele julga um insulto à sua altivez. Lúcifer não deseja ser perdoado porque se afirma à altura do Altíssimo. Ele quer po-

der absoluto e vingança. A leitura de *O Paraíso Perdido*² ensina muito sobre a psicologia do perdão, do ressentimento e da vingança.

Misericórdia

A misericórdia difere do perdão. Só a pode possuir um ser que não peca, pois é infinito e sem desejos ou paixões. Do seu regaço eterno ele presenteia as criaturas com amor sem limites, gratuito. A misericórdia e a graça divina se enlaçam de modo misterioso. Façam os homens o que fizerem, Deus está ao seu lado para oferecer vida, beleza, bondade. Deus não se resente com a nossa maior perfeição, mas a possibilita. Ele se alegra no instante em que os humanos se perdoam reciprocamente. Naquele momento eles são divinos.

Perdão e misericórdia

Entretanto, a tentação do orgulho e do ressentimento, não raro, transforma o perdão em coisa diabólica. É quando ele adquire o conteúdo venenoso da política, da troca econômica, do controle clerical. A mais clara imagem da diferença entre perdão e misericórdia a temos no símile do casamento entre Deus e o povo. Este último é comparado à prostituta que é infiel ao amor divino. Mas Deus ama Israel, está sempre disposto a lhe enviar vida e bênçãos. Uma prostituta pode perdoar outra, um coletivo pode perdoar o seu concorrente, mas apenas Deus traz o perdão que a todos pacifica, sem a ninguém humilhar porque a todos transcende. Ser perdoado por outro ente humano pode produzir os piores ressentimentos e a vingança. Ser perdoado por Deus traz alegria perene porque a diferença entre Ele e nós é incomensurável. Meditar sobre o livro de Jó também auxilia a perceber o vínculo entre criaturas finitas e falíveis e o Altíssimo.

"Sic et Pater meus caelestis faciet vobis, si non remiseritis unusquisque fratri suo de cordibus"

² *O Paraíso Perdido*. John Milton. São Paulo: Martin Claret, 2002. (Nota da **IHU On-Line**)

vestris". (Mateus, 18, 35). Quem consegue, dentre os filhos do homem, perdoar até o mais fundo do coração? Quem deixa de lado considerações de justiça e vingança, poder e riqueza, para perdoar sem condições? Nenhum. Há um abismo entre o Pai celeste e os filhos rebeldes, justiceiros, apaixonados. A nossa misericórdia tem limites, a divina é ilimitada. Assim, estamos perenemente atemorizados pelo julgamento dos homens. Só podemos esperar misericórdia na medida em que nossa misericórdia nos prepara para imitar a divina. Estamos em pleno âmbito secreto da Graça e do amor pleno.

Justiça divina e misericórdia

Há um trecho de Blaise Pascal³ que, apesar do exagero agostiniano, traz luzes para a compreensão do nexa entre justiça divina e misericórdia. "Como as duas fontes de nossos pecados são o orgulho e a preguiça, Deus nos mostrou duas qualidades suas para nos curar: misericórdia e justiça. O próprio da justiça é abater o orgulho, por mais santas que sejam as obras: *et non intres in iudicium etc.*, e o próprio da misericórdia é combater a preguiça convidando para as boas obras, segundo a passagem: a misericórdia divina convida à penitência, e esta outra dos Ninivitas: façamos penitência para ver se por ventura Ele terá piedade de nós."

Pascal, no trecho mencionado, alude ao rito dos mortos quando a Igreja pede misericórdia em favor do falecido. E trata-se do Salmo 143, onde muito provavelmente Davi mostra desespero pela contenda com Absalão, uma tragédia familiar ligada ao poder. O fim do verso, silenciado por Pascal, é taxativo: "pois frente a ti nenhum vivente é justo" (na edição brasileira da Bíblia de Jerusalém). O

3 **Blaise Pascal** (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: O coração tem razões que a própria razão desconhece, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da **IHU On-Line**)

trecho sobre Ninive e a misericórdia do Senhor, também trazido à lembrança pelo filósofo, é mais do que estratégico. O maior pecado contra a graça divina é o orgulho, apanágio de Satan (ainda recordo o Paraíso Perdido), a misericórdia é inesgotável, gratuita. Tal certeza é posta no Apocalipse: "Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim; e a quem tem sede eu darei gratuitamente da fonte da água viva. O vencedor receberá esta herança, e eu serei seu Deus e ele será meu filho". O perdão humano guarda o medo de todos contra todos. O divino jorra, grátis, para quem se alimentou da misericórdia e tentou praticá-la plenamente. O perdão pode ser interesseiro, mesquinho, oportunista, coisas que a misericórdia jamais será.

Perdão em Spinoza

Se existe pensador que não aceita o conceito de perdão, Spinoza⁴ é um deles. Mas seja para manter o ambiente de concórdia civil ou dar um exemplo de vida pacífica, o Tratado Teológico Político⁵ (capi-

4 **Baruch Spinoza (ou Espinosa, 1632–1677)**: filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confirma a edição 397 da IHU On-Line, de 06-08-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em <http://bit.ly/ihuon397>. (Nota da IHU On-Line)

5 **Tractatus Theologico-Politicus**: escrito pelo filósofo holandês Baruch Spinoza o Tractatus Theologico-Politicus ou Tratado político-teológico foi um dos textos mais controversos do início do período moderno. Esse trabalho foi uma defesa para o trabalho posterior de Spinoza, *Ética*, pois já nessa obra ficam expressos algumas de suas ideias filosóficas, teológicas e propostas de liberdade de pensamento. O livro foi banido em 1674. Esse trabalho foi publicado de forma anônima em 1670 por Jan Rieuwertsz em Amsterdam. Para proteger o autor e o editor de possíveis revidos políticos, a cidade da publicação consta como Hamburgo e o editor como Henricus Kunraht. A obra foi escrita em latim novo ao invés do holandês popular como forma de evitar a censura das autoridades holandesas. As duas influências filosóficas mais significantes no Political-Theological Treatise foram Moses Maimônides e Thomas Hobbes. Enquanto a visão de cada pensador corre ao longo do texto, Maimônides influenciou fortemente a perspectiva de Espinosa da religião, a filosofia política dos últimos capítulos

tulo XIV) ao discutir a fé estabelecida como base da mesma a certeza de que Deus é soberanamente bom e misericordioso, modelo de vida verdadeira (*Deum, hoc est ens supremum, summe justum, & misericordem, sive verae vitae exemplar existere*).

Além disso, Deus perdoa todas as faltas dos que se arrependem. Com efeito, continua Spinoza, "ninguém pode evitar situações de pecado num instante qualquer da vida. Se não fosse definido o perdão divino, todos desesperariam da salvação e não veriam motivo algum para acreditar na misericórdia divina. (...) Admitamos, pelo contrário, que alguém creia firmemente que Deus, na sua misericórdia e em virtude de sua graça cujo reino se estende a tudo, seja disposto a perdoar os pecados. Tal pessoa que por semelhante razão ama Deus mais ardentemente ainda, conhece de modo verdadeiro o Cristo segundo o Espírito e podemos dizer que o Cristo está nela".

O princípio da vida política, portanto, se falamos de cristãos, é a misericórdia divina, da qual brota o perdão que permite o convívio.

IHU On-Line - Qual é a importância do perdão e da misericórdia para a Modernidade e quais são os principais limites para que eles se concretizem?

Roberto Romano - O perdão é um modo de ajustar comportamentos hostis, mas cuja eficácia é incerta. Ele pode resolver pendências beligerantes na sociedade e no Estado, e também impulsiona tratados internacionais menos dominados pela força física e mais pela diplomacia. O perdão a todo instante pode se transformar em vingança, perseguição mútua de indivíduos, grupos, partidos, países, religiões. O maior obstáculo para o perdão se encontra na violência orgulhosa e justiceira de setores, crenças ou laicos, que se imaginam donos do verdadeiro, do bem e do belo.

tem grande influência de Hobbes. Referência: São Paulo, Martins Editora, 2008. (Nota da **IHU On-Line**)

Em plano micrológico, trata-se do comportamento notável em sacristias onde beatos batem no peito e, de maneira farisaica, cobram retidão absoluta dos semelhantes, sem notar que sua inflexibilidade gera malefícios sociais, políticos, econômicos, religiosos. Tal comportamento de sacristia, justiceiro por definição, se reforça em movimentos mais amplos que usam a fé como arma assassina. Por orgulho atroz, os que o praticam se colocam como se deuses fossem, mas sem a misericórdia, guardando apenas o que entendem como justiça, a partir do metro estabelecido pelo seu delírio sectário. Eles agem como se fossem mensageiros do ser divino, dele esquecendo a graça e a misericórdia. Tal atitude mental encontra-se nos vários fundamentalismos que assolam a humanidade, fundamentalismos supostamente islâmicos, católicos, protestantes.

A não escuta ecumênica

Um sinal da hegemonia de semelhante mentalidade encontra-se naqueles setores, quando se levantam contra a própria ideia de ecumenismo. Como se arrogam a posse da Palavra e do ser divinos, não admitem que os outros tenham alguma razão e justificativa para adorar Deus de certo modo e não como eles querem. Daí para o terror político estamos a um passo. Quando as execuções ocorrem, como infelizmente acontecem por obra do Estado Islâmico⁶ inclusive contra os cristãos, aumenta o veto dos não islâmicos à fé muçulmana.

6 Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIL) ou Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIS): é uma organização jihadista islamita de orientação Wahhabita que opera majoritariamente no Oriente Médio. Também é conhecido pelos acrônimos na língua inglesa ISIS ou ISIL. Em 29 de junho de 2014, o grupo passou a se autointitular simplesmente “Estado Islâmico”. Um califado foi proclamado, com Abu Bakr al-Baghdadi como seu califa, ainda que sem o reconhecimento pela comunidade internacional. O EIL afirma autoridade religiosa sobre todos os muçulmanos do mundo e aspira tomar o controle de muitas outras regiões de maioria islâmica, a começar pelo território da região do Levante, que inclui Jordânia, Israel, Palestina, Líbano, Chipre e Hatay, uma área no sul da Turquia. (Nota da IHU On-Line)

Aí, é fácil ouvir reclamos de todas as seitas, xiitas ou sunitas, de que sua religião não é respeitada. Mas se colocam a justiça divina, tal como a concebem, acima da misericórdia, como adquirir respeito em vez de repulsa?

Fazer da guerra um instrumento de conversão forçada vai contra o coração, sede da misericórdia. E vai também contra a experiência medieval e da modernidade iniciante dos próprios muçulmanos. O padre Joseph Lecler S.J.⁷ tem uma nota séria sobre o assunto. “Não é para converter o mundo que o Islã partiu em guerra, mas para o sujeitar ao poder dos fiéis.” Desde as origens as noções de conquista e conversão foram cuidadosamente distinguidas pelos generais e doutores muçulmanos e cristãos. A conquista visa dominar o país, não o fazer muçulmano ou cristão.

O domínio político não queria dizer imediatamente assimilação religiosa obrigatória dos vencidos. É certo que tanto nas Cruzadas⁸ quanto na Jihad⁹ existiram momentos de conversão forçada. Mas o caráter geral de ambas não é aquele. Elas visam ampliar a soberania. Ambos, cristianismo e islamismo, possuem em comum o estreito vínculo entre religião e política. O que ambos precisam

7 Joseph Lecler (1895-1988): sacerdote jesuíta, foi professor de eclesiologia no Instituto Católico de Paris (1938-1965), decano da Faculdade de Teologia (1953-1962). (Nota da IHU On-Line)

8 Cruzadas (séculos XI a XIII): foram movimentos militares de inspiração cristã que partiram da Europa Ocidental em direção à Terra Santa (nome pelo qual os cristãos denominavam a Palestina) e à cidade de Jerusalém com o intuito de conquistá-las, ocupá-las e mantê-las sob o domínio cristão. Estes movimentos estenderam-se entre os séculos XI e XIII, época em que a Palestina estava sob controle dos turcos muçulmanos. No médio oriente, as cruzadas foram chamadas de “invasões francas”, já que os povos locais viam estes movimentos armados como invasões e por que a maioria dos cruzados vinha dos territórios do antigo Império Carolíngio e se autodenominavam francos. (Nota da IHU On-Line)

9 Jihad: é um termo árabe que significa “luta”, “esforço” ou empenho. É muitas vezes considerado um dos pilares da fé islâmica, que são deveres religiosos destinados a desenvolver o espírito da submissão a Deus. O termo também é traduzido vulgarmente como “Guerra Santa”. (Nota da IHU On-Line)

enquanto mando político é de impostos para manter e aumentar seu poderio.

No caso dos muçulmanos medievais, não era lucrativo o aumento de convertidos, pois os não fiéis (mas *dihimnis*, povos do Livro como os cristãos, judeus, zoroastristas) deviam pagar taxa (*jizyah*) para sustentar o poderio dos líderes islâmicos. A rigorosa distinção entre o plano religioso e o político permitiu, nos reinos árabes hispânicos, o convívio de judeus, muçulmanos, cristãos.

Ausência de misericórdia e perdão

O que assistimos hoje, com o Estado Islâmico e outros agrupamentos guerreiros - vários mantidos por um país reacionário que recebe apoio incondicional dos EUA e de potências ocidentais, a Arábia Saudita - é muito diferente do Islã histórico. Em tais movimentos são valorizadas a conversão e a apostasia cristã feita à força, a degolada dos que pensam e agem diferente deles, a total ausência de misericórdia e perdão. Com certeza tal modo de existir está longe do ser divino e da vida abundante. Só o ponto mostra a relevância do perdão em nossos dias. Seitas terroristas ignoram o perdão e distribuem sua justiça impiedosa em nome do ser supremo. Resulta a desolação das terras e das gentes, como ocorre na infeliz Síria.

Dívidas para com o pai

Santo Tomás de Aquino¹⁰ mostra toda sua atualidade ao comentar o Pai Nosso, especialmente quando fala de nossas dívidas para com

10 São Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “*Summae*”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

o Pai. A dívida é quádrupla, afirma o santo. Em primeiro nós devemos a honra a Deus, algo que consiste em três elementos: nossos deveres para com Deus, nossos deveres para conosco, nossos deveres para com o próximo. Além disso, para bem honrar, devemos imitar o ser divino (*debemus ei imitationem, quia pater est*). Tal mimesis exige que tenhamos amor e misericórdia, que devem se mostrar em obras. Depois vem a perfeição.

Note-se que São Tomás insiste no título divino. Ele não é “meu” Pai, mas “nosso”, o que determina deveres para com o próximo. Tal observação é renovada no comentário do trecho “perdoai as nossas dívidas, como perdoamos os nossos devedores”. Para conseguir o perdão divino precisamos perdoar “os nossos” devedores. Quem pede não é um indivíduo isolado, quem recebe o perdão também não é solitário. Quem reza “assim como nós perdoamos” e não tem no coração o intento de perdoar, mente. Mesmo assim, ele não está dispensado de dizer “como nós perdoamos nossos devedores”. Se ele enuncia tal frase, não mente porque “*non orat in persona sua, sed Ecclesiae, quae non decipitur: et ideo ponitur ipsa petitio in plurali*” (não reza em seu nome, mas em nome da Igreja que não se engana. É por semelhante motivo que o pedido é expresso no plural).

Após tantos séculos de individualismo liberal, algo que contaminou a Igreja, reconforta a leitura comunitária de São Tomás. Ela orienta o sentido coletivo do perdão e da misericórdia. O perdão e a mimesis da misericórdia divina permitem a síntese dos opostos sociais, políticos, doutrinários. Sem eles, temos a guerra perene, a quebra da vida civil, o desrespeito à lei, a violência contra os fracos. É o panorama tremendo que verificamos nas relações internacionais e no interior de muitos países.

IHU On-Line - Em um mundo no qual cresce a intolerância, a perseguição, os ódios étnicos, qual é o papel da misericórdia?

Roberto Romano - A misericórdia não tem um papel apenas, visto que ela orienta todos os planos da vida humana, coletiva ou individual. Longe dela edificamos o pandemônio na terra. A misericórdia, graça divina, alimenta nossos corpos e almas, dá-nos alento para ampliar a força da existência na terra. Sem ela, reina sobre o planeta a sombra de Lúcifer, a morte de milhões.

Porque muito se intelectualizou a fé, estamos perdendo a capacidade de receber humildemente a misericórdia, caímos no orgulho mais primitivo e truculento. A misericórdia divina se torna a cada passo imperceptível entre nós, o que diminui a força para a mimetizar e depurar nossas paixões. Sem perceber a misericórdia divina, se enfraquece nossa capacidade de *Christomimesis*, o que nos faz pequenos, mesquinhos, raivosos, ressentidos, diabólicos.

IHU On-Line - Por que o relativismo fere tanto a humanidade? Como consequência, qual é a importância da misericórdia num mundo relativista?

Roberto Romano - O relativismo é um retorno ao estado de natureza, onde não existe verdadeiro ou falso, bem ou mal, belo ou feio. Ele acolhe a lei da sobrevivência à custa dos outros. Tanto faz matar ou roubar um semelhante, pois, inclusive, a noção de ser igual ou semelhante desaparece. Vale o que serve como instrumento para satisfazer as minhas necessidades, ou as do meu grupo. Some qualquer traço objetivo, tudo se regula pelo meu desejo e consciência.

Tenho dúvidas se o mundo se tornou completamente relativista. Para começar, a ciência não pratica tal dogma, pois se pauta pela busca do mensurável, observável, controlável. Idem a técnica. O campo do relativismo por excelência é a política, a economia neoliberal, a ideologia. Com as premissas do relativismo, não tem sentido falar em crime, atentados às pessoas, dignidade humana. O egoísmo define elos entre... egoístas. E, por definição, nenhuma sociedade pode

existir se os apelos imediatos da eguidade superam absolutamente os nexos entre indivíduos, famílias, países.

Os resultados do relativismo surgem em crises gerais das sociedades, como ocorreu na quebra da Bolsa em 1929, na crise financeira recente dos EUA e do mundo. Para se ter ideia do vínculo entre relativismo, sobretudo ético, e as comoções que abalam mercados e sociedades, basta assistir ao excelente documentário “*Inside Job*”¹¹, no qual acadêmicos importantes não mostram nenhuma vergonha ao ganhar dinheiro com a destruição somática e espiritual de milhões.

IHU On-Line - Somos verdadeiramente livres e, portanto, responsáveis pelo bem e pelo mal cometidos? Nesse contexto, como podemos compreender a misericórdia e o perdão?

Roberto Romano - Bem, aí a pergunta conduz para o oceano sem fundo dos debates sobre o livre arbítrio, a liberdade, determinismo, etc. Quando citei Spinoza, por exemplo, a referência é a um filósofo que não aceita o livre arbítrio, como, aliás, por outros motivos, também não o aceitam Lutero¹²,

¹¹ **Inside Job**: documentário sobre a crise financeira que ocorreu em 2008, produzido por Charles Ferguson. Ganhou o Oscar 2011 e foi traduzido para o português como *Trabalho interno*. Confira os seguintes materiais publicados pelo site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU: *Um filme ruim só no título*, disponível em <http://migre.me/4b8ZY>; *Dez anos sem Milton Santos ou Biutful e Inside Job, duas faces da mesma moeda*, disponível em <http://migre.me/4b91a>; *Não pode ser mera coincidência. Um comentário do documentário “Inside Job”*, disponível em <http://migre.me/4b94x>; *“Inside Job”: a crise financeira contada “de dentro”*, disponível em <http://migre.me/4b973>, entre diversos outros. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da **IHU On-Line**, de 03-11-2008, intitulada *Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã*. O material está disponível para download em <http://bit.ly/ihuon280>. (Nota da **IHU On-Line**)

Pascal, Hobbes¹³, Diderot¹⁴, etc. Importa que muitos autores não deixam de procurar, de um modo ou de outro, formas para designar o bem e o mal, o certo e o errado, o ético e o antiético.

Eles entendem que, segundo a fé dos crentes, deve existir perdão e misericórdia. E aceitam tal ponto para garantir o convívio entre os entes humanos. Se é apenas tática política daqueles teóricos, artifício para fazer ignorar o mal (como defende Leo Strauss¹⁵), ou se admitem o perdão e a misericórdia acreditando que eles ajudam a suportar o nosso vizinho, é um assunto complicado na história da filosofia.

IHU On-Line - Que nexos podem ser estabelecidos entre a misericórdia, o perdão e a filosofia política em nosso tempo?

Roberto Romano - Após os regimes totalitários, nos quais a justiça foi uma farsa que serviu para esmagar povos aos milhões, o desafio do perdão aumentou de maneira

exponencial. Como perdoar juízes que aplicavam leis como as raciais impostas pelo nazismo? Como perdoar juízes e promotores que protagonizaram espetáculos obscenos como nos Processos de Moscou? Como perdoar Treblinka¹⁶, Auschwitz¹⁷, Gulag¹⁸ e os campos da morte no Camboja? Como perdoar a morte de milhões durante o “Grande Salto à Frente” liderado por Mao Tsé-Tung¹⁹?

Em nosso continente, como perdoar as ditaduras no Chile, na Argentina, na Bolívia, no Paraguai no Uruguai e no Brasil? Como perdoar Salazar²⁰

16 Treblinka: quarto dos campos de extermínio, onde os judeus foram mortos em câmaras de gás alimentadas por motores a explosão. Estava localizado nos arredores da cidade de Treblinka, Polônia. Também foi o primeiro campo onde ocorreu a cremação dos cadáveres a fim de ocultar o número de pessoas mortas. (Nota da IHU On-Line)

17 Auschwitz-Birkenau: nome de um grupo de campos de concentração localizados no sul da Polônia, símbolos do Holocausto perpetrado pelo nazismo. A partir de 1940 o governo alemão comandado por Hitler construiu vários campos de concentração e um campo de extermínio nesta área, então na Polónia ocupada. Houve três campos principais e trinta e nove campos auxiliares. Como todos os outros campos de concentração, os campos de Auschwitz eram dirigidos pela SS comandada por Heinrich Himmler. (Nota da IHU On-Line)

18 Gulag (em português: Administração Geral dos Campos de Trabalho Correccional e Colónias): era um sistema de campos de trabalhos forçados para criminosos, presos políticos e qualquer cidadão em geral que se opusesse ao regime da União Soviética: todavia, a grande maioria era de presos políticos. No campo Gulag de Kengir, em junho de 1954, existiam 650 presos comuns e 5.200 presos políticos. Antes da Revolução, o Gulag chamava-se Katgora, e aplicava exatamente a mesma coisa: pena privativa de liberdade, pena de trabalhos forçados e pena de morte. (Nota da IHU On-Line)

19 Mao Tsé-Tung (1893-1976): ditador, político, teórico, líder comunista e revolucionário chinês. Liderou a Revolução Chinesa e foi o arquiteto e fundador da República Popular da China, governando o país desde a sua criação em 1949 até sua morte em 1976. Sua contribuição teórica para o marxismo-leninismo, estratégias militares, e suas políticas comunistas são conhecidas coletivamente como maoísmo. Chegou ao poder comandando a Longa Marcha, formando uma frente unida com Kuomintang (KMT) durante a Guerra Sino-Japonesa para repelir uma invasão japonesa e posteriormente conduzindo o Partido Comunista Chinês até à vitória contra o generalíssimo Chiang Kai-shek do KMT na Guerra Civil Chinesa. (Nota da IHU On-Line)

20 António de Oliveira Salazar, Oliveira Salazar ou simplesmente Salazar (1889-

e Franco²¹, como perdoar os coronéis gregos, os que impuseram o Apartheid²² na África do Sul? O bispo Desmond Tutu²³ deu algumas

(1970): foi um ditador nacionalista português que, além de chefiar diversos ministérios, foi presidente do Conselho de Ministros e professor catedrático de Economia Política, Ciência das Finanças e Economia Social da Universidade de Coimbra. Doutor Honoris causa, em 1940, pela Universidade de Oxford. Figura de destaque e promotor do Estado Novo (1933-1974) e da sua organização política, a União Nacional, Salazar dirigiu os destinos de Portugal como presidente do Ministério de forma ditatorial entre 1932 e 1933 e, como Presidente do Conselho de Ministros entre 1933 e 1968. Os autoritarismos e nacionalismos que surgiam na Europa foram uma fonte de inspiração para Salazar em duas frentes complementares: a da propaganda e a da repressão. (Nota da IHU On-Line)

21 Francisco Franco Bahamonde (1892-1975): foi um militar, chefe de Estado e ditador espanhol. Conhecido como “Generalíssimo”, Francisco Franco ou simplesmente Franco, integrou o golpe de Estado na Espanha em julho de 1936 contra o governo da Segunda República, que deu início a Guerra Civil Espanhola. Foi nomeado como chefe supremo da tropa sublevada em 10 de outubro de 1936, exercendo como chefe de Estado da Espanha desde o final do conflito até seu falecimento em 1975, e como chefe de Governo entre 1938 e 1973. (Nota da IHU On-Line)

22 Apartheid: (palavra em africâner que significa “separação”) foi um regime de segregação racial adotado de 1948 a 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na África do Sul, no qual os direitos da maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca. A segregação racial na África do Sul teve início ainda no período colonial, mas o apartheid foi introduzido como política oficial após as eleições gerais de 1948. A nova legislação dividia os habitantes em grupos raciais (“negros”, “brancos”, “de cor”, e “índios”), segregando as áreas residenciais, muitas vezes através de remoções forçadas. Também havia segregação na saúde, educação e outros serviços públicos, fornecendo aos negros serviços inferiores aos dos brancos. O apartheid trouxe violência e um significativo movimento de resistência interna, bem como um longo embargo comercial contra a África do Sul. Reformas no regime durante a década de 1980 não conseguiram conter a crescente oposição, e em 1990, o presidente Frederik Willem de Klerk iniciou negociações para acabar com o apartheid, o que culminou com a realização de eleições multirraciais e democráticas em 1994, que foram vencidas pelo Congresso Nacional Africano, sob a liderança de Nelson Mandela. (Nota da IHU On-Line)

23 Desmond Tutu (1931): Bispo anglicano sul-africano. Trabalhou como professor secundário e, em 1960, ordenou-se sacerdote anglicano. Após estudar teologia por cinco anos na Inglaterra, foi nomeado deão da catedral de Santa Maria, em Johannesburg, sendo o primeiro negro a ter tal nomeação. Sagrado bispo, dirige a diocese de Lesoto de 1976 a 1978, ano em que se torna secretário-geral do Conselho das Igrejas da África do

13 Thomas Hobbes (1588-1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela Profa. Dra. Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista **IHU On-Line**, de 06-10-2008. O material está disponível em <http://bit.ly/ihuon276>. (Nota da IHU On-Line)

14 Denis Diderot (1713-1784): filósofo e escritor francês. A primeira peça importante da sua carreira literária é *Lettres sur les aveugles à l'usage de ceux qui voient*, em que resume a evolução do seu pensamento desde o deísmo até ao cepticismo e o materialismo ateu, o que o leva à prisão. Mas a obra da sua vida é a edição da *Encyclopédie* (1750-1772), que leva a cabo com empenho e entusiasmo apesar de alguma oposição da Igreja Católica e dos poderes estabelecidos. (Nota da IHU On-Line)

15 Leo Strauss (1899-1973): foi um filósofo político teuto-americano ateu de origem judaica. Especialista no estudo da Filosofia Política Clássica, passou a maior parte de sua carreira como professor de Ciência Política na Universidade de Chicago (1949-1969), onde foi mestre de várias gerações de estudantes. Fundou a escola de pensadores “Straussians”. (Nota da IHU On-Line)

indicações preciosas, mas infelizmente de pouco fôlego. Como perdoar o golpe contra Mossadegh²⁴ no Irã e a entronização do sanguinário Pavlev²⁵? Como, de outro lado, perdoar os atentados do 11 de setembro nos EUA? E agora em outra reviravolta, como perdoar as torturas autorizadas em Guantánamo?

A Igreja de olhos fechados

Como disse acima, a sombra de Satã cobriu o século XX e nem sempre as igrejas souberam lutar contra o demônio à altura. Como perdoar a Concordata de Império entre o Vaticano e Hitler²⁶, que Pio

Sul. Sua proposta para a sociedade sul-africana inclui direitos civis iguais para todos; abolição das leis que limitam a circulação dos negros; um sistema educacional comum; e o fim das deportações forçadas de negros. Sua firme posição antiapartheid – a política oficial de segregação racial – lhe vale, em 1984, o Prêmio Nobel da Paz. (Nota da IHU On-Line)

24 **Mohammed Mosaddeq** (1880-1967): foi primeiro-ministro do Irão entre 1951 e 1953. (Nota da IHU On-Line)

25 **Mohammad Reza Pahlavi** (1919–1980): foi xá do Irã de 16 de setembro de 1941 até 11 de fevereiro de 1979. Em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, o Reino Unido e a União Soviética invadiram o Irã, de modo a assegurar para si próprios os recursos petrolíferos iranianos. Os Aliados forçaram o xá a abdicar em favor de seu filho, Mohammad Reza Pahlavi, em quem enxergavam um governante que lhes seria mais favorável. Em 1953, após a nacionalização da Anglo-Iranian Oil Company, um conflito entre o xá e o primeiro-ministro Mohammed Mossadegh levou à deposição e prisão deste último. O reinado do xá tornou-se progressivamente ditatorial, especialmente no final dos anos 1970. Com apoio americano e britânico, Reza Pahlavi continuou a modernizar o país, mas insistia em esmagar a oposição do clero xiita e dos defensores da democracia. (Nota da IHU On-Line)

26 **Adolf Hitler** (1889-1945): ditador austríaco. O termo Führer foi o título adotado por Hitler para designar o chefe máximo do Reich e do Partido Nazista. O nome significa o chefe máximo de todas as organizações militares e políticas alemãs, e quer dizer “condutor”, “guia” ou “líder”. Suas teses racistas e antissemitas, bem como seus objetivos para a Alemanha, ficaram patentes no seu livro de 1924, *Mein Kampf* (Minha Luta). No período da ditadura de Hitler, os judeus e outros grupos minoritários considerados “indesejados”, como ciganos e negros, foram perseguidos e exterminados no que se convencionou chamar de Holocausto. Cometeu o suicídio no seu Quartel-General (o Führerbunker) em Berlim, com o Exército Soviético a poucos quarteirões de

XI²⁷ tentou justificar numa Encíclica tremenda, justamente quando os ares pestilentos do nazismo sufocavam a vida cristã na Europa? Estou me referindo, claro, ao documento ao mesmo tempo corajoso e prova do pecado cristão, a *Mit Brennender Sorge*²⁸. A Concordata, explica o pontífice o inexplicável, veio “para assegurar à Alemanha a liberdade da missão beneficente da Igreja e a cura e salvação das almas”. O Vaticano ignorava quem eram os nazistas? Pouco antes de sua morte, o mesmo pontífice preparou outra Encíclica denunciando os procedimentos racistas de Hitler e seus asseclas. Ela não foi publicada. Mas uma instituição com profundos saberes diplomáticos e também encarregada de pregar o convívio caridoso entre os homens poderia ignorar a natureza do nazismo? Como perdoar tal passo? E como perdoar o abraço de João Paulo II²⁹

distância. A edição 145 da **IHU On-Line**, de 13-06-2005, comentou na editoria Filme da Semana, o filme dirigido por Oliver Hirschbiegel, *A Queda – as últimas horas de Hitler*, disponível em <http://bit.ly/ihuon145>. A edição 265, intitulada *Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie*, de 21-07-2008, trata dos 75 anos de ascensão de Hitler ao poder, disponível em <http://bit.ly/ihuon265>. (Nota da IHU On-Line)

27 **Papa Pio XI** (1857-1939): nascido Ambrogio Damiano Achille Ratti, foi Papa entre 6 de fevereiro de 1922 e a data da sua morte. (Nota da IHU On-Line)

28 **Mit brennender Sorge** (“Com ardente preocupação”): é uma carta encíclica do papa Pio XI, datada de 14 de março de 1937, que condena o nacional-socialismo e o racismo. A encíclica foi publicada dias antes de Divini Redemptoris, uma condenação similar ao comunismo na Rússia. Em 1933, Pio XI havia negociado uma concordata com a Alemanha, mas Hitler deixou de honrar seus compromissos, o que fez com que as críticas do Papa se tornassem mais severas nos anos seguintes. *Mit brennender Sorge* é considerada como o primeiro documento público de um chefe de Estado europeu a criticar o nazismo. Em uma das suas passagens mais célebres, contém o que é frequentemente interpretado como um ataque pessoal ao Führer. (Nota da IHU On-Line)

29 **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana e soberano da Cidade do Vaticano de 16 de Outubro de 1978 até à sua morte. Teve o terceiro maior pontificado documentado da história, reinando por 26 anos, depois dos papas São Pedro, que reinou por cerca de trinta e sete anos, e Pio IX, que reinou por trinta e

em Pinochet³⁰, no mesmo instante em que uma jovem queimada pela tortura foi ignorada na porta do palácio presidencial chileno? O episódio é narrado por Marco Politi³¹ e Bernstein³² em sua biografia do pontífice³³.

Como perdoar o realismo de uma instituição que herdou o trabalho do Cristo, o de ser crítica do poder político? “*Vade Satana: Scriptum est enim: Dominum Deum tuum adorabis, et illi soli servies*” (Mateus, 4:10). Como perdoar se em vez de Jesus muitos bispos na Alemanha, na França, na Itália, na América do Sul ouviram o Grande Inquisidor? Sim, tivemos os bra-

um anos. Foi o único Papa eslavo e polaco até a sua morte, e o primeiro Papa não-italiano desde o neerlandês Papa Adriano VI em 1522. João Paulo II foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século XX. Com um pontificado de perfil conservador e centralizador, teve papel fundamental para o fim do comunismo na Polónia e talvez em toda a Europa, bem como significante na melhora das relações da Igreja Católica com o judaísmo, Islã, Igreja Ortodoxa, religiões orientais e a Comunhão Anglicana. (Nota da IHU On-Line)

30 **Augusto Pinochet** [**Augusto José Ramón Pinochet Ugarte**] (1915-2006): General do exército chileno. Foi presidente do Chile entre 1973 e 1990, depois de liderar um golpe militar que derrubou o governo do presidente socialista, Salvador Allende. (Nota da IHU On-Line)

31 **Marco Politi** (1947): é um jornalista e escritor italiano. Colunista do Diário Feito, lida com o Vaticano e questões religiosas desde 1971. Após trabalhar em Il Messaggero, foi por dezessete anos, 1993-2009, correspondente do Vaticano da República. Anteriormente, de 1987 a 1993, foi correspondente em Moscou, onde fundou as primeiras correspondentes estrangeiros da Associação URSS, da qual foi presidente duas vezes. (Nota da IHU On-Line)

32 **Carl Bernstein** (1944): é um jornalista americano. Em parceria com Bob Woodward, trabalhando como repórter para o Washington Post, desvendou a história do caso Watergate. Isso terminou por provocar a renúncia de Richard Nixon, o presidente americano na ocasião. Devido a seu trabalho em Watergate, Bernstein recebeu muitos prêmios; seu trabalho ajudou o Post a ganhar em 1973 um prêmio Pulitzer por serviço público. Bernstein deixou o Post em 1976. Ele trabalhou como correspondente senior para a rede ABC, ensinou na Universidade de Nova York, e contribuiu para a revista Time. (Nota da IHU On-Line)

33 **BERNSTEIN, Carl & POLITI, Marco**. Sua Santidade: João Paulo II e a história oculta de nosso tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996. (Nota da IHU On-Line)

vos Romeros³⁴, Câmaras³⁵, Arns³⁶,

34 **Dom Oscar Romero** (1917–1980): arcebispo católico romano, foi assassinado enquanto oficiava missa, na tarde de 24 de março de 1980. Sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o em mártir. Em fevereiro de 2015, foi beatificado pelo Papa Francisco. Confira nas Notícias do Dia, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, a entrevista especial com Anne Marie Crosville, *Dom Oscar Romero ajudou a fortalecer meu compromisso com os mais pobres*, disponível para download em <http://bit.ly/18Dkkb4>. Leia também as notícias publicadas em 09-11-2009, *El Salvador reconhece responsabilidade no assassinato de Dom Romero*, em <http://bit.ly/15FzAYv> e em 20-05-2007, *Pedida a canonização de Oscar Romero na V Conferência*, em <http://bit.ly/15FzCPU>. Dom Oscar Romero foi beatificado no dia 23 de maio de 2015, em San Salvador. (Nota da **IHU On-Line**)

35 **Dom Hélder Câmara** (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da **IHU On-Line** número 125, de 29-11-2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo *Hélder Câmara: cartas do Concílio* em <http://bit.ly/ihuon125>. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernanne Pinheiro, que pode ser lida em <http://bit.ly/ihuon157>. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da **IHU On-Line**, 09-06-2007, que comenta o documentário *Dom Hélder Câmara – o santo rebelde*. O material pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon227>. Veja também as entrevistas *A amizade espiritual entre Paulo VI e Dom Helder Câmara*, disponível em <http://bit.ly/1uFCR7r>; e *Dom Helder Câmara: “A síntese da melhor tradição espiritual da América Latina”*, ambas com Ivanir Rampon e publicada nas Notícias do Dia, de 02-11-2014 e 08-09-2013, disponível em <http://bit.ly/1S1nSy7>. O processo de beatificação e canonização foi recentemente autorizado pelo Vaticano e iniciado na arquidiocese de Olinda e Recife, sobre isso leia *Dom Helder Camara. Hoje é a abertura oficial do processo de beatificação e canonização*, publicado nas Notícias do Dia, de 03-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1cL289g>. (Nota da **IHU On-Line**)

36 **Dom Paulo Evaristo Arns** (1921): é um frade franciscano, sacerdote católico brasileiro, quinto arcebispo de São Paulo, tendo sido o terceiro prelado dessa Arquidiocese a receber o título de cardeal. Atualmente é arcebispo-emérito de São Paulo e protopresbítero do Colégio Cardinalício. Entre 1979 e 1985, coordenou com o Pastor Jaime Wright, de forma clandestina, o projeto Brasil: Nunca Mais. Este projeto tinha como objetivo evitar

Casaldáligas³⁷, Balduinos. Mas eles foram um pequeno grupo profético, como ocorreu na Alemanha nazista com bispos como Preysing³⁸, Frings³⁹, von Galen⁴⁰, os quais honram a Igreja na exata medida em que cardeais como Innitzer⁴¹ da Áustria a envergonham diante da Humanidade e do Altíssimo. Um escritor agnóstico do século XIX dizia o seguinte: “a Igreja é mesmo divina, caso contrário os homens já a teriam destruído”. A nossa crença é que “*tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam, et portae inferi non praevalent adversus eam*”. Os hierarcas que negligenciaram tais sentenças teriam perdão?

o possível desaparecimento de documentos durante o processo de redemocratização do país. O trabalho foi realizado em sigilo e o resultado foi a cópia de mais de um milhão de páginas de processos do Superior Tribunal Militar (STM). Contudo, este material foi microfilmado e remetido ao exterior diante do temor de uma apreensão do material. Em ato público realizado dia 14 de junho de 2011, foi anunciada a futura repatriação, digitalização e disponibilização para todos os brasileiros deste acervo. (Nota da **IHU On-Line**)

37 **D. Pedro Casaldáliga**: bispo prelado de São Félix, Mato Grosso. É poeta e escritor de renome internacional. Quando assume a prelazia de São Felix, em pleno regime militar, denuncia veementemente o latifúndio e defende a reforma agrária e o direito indígena à terra. Foi duramente perseguido pelo regime militar. Pe. João Bosco Penido Burnier, jesuíta, foi assassinado ao lado dele, no dia 12 de outubro de 1976. A edição 137 da **IHU On-Line**, de 18 de abril de 2005, publicou uma entrevista com Casaldáliga: *O próximo pontificado será um tempo de transição significativo*. A edição 89, de 12 de janeiro de 2004, trouxe entrevista com o religioso, falando sobre a homologação de terra contínua para índios. (Nota da **IHU On-Line**)

38 **Johann Konrad Augustin Maria Felix Graf von Preysing-Lichtenegg-Moos**, ou Konrad Graf von Preysing ou apenas Konrad von Preysing (1880-1950): foi bispo da diocese de Eichstätt e depois bispo de Berlim, de 1935 até a sua morte, e Cardeal da Igreja Católica, em 1946, criado pelo Papa Pio XII. (Nota da **IHU On-Line**)

39 **Joseph Frings** (1887-1978): arcebispo de Colônia, Alemanha, nomeado em 1º de maio de 1942 e elevado a Cardeal em 18 de fevereiro de 1946. (Nota da **IHU On-Line**)

40 **Clemens Augustinus Joseph Emanuel Pius Antonius Hubertus Marie Graf von Galen** (ou Clemens August Kardinal Graf von Galen ou ainda Clemens August Graf von Galen) foi um arcebispo alemão, criado cardeal pelo Papa Pio XII em 1946, e beatificado em 9 de outubro de 2005 pelo Papa Bento XVI. (Nota da **IHU On-Line**)

41 **Theodor Innitzer** (1875-1955): foi arcebispo de Viena e cardeal no rito latino ramo da Igreja Católica. (Nota da **IHU On-Line**)

Filosofia política

A filosofia política não pode escapar do abismo cruel aberto pelos totalitarismos e deve ajuizar, com prudência e serenidade é certo, o alcance e a profundidade de tais políticas no sentido de desnaturar os entes humanos. O totalitarismo ainda mostra frutos venenosos na Europa com o antisemitismo, o racismo, a recusa de imigrantes. O totalitarismo não morreu, ele dormita. E cabe aos cristãos, agora, lutar contra ele em nome de Jesus.

IHU On-Line - Qual é o significado do Jubileu da Misericórdia para a Igreja hoje e para a sociedade que a acolhe?

Roberto Romano - Não tenho certeza de que a sociedade - por exemplo a brasileira, na qual não existe perdão ou misericórdia para os pobres - acolherá o Jubileu⁴². Os presídios brasileiros mostram a consciência infernal e impiedosa dos nossos líderes políticos, judiciais, religiosos. Mesmo aqui, no entanto, aquele evento poderá trazer a metanoia que modificará o comportamento pouco cristão imperante entre nós. Num mundo à beira da fome, das doenças, catástrofes, guerras, fanatismos, indiferença, corrupção, o apelo da Igreja pela misericórdia é uma onda de oxigênio contra a intoxicação do ódio. Depois dele, os impenitentes serão ainda mais culpados diante de Deus e dos homens. E, talvez, percam a oportunidade única do perdão.

IHU On-Line - As matrizes do mundo ocidental estão assentadas sobre compreensões que mencionam a “guerra de todos contra todos” (Hobbes), a “luta

42 **Jubileu da Misericórdia** (Ano Jubilar): Anunciado pelo Papa Francisco em 13 de março de 2015, o “jubileu extraordinário” é centrado na “misericórdia de Deus”. Terá início a 8 de dezembro deste ano e percorrerá todo o ano de 2016. O Ano Jubilar é uma comemoração religiosa da Igreja Católica, celebrada dentro de um Ano Santo, mas o que difere deste é que a celebração jubilar é feita de 25 em 25 anos. A celebração cristã se fundamenta na Bíblia, tanto no Antigo Testamento, de onde temos a tradição judaica como no Novo Testamento. (Nota da **IHU On-Line**)

pela sobrevivência” (Darwin) e a “vontade de poder” (Nietzsche). Para além das apreensões equivocadas de tais conceitos, quais são os tensionamentos que surgem para a construção de uma cultura da paz e, portanto, da misericórdia?

Roberto Romano - Aqueles pensadores escrevem do mundo para o mundo. Os que têm fé em Cristo aceitam o enunciado de João: “*Sic enim Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret: ut omnis qui credit in eum, non pereat, sed habeat vitam æternam. Non enim misit Deus Filium suum in mundum, ut judicet mundum, sed ut salvetur mundus per ipsum*”⁴³.

Em Hobbes⁴⁴, Darwin⁴⁵, Nietzsche⁴⁶ há uma percepção do mun-

43 “Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que não morra quem nele acredita, mas tenha a vida eterna. Porque Deus não enviou o seu Filho para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por meio dele” João, 3, 16-17. (Nota da **IHU On-Line**)

44 **Thomas Hobbes** (1588–1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela Profa. Dra. Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista **IHU On-Line**, de 06-10-2008. O material está disponível em <http://bit.ly/ihuon276>. (Nota da **IHU On-Line**)

45 **Charles Darwin** (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de **Charles Darwin**, no evento Abrindo o Livro, do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**. Sobre o assunto, confira as edições 300 da **IHU On-Line**, de 13-07-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/UsZlrR>, e 306, de 31-08-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/1tABfrH>. De 9 a 12-09-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da **IHU On-Line**)

46 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores,

do sem Deus. Eles teorizam com os dados trazidos pelos homens que, desde a Queda, são assassinos e lobos uns dos outros. Mas o mal que eles podem causar é pequeno perto dos contratempos dos que batem no peito e afirmam seguir os mandamentos divinos.

Desde Erasmo de Rotterdam⁴⁷ a Igreja conta com pensadores que lutaram por uma cultura de paz, sem fanatismos e dissimulações. Rerler hoje em dia a Querela pacis de Erasmo vale mais do que expor críticas aos filósofos ateus ou ag-

niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/Hl7xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologicismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologicismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do **Ciclo de Estudos Filosofias da diferença** – Pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Na edição 330 da Revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

47 **Erasmo de Rotterdam** (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. Erasmo cursou o seminário com os monges agostinianos e realizou os votos monásticos aos 25 anos, vivendo como tal, sendo um grande crítico da vida monástica e das características que julgava negativas na Igreja Católica. Optou por uma vida de acadêmico independente – independente de país, independente de laços acadêmicos, de lealdade religiosa – e de tudo que pudesse interferir com a sua liberdade intelectual e a sua expressão literária. (Nota da **IHU On-Line**)

nósticos. Eles resultam de um mundo odioso, maltratado por quem deveria semear trigo e não o joio, ou seja, os cristãos.

IHU On-Line - Em que medida praticar a misericórdia se aproxima de uma das formulações do imperativo categórico kantiano de tratar as pessoas sempre como um fim em si mesmas, e nunca como um meio?

Roberto Romano - Tenho a opinião de que se existe enunciado que não deixa lugar algum para a misericórdia, o Imperativo categórico kantiano é um deles. O “*du sollst*” é impiedoso, frio e justiceiro, de uma justiça sem apego aos Evangelhos. Entre a justiça humana e a misericórdia divina, Kant⁴⁸ escolheu a primeira. Se desaparece a justiça, diz ele, não há mais nenhum valor no fato de os homens viverem sobre a terra. O imperativo categórico serviu como guilhotina intelectual para cortar o divino misericordioso. Penso como **Péguy**: “o kantismo tem as mãos puras; por infelicidade ele não tem mãos”. ■

48 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- *Roberto Romano, uma vida atravessada pela história*. Perfil de Roberto Romano, publicado na revista **IHU On-Line**, número 435, de 16-12-2013, disponível em <http://bit.ly/1Ygbu0Y>.
- *A autocracia palaciana do século XXI e a crise do Estado Democrático*. Entrevista com Roberto Romano, publicada na revista **IHU On-Line**, número 461, de 23-03-2015, disponível em <http://bit.ly/1TXEISD>.
- *“Somos absolutistas anacrônicos. Vivemos sempre sob o regime do favor, dos privilégios, da não república”*. Entrevista com Roberto Romano, publicada na revista **IHU On-Line**, número 398, de 18-08-2012, disponível em <http://bit.ly/1tdbiDG>.
- *Nilismo e mercadejo ético brasileiro*. Entrevista com Roberto Romano, publicada na revista **IHU On-Line**, número 354, de 20-12-2010, disponível em <http://bit.ly/24CNHYQ>.
- *Medo, o triunfo da intolerância*. Entrevista especial com Roberto Romano, publicada nas **Notícias do Dia**, de 16-08-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1reKDVP>.
- *O direito à igualdade como o direito à felicidade*. Entrevista especial com Roberto Romano, publicada nas **Notícias do Dia**, de 03-08-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1UDCS36>.
- *“Brasil é um Estado absolutista anacrônico”*. Entrevista com Roberto Romano, publicada nas **Notícias do Dia**, de 06-08-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1UpCsxA>.

Por ocasião do Ano Jubilar da Misericórdia, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU vem publicando uma série de entrevistas

- ‘Profecia de um mundo novo’. A misericórdia e seu alcance social e político. Entrevista com Paul Valadier, publicada na revista **IHU On-Line**, número 486, de 30-05-2016, disponível em <http://bit.ly/29jR72G>
- *A gratuidade da Misericórdia. ‘A primeira forma de misericórdia que podemos exercer é a da compreensão’*. Entrevista com Vito Mancuso, publicada na revista **IHU On-Line**, número 485, de 16-05-2016, disponível em <http://bit.ly/1U7EK4i>.
- *Misericórdia, Amor, Bondade. A Misericórdia que Deus quer*. Artigo de Ney Brasil Pereira, professor emérito de Teologia na Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC), publicado nos **Cadernos Teologia Pública**, número 105, disponível em <http://bit.ly/1OY2qqa>.
- *Misericórdia como princípio da diversidade reconciliada. O Jubileu e o grande ato de misericórdia que foi o Vaticano II*. Entrevista especial com Andrea Grillo, publicada nas **Notícias do Dia**, de 03-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/27YZDbO>.
- *Misericórdia e amor. ‘Amoris Laetitia’ como ponto de partida e não somente de chegada*. Entrevista especial com Cesar Kuzma, publicada nas **Notícias do Dia**, de 10-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/22u7GJY>.
- *Fora da Misericórdia não há salvação*. Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas **Notícias do Dia** de 26-06-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/29gUnML>.
- Confira ainda outros textos sobre “Misericórdia” reproduzidos pelas **Notícias do Dia**, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1TRiZZZ>.



@_ihu



TWEETS
91,4 ml

SEGUNDO
1.932

SEGUIDORES
10,9 ml

CURTIDAS
-51

LISTAS
9

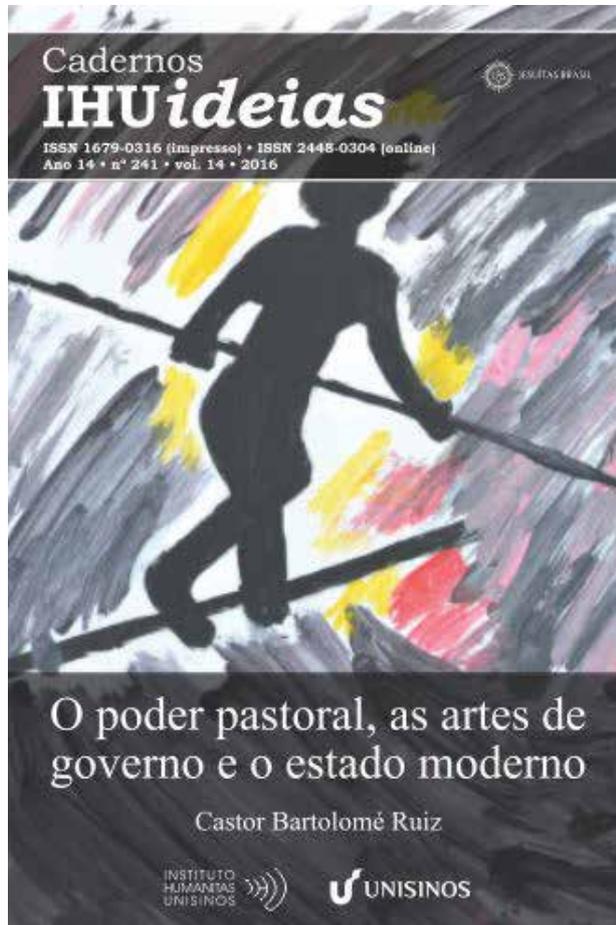
Seguir



ihu.unisinos.br

PUBLICAÇÕES

O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno



Cadernos IHU ideias, em sua 241ª edição, publica o artigo de Castor Bartolomé Ruiz, Professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

O poder pastoral é uma modalidade de poder que se caracteriza pela noção do cuidado do outro. É sabido que nossa concepção de democracia remete à prática política da polis grega. Porém, é muito menos conhecida a genealogia da governamentalidade do Estado moderno em sua relação ao poder de cuidado da população. No ensaio debate-se como o tipo de poder que o Estado desenvolveu ao cuidar das necessidades da população - por exemplo as políticas públicas - remete às técnicas do poder pastoral criadas pelo cristianismo ao longo dos séculos, que por sua vez tiveram influência da noção de pastorado do oriente antigo.

O poder pastoral, ao cuidar do outro, desenvolveu uma arte específica do governo das condutas. As artes de governo, longamente aperfeiçoadas pelo poder pastoral, tiveram uma decisiva influência na articulação dos modos de governar do Estado moderno. Muitas das técnicas da arte de condução das almas, próprias do poder pastoral, foram assimiladas e aperfeiçoadas pelas técnicas governamentais das populações, aplicadas pelo Estado e também pelo mercado modernos. A economia política moderna produziu uma arte específica do governo das populações influenciada pelas técnicas do poder pastoral, constituindo-se num dos marcos da biopolítica moderna.

O artigo completo em PDF está disponível em <http://bit.ly/1Yy07S7>

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone 55 (51) 3590 8213. ■

Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

Hegel. A tradução da história pela razão

Edição 430 - Ano XIII - 21.10.2013

Disponível em <http://bit.ly/296tcjJ>

A filosofia da história de Hegel, que busca encontrar a razão nos acontecimentos, levanta importantes discussões sobre os estados nacionais e a liberdade humana. Para evidenciar a sua atualidade, a revista IHU On-Line de número 430 convidou pesquisadores para debater a atualidade de Hegel na contemporaneidade. Contribuem para o debate Marly Carvalho Soares, José Pinheiro Pertille, Eduardo Luft, Cesar Augusto Ramos, Alfredo de Oliveira Moraes, Konrad Utz, Agemir Bavaresco, Daniel Brauer, Tom Rockmore, Héctor Oscar Arrese Igor e Marco Aurélio Werle.



Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao niilismo ético

Edição 374 - Ano XI - 26.09.2011

Disponível em <http://bit.ly/294kv9M>

Em 2011 completava-se 90 anos do nascimento de Henrique Cláudio de Lima Vaz, intelectual de saber enciclopédico e considerado uma "lenda" já em vida em função de sua trajetória filosófica. O jesuíta dedicou sua vida à filosofia, construindo um majestoso e importante edifício teórico centrado na importância do ser humano e de suas relações com a alteridade e a transcendência. Celebrando a memória de Henrique Cláudio de Lima Vaz, filósofo brasileiro, a edição 374 da IHU On-Line entrevistou diversos especialistas no pensamento vaziano, como Álvaro Mendonça Pimentel, Marly Carvalho Soares, Rubens Godoy Sampaio, Cláudia Maria Rocha de Oliveira, Delmar Cardoso, Elton Vitoriano Ribeiro, Marcelo Perine e Marcelo Fernandes de Aquino.



Fenomenologia do espírito de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. 1807-2007

Edição 217 - Ano VII - 30.04.2007

Disponível em <http://bit.ly/1jzHRXF>

Em 1807, Georg Wilhelm Friedrich Hegel publicava a Fenomenologia do espírito. Para avaliar a importância dessa obra, que em 2007 completava 200 anos de lançamento, contribuem na edição de número 217 da IHU On-Line os seguintes estudiosos de Hegel: José Henrique Santos, ex-reitor da UFMG; Walter Jaeschke, diretor do Hegel-Archiv, na Ruhr-Universität Bochum, Alemanha; Pierre-Jean Labarrière, do Centro Sèvres de Paris e Eduardo Luft, professor de filosofia da PUC-RS. Outros entrevistados são Carlos Roberto Velho Cirne Lima, um dos maiores estudiosos e especialistas brasileiros de Hegel, professor do PPG em Filosofia da Unisinos; Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, reitor da Unisinos, e Paulo Gaspar de Meneses, tradutor da Fenomenologia do espírito para a língua portuguesa. ■



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL IHU

13 e 14

de setembro
de 2016

Políticas Públicas, Financeirização e Crise Sistêmica

Objetivo Geral

Analisar transdisciplinarmente a construção e efetivação das políticas públicas no Brasil, tendo como referência a financeirização e a crise sistêmica, de forma a apontar e problematizar seus principais resultados, limites e possibilidades.

Programação

Compreendendo a financeirização: conceito(s), origens, impactos e (im)possibilidades - Prof. Dr. Yann Moulrier Boutang - Universidade de Tecnologia de Compiègne - UTC - França

Financeirização e suas estruturas: a transição ecológica para uma sociedade dos comuns? - Prof. Dr. Gaël Giraud - Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS - França

Social-Desenvolvimentismo, financeirização, avanços e retrocessos: o estágio de desenvolvimento que não chegou virá? - Prof. Dr. João Sicsú - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

A financeirização e seus impactos à vida em sociedade: (co)gestão pública, privada e/ou social - Prof. Dr. Yann Moulrier Boutang - Universidade de Tecnologia de Compiègne - UTC - França

Democracia, políticas públicas, poder e representação: considerações epistemológicas - Profa. Dra. Francini Lube Guizardi - Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz/Brasília

Políticas Públicas, Financeirização e Crises no Brasil: um olhar a partir de Deleuze, da antropologia imanentista e da sociedade pólen - Prof. Dr. Giuseppe Cocco - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Políticas Públicas, Financeirização e a aposta municipalista: experiências internacionais e a comparação com o cenário brasileiro - Bernardo Gutiérrez - Global Revolution Research Network - Universitat Oberta de Catalunya (UOC)

O capitalismo vindouro e a sustentabilidade: os papéis da gestão e da economia - Prof. Dr. Gaël Giraud - Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS - França



Para ver a programação acesse <http://bit.ly/1SV4Fvv>.

Para se inscrever acesse <http://bit.ly/1XeCvkB>.



ihu.unisinos.br



bit.ly/iuon



twitter.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



medium.com/@_ihu